



RAUL DE AZEVEDO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

TERRAS E HOMENS

ENSAIOS



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 39



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 39

TERRAS E HOMENS

RAUL DE AZEVEDO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



**DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021**

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Terras e homens (ensaios)	11

© **Raul de Azevedo**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial
Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial
Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa
© piccaya/Envato

Digitalização dos originais
Roumen Koynov

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994t Azevedo, Raul de, 1875-1957
Terras e homens. Manaus: Reggo/Academia
Amazonense de Letras, 2021.
Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda – v. 39;
ISBN 978-65-86325-44-7
1. Ensaios brasileiros I. Título

CDD B869.45

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361
N. Sra. das Graças – Sala 303
69053-110 – Manaus-AM

REGGO Fone: (92) 98817-0172
@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

Raul de Azevedo foi um dos fundadores da Sociedade Amazonense de Homens de Letras em 1918 e autor da proposta que, em 1920 a transformou em Academia Amazonense de Letras, e o primeiro dos ocupantes de cadeiras acadêmicas a proferir discurso de ingresso no Silogeu.

Jornalista, servidor público federal nos Correios, representante consular em Manaus durante muitos anos, viveu e conviveu na capital amazonense entre a imprensa diária, a produção de seus livros que somam a mais de 30 títulos sobre temas e em gêneros variados, as disputas políticas, partidárias e eleitorais, os embates e desafios pelos jornais, sofrendo as dores da perda abrupta de um filho fato que marcou profundamente sua vida.

Anos depois seguiu para o Rio de Janeiro, onde se manteve com exercício permanente na imprensa e fez editar a revista *Aspectos*, representou a Academia Amazonense na Federação das Academias de Letras do Brasil e, tanto como em Manaus, estabeleceu várias polêmicas pelos jornais.

Essa obra, *Terras e Homens* apresenta importante contribuição de Raul de Azevedo para a literatura produzida no Amazonas em razão de tratar de algumas personalidades da política e das letras, lavrando a visão pessoal que construiu em relação próxima com aqueles aos quais dedicou muitas páginas da obra.

A decisão da Academia de reeditar esse trabalho traduz não só a homenagem da instituição a um dos seus vultos fundadores e animadores,

como um daqueles que mais encarnou o espírito acadêmica no formato e inspiração do modelo francês.

Como os demais títulos selecionados para esta série de edições, *Terras e Homens* está fora das prateleiras comerciais e ausente das bibliotecas há muitos anos, privando os leitores e pesquisadores da variada e rica contribuição de Raul de Azevedo, o que, agora, está sendo suprimida pela Coleção Pensamento Amazônico, Série João Leda, disposto na rede mundial de computadores, e, portanto, facultado, livremente, a qualquer interessado e estudioso.

A Academia honra-se de incluir obra de um dos seus fundadores na composição de sua coleção editorial.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

RAUL DE AZEVEDO

TERRAS
e HOMENS

ENSAIOS



IRMÃOS PONGETTI

Rio de Janeiro

Os livros de Raul de Azevedo

ROMANCES :

DOUTOR RENATO, Laemmert & Cia., Rio de Janeiro.
TRIPlice ALIANÇA, Parceria Antonio Maria Pereira, Lisboa.
AMORES DE GENTE NOVA, A Editora, Lisboa, 1.ª edição; —
2.ª edição, Livraria do Globo, Porto Alegre.
ONDE ESTA' A FELICIDADE, Aillaud e Bertrand, Lisboa.
ROSEIRAL, Editora Guanabara, Rio de Janeiro.
AQUELA MULHER... (romance freudiano), Calvino Filho, Rio
de Janeiro.
LOURAS DO SUL, MORENAS DO NORTE — Edição Pongetti,
Rio de Janeiro.

CONTOS :

TERNURAS, Oscar Monteiro, São Paulo.
VIDA ELEGANTE, Parceria Antonio Maria Pereira, Lisboa.
AMIGOS E AMIGAS, Cesar Cavalcante & Cia., Manaus.
SENHORAS E SENHORINHAS, Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo.

CRÍTICA E VIAGENS :

HOMENS E LIVROS, Leuzinger ! Cia., Rio de Janeiro.
CONFABULAÇÕES, Aillaud e Bertrand, Lisboa.
BAZAR DE LIVROS, Adersen, Editores, Rio de Janeiro.
VIDA E MORTE DE STEFAN SWEIG, Aspectos, Rio de Janeiro.
NO AMAZONAS, Governo do Amazonas, Manaus.
ASPECTOS E SENSACIONES, viagem à Europa, Parceria Antonio
Maria Pereira, Lisboa.
D'ALEM-MAR, viagem à Europa, A Editora, Lisboa.

CONFERÊNCIAS :

A ALMÀ INQUIETA DAS MULHERES (premiado pela Academia
Brasileira de Letras), Livraria Clássica, Manaus.

CRÔNICAS :

ARTIGOS E CRÔNICAS, Livraria Chardron, Lello & Irmão, Porto.
NA RUA, Parceria Antonio Maria Pereira, Lisboa.
A ESMO, Livraria Chardron, Lello & Irmão, Porto.
TERRA A TERRA, Editor Fretas & Cia., Manaus.
HORA DE SOL, Companhia Dias Cardoso, Juiz de Fora, Minas
Gerais.
VIDA DOS OUTROS, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

ENSAIOS :

MEU LIVRO DE SAUDADES, Freitas Bastos & Cia., Rio de Ja-
neiro.
TERRAS E HOMENS, Edição Pongetti, Rio de Janeiro.

No prelo :

QUANDO A RAÇA SE HUMANISAR, romance.

Em preparação :

CONFIDÊNCIAS E DEPOIMENTOS



*A M. Paulo Filho
Viriato Corrêa
e Manuel Lourenço de Magalhães.*

*No hay libro tan malo
que no tenga algo bueno...*

CERVANTES.

O MARANHÃO E AS SUAS GLÓRIAS

Duma feita, um dos nossos pensadores escreveu:

“Pensai, mas sêde sempre pensador verídico. Voai mas não percais de vista a realidade. E’ preciso que as télas de ouro das vossas idéias se prendam, aqui e ali, a esteios e seguradores do real. Não se construirá obra durável e sólida sem a fixação e a rigidez dos alicerces. Contudo, não confundamos o verdadeiro com o imediato. Nos vossos vãos, não vos poderia aconselhar a que estivésseis sempre à altura das montanhas e nunca perdêsseis de vista os cumes da terra. Êles são altos, altíssimos; mas o aviador não póde

ficar adstrito a olhar os picos das cordilheiras. O que está lá em cima também é realidade e sereis o sacrificado de um escrúpulo, a vítima de um erro, se só julgásseis real o que está ao imediato alcance dos vossos tentáculos sensitivos, — dos vossos olhos, dos vossos ouvidos, das vossas mãos...”.

E essas terras queridas do Maranhão glorioso foram sempre vencedoras, porque, ontem como hoje e amanhã, ficaram e ficarão eternamente dentro do Sonho e da Realidade.

Não se vive somente da fantasia alada, de lindos ideais e nem se poderá ficar adstrito à matéria brutal e esmagadora. E a nossa gente intelectual e o nosso povo inteligente e perspicaz, com a visão precisa da vida complexa, aliaram o canto dos seus poetas à ação heróica dos seus homens.

O Maranhão foi sempre a imaginação. Ele tem páginas de Ariosto no *Orlando Furioso*, de Dante no *Inferno*, de Milton no *Paraíso Perdido*, de Vergílio na *Eneida*. Mas

também foi sempre o feito, a cruzada em prol da Pátria, múltiplas façanhas por uma liberdade que era aspiração suprema, por uma independência que era uma obsecação da Raça.

E daí, nas épocas douradas de antanho, nimbadas de luz, preponderante e dominador nas letras e nas guerras; daí, nos dias cruéis de hoje, ser a tradição que se ama e se respeita, clarão que ainda e sempre irradiará saber puro e cultura apurada, para o nosso encanto e a nossa fama. E' como se fôsse uma Grecia bem amada...

E o 28 de julho nos lembra e nos aviva pugnas tremendas, de há mais de um século, combates e pelejas, correrias e assaltos, numa fase que foi tôda ela uma alta vibração patriótica, tocada duma superioridade que empolga e extasia os seus homens excepcionais, terçando também as armas brancas do espírito, gladiando-se numa imprensa que espantava o Brasil todo, que galgava as fronteiras, que era como uma bandeira vitoriosa desfraldada no País forte e querido !

Recordemos a nossa linda terra... Ela se ergue no hemisfério austral, tendo 9° e 40° com a latitude da extremidade septentrional do cabo Gurupy, e a meridional nas vertentes do belo Parnaíba. O Maranhão tem o aspecto inteiramente geométrico.

A sua configuração, disse o grande André Rebouças, é a de um gigantesco trapézio irregular, formando o Parnaíba, desde a fóz, na barra das Canárias, até a sua nascente, na serra de Tabatinga, o primeiro lado; a serra das Mangabeiras, os rios Manoel Alves Grande e Tocantins até a confluência com o Araguaya, o segundo; dêste ponto à fóz do Rio Gurupy, o terceiro; o litoral desde a fóz do Rio Gurupy até à do Parnaíba na barra das Canárias, o quarto lado. Positivamente um trapézio...

O Maranhão ocupa, com relação aos demais Estados da Federação Brasileira, diz Arnald Wrigth na sua vasta obra sôbre o Brasil; o quarto lugar em litoral, com 120 léguas; o sexto, em superfície com 458.884 quilômetros quadrados, isto é, maior que a Hespanha, Suécia, Noruega, Italia, Inglaterra, Portugal e outros países da Europa. A

sua população, pelo último recenseamento, quasi de 1.300.000. Um recenseamento perfeito daria 2.000.000 de almas.

A nossa temperatura, embora com média anual de 26°, é serena e dôce. Já dizia Viveiros de Castro que as estações são completamente discriminadas e não temos a receiar as bruscas variações de temperatura, tão perigosas para as pessoas ainda não aclimadas. As chuvas contínuas fertilizam o sólo. E tanto que Henry Buff, o célebre professor da Universidade de Giéssen, cita primeiro Mahabruleskvar, depois Guadalupe, uma ilha das Antilhas e finalmente o Maranhão,

“onde a quantidade de água é avaliada em 259,9 polegadas de Paris”.

E os muitos rios que o banham e as suas grandes florestas lhe amenizam o clima e trazem um encanto novo à região.

E São Luiz, a nossa tradicional capital, é de certo a maior das cidades do litoral entre Pará e Pernambuco. Assinala-o Elisée Réclus, no seu curioso livro *Estados Unidos do Brasil*. Acrescentava que está ainda no

lugar escolhido por La Ravardiére em 1610, e conserva o nome que lhe foi dado em honra de Luiz XIII.

— Situada na costa ocidental duma ilha pouco elevada, que o canal Mosquito separa do continente, ela ocupa a extremidade duma baixa península, entre dois estuários que encontram a oeste a baía de São Marcos, acessível a navios de grande calado. Alamedas de árvores magestosas sombreiam algumas das suas principais ruas. —

Ferdinand Denis, na “Introduction au Voyage dans le nord du Brèsil por Ives d’Evreux”, acrescentava que até alguns edifícios arruinados daquela época primitiva foram piedosamente reconstruídos por brasileiros.

Esse nome de Maranhão...

Ele trouxe grandes complicações, dúvidas então complexas. Primeiro, foi a origem da própria palavra, — no dizer do historiador patricio Rocha Pombo, na sua *História do Brasil*. — Explicam-na uns como vindo da pergunta que teria feito algum dentre os que o descobriram: — “Isto é mar ou rio?” — à qual deve ter outro respondido: “Mar... ah, não!”

Pensam outros que provém das maranhãs ou enganões e traições a que por ali, pelo estuário, se sujeitavam os navegantes, ou de uns contra outros. Vários cronistas, como Berredo, *Anais históricos do Maranhão*, acreditam que Maragnon era o nome do que primeiro visitou o rio-mar. Esta opinião é aceita pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e outros. No seu trabalho sob o título de *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela Corôa de Portugal*, publicado na *Revista do Instituto*, escreve o sábio naturalista, — “Depois do descobrimento dos Pinzons pela parte do mar, o segundo espanhol que descobriu o Rio das Amazonas, pela parte de terra do Reino do Parú, parece ter sido um fulano Maranhão, a quem atribuem o capitão Simão Estacio da Silveira e o bispo D. Fr. Cristovam de Lisbôa a razão dêste apelido, que do descobridor passou ao rio e dêste à ilha do Maranhão. Vem depois a confusão que se fez dos nomes *Amazonas* e *Maranhão*. Por fim, Maranhão ficou designando definitivamente a ilha onde se acha a cidade de São Luiz. Esta ilha do Maranhão foi primeiro conhecida por ilha da Trindade, depois, ao tempo dos sobreviventes da expedição Ayres da

Cunha, por ilha das Vacas; e com a ocupação francêsa nos princípios do século XVII, teve o nome de São Luiz, hoje restrito à cidade”.

E' sabido que a descoberta do território hoje conhecido por Maranhão é devida ao espanhol Vicente Pinzon. Lê-se na obra de Reginald Lloyd sôbre o Brasil, — em 1534, deu o govêrno portugûês a João de Barros e Fernando Alvares de Andrade tôda a costa e as regiões do interior, que hoje compreendem os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, para serem administrados com duas capitánias. Uma expedição com cerca de 1.000 colonos partiu de Portugal, para tomar posse destas terras; mas, tendo naufragado nas costas do Maranhão, apenas uma centena daqueles homens sobreviveram. Dez anos depois, Luiz de Mello trouxe ao Brasil uma nova expedição, que também teve fim desastroso. Conquanto Portugal tivesse sempre considerado suas as cós-tas do Maranhão, não eram elas, entretanto, nem bem conhecidas, nem tão pouco colonizadas quando, em 1594, os francêses, coman-

dados por Jacques Riffault, de Dieppe, se estabeleceram na ilha do Maranhão, procurando ali firmar o seu domínio.

Em 1612 fundaram êles a cidade de São Luiz, assim denominada em homenagem a Luiz XIII, Rei de França. Em 1614 os franceses foram expulsos por Jeronymo de Albuquerque, e em 1621, o Maranhão, constituído pelas capitanias do Pará e Ceará, ficou definitivamente organizado. Durante o domínio holandês em Pernambuco, também o Maranhão caiu em seu poder; mais tarde, porém, foram os invasores expulsos. Em 1733, residiam os Governadores do Maranhão em Belém do Pará, e a administração foi exercida no Maranhão por capitães-gerais até 1772, quando o território maranhense foi definitivamente separado do Pará. Com a separação das Corôas brasileira e portuguesa, ficou o Maranhão constituindo uma província do Império; e em 1889, com a proclamação da República, foi Estado.

O domínio holandês foi terrível para o Maranhão, na época de Lichthart, ao contrário da fase proveitosa dos franceses. Índios e portugueses, depois da horrível bata-

lha, expulsaram os invasores, e novamente foi a ilha reintegrada à Corôa de Portugal.

Inesquecível para todos nós foi o movimento ousado da libertação patrocinada por Beckman, caído no patíbulo. Tenhamos um preito de dor e saudade pelo herói e mártir que foi Beckman, — de certo uma das primeiras das grandes vítimas em prol das liberdades pátrias.

Da Independência à República o feito mais surpreendente que tivemos foi a chamada *balaiada*, revolução que irrompeu em 1838, sufocada por aquêle que depois foi o grande, o imortal Marechal e Duque de Caxias, — símbolo do Exército Nacional.

Rico no sólo, na agricultura, na pecuária, na indústria, no comércio, na fauna e na flora, Agassiz assinalou desde aquelas épocas de antanho a sua importância.

Antes, a sua valia fôra vastamente fixada na *Lettre d'un Père Capucin*, escrita pelo padre Claudio d'Abbeville, e pela primeira vez publicada por Tornaux Compans nos

Archives des Voyages, em 1612, segunda parte, e no opúsculo *L'arrivé des Péres Capucins et la convertion des sauvages* pelo mesmo autor, em 1613; no livro célebre de Ivo d'Évreux *Voyage dans le nord du Brèsil*, aparecido em 1615; em Diogo de Campos Moreno, no manuscrito *Jornada do Maranhão*, que saiu em 1812, de incontestado valor por ter sido o autor companheiro de Jeronymo de Albuquerque; em *Les Fruis de La Mission*, saída em Lile em 1614; em os *Andes históricos* do famoso Berredo, no seu estilo tão gongórico, livro bem conhecido na sua terceira edição que traz um estudo sôbre a vida, a época e os escritos do autor pelo notável historiador e saudosíssimo amigo Bertino Miranda Lima; em Antonio Henrique Leal nas suas *Locubrações* de 1874; em Candido Mendes de Almeida nas *Memórias do Maranhão*, de 1874; em a *Relação sumária das coisas do Maranhão*, de Simão da Silveira e outros.

O certo é que, no justo dizer de José Ribeiro do Amaral, na obra *Fundação do Maranhão*, Berredo seguiu à risca e com muita exatidão a Claudio d'Abbeville; e Gayoso e Lago a Berredo sòmente; Diogo de Campos a Claudio d'Abbeville; Beauchamp a Berredo

e a d'Abbeville; convindo notar que a compilação de Gayoso se ressentia de grande confusão e não poucas inexatidões.

Das suas hoje magníficas condições de salubridade falou êsse brilhante cientista e festejado escritor que é Afranio Peixoto, nas páginas refletidas do livro *Clima e Doenças no Brasil*. Publicistas estrangeiros também nos fazem agora essa justiça.

Mas o maranhense emigra bastante, claro que na ambição humana de melhorar, e de preferência ia para a Amazonia. Aí, como é incontestado, êle triunfou. Ao sul, também. "Contamos, escrevia um sagaz observador, ao norte como no restante do Brasil, muitos maranhenses entre os de maior valor mental, além dos altamente colocados na política, nas funções públicas, nos negócios, nas letras".

Se a psicologia do indivíduo é difícil e rara, que dizer da de um povo ?

Classificar o seu caráter psico-étnico, de certo reclamaria a vasta competência dum Euclides da Cunha, o maravilhoso autor dos *Sertões*. Mas cremos não será erro fixar o maranhense no tipo inteligente, culto, contemporizador e, acrescentaremos, eclético.

Um publicista, Raymundo Lopes, — no *O Torrão Maranhense* — acrescentava que as suas mais belas qualidades, a tolerância e a ordem, ou melhor adaptabilidade, chegam a degenerar em defeitos... “Intelectualmente, nota-se-lhe a facilidade de idealizar e aprender. E’ incontestável que êstes *athenienses* — permita-se o tradicional epíteto — têm com os defeitos dos seus prototipos clássicos, uma tradição de cultura literária relativamente notável, e cabe-lhes um lugar de destaque na formação intelectual nacional. Há uma qualidade suprema que nunca faltará ao cálamo maranhense, — o colorido, a graça e o calor da dição. Sob o ponto de vista da criação estética e científica, tem dado exemplo de espírito crítico claro e seguro, e de fôrça conceptiva e associativa”.

O que se evidencia, assinalou o escritor citado, é o que falta ao nosso tipo social; muito de experiência econômica, de iniciativa, de audácia, de segurança de ação. — Falta-nos sobretudo o que se póde chamar a coesão dinâmica, a unidade ativa.

Mas o defeito não é somente nosso, não é regional. Ele é do Brasil inteiro... O artifício há de passar, e então nos aperfeiçoaremos, para as glórias puras da Raça.

A nossa terra poderia ser também chamada a Cidade das Árvores. Ali, sempre houve o seu culto apurado. No Brasil todo foi o Maranhão quem primeiro deu o exemplo de carinho, de amor, de cuidado, de idolatria pela Árvore. Enquanto do sul e norte ela era até então descuidada, criando-se e desenvolvendo-se apenas ao sabor caprichoso da Natureza, a cidade fundada por La Ravardiére tratava-a com esmero, podava-a com carícias. E o gosto espontou enfim pelo Brasil todo em prol da árvore patricia.

O Maranhão é a terra das palmeiras gigantescas e senhorís. A palmeira é um símbolo da nossa Pátria. Ela é altiva e magestosa, e soberana, rainha por excelência das árvores. Nada a excede em beleza e em pompa. Sugestiona e domina. Empolga, faz pensar. Entre o céu e a terra, o tronco eréto e firme, — a cópa frondosa e elegante, ela é a Natureza esplendente e o sonho embalador.

Gonçalves Dias foi de fato um poeta maravilhoso, excepcional, o nosso cantor por excelência. Ele era bem a alma fremente do Maranhão, e da nossa Raça, — Realidade e Sonho. Foi o nosso cantor guerreiro, o que glorificou o índio apoteosando-o, foi poeta que no verso impecável e na rima apurada disse de todo o nosso bem querer, dos nossos Amores e das nossas Saudades !

Nos “Primeiros, Segundos e Últimos Cantos”, nessas *Poesias diversas, Poesias Americanas, nas Visões, nos Hinos* e nas admiráveis *Sextilhas de Frei Antão*, o bardo patricio, no seu próprio dizer — “casava o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, e a idéia com a paixão”.

Há nestes lindos versos de amor, *Seus Olhos*, dum lirismo macio, duma grande e suave afetividade, de bardo excelso, inspirados nos belos olhos duma das nossas mais formosas conterrâneas, e que foi uma forte paixão do poeta, um doce poema:

“Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
[de vivo luzir,
estrelas incertas, que as águas dormentes
[do mar vão ferir.”

A palma é o emblema da vitória. Ela vem da palmeira magnífica. E' abençoada por Deus. E já aquele perspicaz padre francês Claudio d'Abbeville, que perlustrou longamente as nossas terras amadas, no seu famoso livro *Histoire de la mission des Pères Capucins em l'isle de Maragnon*, publicado em Paris em 1614, canta entusiasta a árvore real, dizendo ser a nossa Ilha um grande jardim e "um campo de vitórias por não haver um inimigo que possa vencer a palmeira, ficando a Ilha sempre vencedora e desassombrada de seus inimigos".

E' entre palmeiras altas e nobres que surge a estátua branca e sugestiva do primeiro dos poetas do Brasil, do maior dos poetas das Américas. Na esguia e bela coluna de mármore de Carrara, cercado pelas fôlhas reais das palmeiras que ondulam aos ventos, aparece dominador o vulto do cantor imortal do *Y Juca Pirama* — em frente o mar, que ora tem rugidos de estremecer e de espantar, bramidos perigosos de féra, e ora é dôce e sereno como a alma virgem das crianças. . .

Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Castro Alves, — foram os poetas por excelência da nossa Raça.

Não esqueçamos, nessa ronda fugás, de inteligência e do saber maranhense, de Dunschee de Abranches, — escritor e jurista.

Não trataremos dos maranhenses vivos, que há, às centenas, pontificando no Rio de Janeiro e no Brasil todo, de Sul a Norte. Como seria lamentável o esquecimento, embora involuntário, de alguns nomes! Na Academia Brasileira de Letras o Maranhão teve outr'ora farta representação e brilhante, — Coelho Netto, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Adelinio Fontoura, Graça Aranha, Humberto de Campos. Hoje tem apenas um, aliás brilhante representantê. Na augusta Federação das Academias de Letras do Brasil há nomes e de certo não será o nosso — de vultos que honram o meu, o nosso Maranhão; “naquela sagrada colina sobranceira ao Anil e ao Bacanga”, no dizer do filólogo e escritor sr. Alfredo de Assis.

Lembramo-nos da *Revista do Norte*, onde escrevemos, dirigida por uma das figuras mais deslumbrantes que o Maranhão teve a glória de possuir, Antonio Lobo.

Lá naquelas outr'ora longínquas terras da capital do País — o avião come hoje faminto o espaço, — vive uma Academia Maranhense de Letras, cujos trabalhos assinamos, e a que pertencemos.

Houve no Maranhão Correia de Araujo, entre os melhores poetas da nossa terra natal; Astolfo Marques, notável beletista; Vespasiano Ramos, cujos poemas recordaremos sempre; Luiz Vianna, jornalista e escritor; Arnaldo Vieira da Silva, poeta e prosador, autor das *Poesias e Consolação*; Agostinho Reis, jornalista; Antonio da Costa Gomes, que cinzelava belos alexandrinos; Luiz Carvalho, poeta discreto no publicar; João da Costa Gomes, novelista, contista, que ficou nas sombras do seu pseudônimo — João Quadros; Reis Lisbôa Filho, que trocou a poesia pela magistratura; Francisco Serra, bardo de emoções.

Não olvidaremos a *Oficina dos Novos*, com êsses e outros expoentes, que era assim uma espécie da *Padaria Espiritual* do Ceará, a que pertencemos, ou da *Mina Literária*, do Pará, que ajudamos a fundar.

Havia o espírito lúcido da A. J. Alves de Farias, alagoano que se fizera maranhense. Há um escritor português que lá viveu, em São Luiz, e identificara-se com o Maranhão. Fran Pacheco, — depois nosso companheiro nas imprensas paraense e amazonense. Ele foi um infatigável trabalhador pelo Maranhão cultural, e se ressaltou o seu nome é porque, há longos anos afastado da nossa terra, vive a sua velhice no Portugal heróico.

Como esquecer I. Xavier de Carvalho, poeta e escritor, um dos últimos maranhenses intelectuais que a morte levou ?

Dias depois morre ainda no Rio de Janeiro outro poeta maranhense, de inspiração, Ignacio Rapôso.

São Luiz do Maranhão é tãda uma tradição e seu aspecto é colonial. Típicas são as suas construções, como o próprio traçado das suas ruas. Aqueles sobrados feitos de pedras atestam, — relembra certo jornalista — nas linhas caprichosas das fachadas, o sentimento artístico dos nossos antepassados. Era a cidade dos azulejos.

E houve uma ânsia criminosa de se modernisar, de matar até a feição histórica da bem amada Cidade de São Luiz !

Precisamos reagir contra essas inovações futéis, que assassinam a estética, a arte, a tradição, a própria sensibilidade.

Ou deixaremos de ser aquela formosa e famosa Athenas Brasileira, Pátria do saber e da erudição, sentinela alertada do bem escrever, da pureza do idioma, da elegância da linguagem, das boas maneiras, daqueles inegaláveis tempos de antanho, em que eram mestres excelsos Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisbôa, e tantos, tantos outros!

Há felizmente uma comissão designada, composta de três homens de cultura, para defender o patrimônio histórico do Maranhão. Ainda bem !

Louvamos daqui o gesto da Prefeitura Municipal, que lemos nos jornais, — limitando o perímetro da Cidade antiga, dentro do qual as construções e reconstruções terão de atender ao estilo colonial.

Parece que se salvará assim a cidade de Daniel de La Touche.

Ainda êste ano o Rio de Janeiro comemorou a passagem do terceiro centenário da expulsão dos holandêses do Maranhão, e a cerimônia promovida pelo Ministério da Educação comprovou os nossos valores, tão bem acentuados nas obras de Capistrano de Abreu, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e outros historiadores e sociólogos.

Na guerra e na paz, o Maranhão é uma glória. Em 1644 êle fez desfraldar, outra vez, o pavilhão de Portugal, sendo expulsos os holandêses. E' um símbolo a figura de Antonio Muniz Barreiros. O poeta mais popular do Brasil era maranhense, embora se chamasse Catulo Cearense.

O Maranhão teve a honra de possuir no seu govêrno o Duque de Caxias, o glorificador, expoente das glórias lídimas do brioso e denodado Exército Nacional.

Um escritor nosso citava, duma feita, uma frase sugestiva do Mestre Anatole France, nas páginas cheias de encanto do *Jardins de Epicuro*, — tudo se póde e se deve dizer, quando se sabe dizer tudo.

Um dos nossos intelectuais, estadista que dirigiu os destinos da nossa terra natal, era o sr. Godofredo Vianna. Num seu estudo sôbre o Maranhão, curto e incisivo, êle diz:

“o nosso futuro se apresenta auspicioso, e o passado refulge nas páginas da história pelo brilho que lhes deram seus homens de letras e seus estadistas. Neste particular nenhuma outra unidade da Federação se há adiantado a nós. Grande é a pleiade de seus intelectuais e de seus homens públicos. Poetas como Gonçalves Dias; helenistas e latinistas como Odorico Mendes; historiadores e publicistas como João Lisbôa; jornalistas como José Candido e Joaquim Serra; matemáticos como Gomes de Souza; jurisconsultos como Candido Mendes Vilhena e Almeida Oliveira; gramáticos como Sotéro dos Reis e Pedro Nunes Leal; oradores como Gomes de Castro e Paula Duarte; novelista como Aluizio Azevedo; estadistas como Furtado Franco de Sá, Benedito Leite, Urbano San-

tos... para só falar dos mortos e dos maiores que honram e brilham a cultura espiritual do Maranhão e elevam bem alto o seu nome”.

Lembramo-nos de episódios e recordações, tão bem contados pelo espírito fulgurante de Domingos Barbosa.

E outros, e muitos outros...

Custodio Alves Serrão, professor, químico, naturalista e físico; Cesar Augusto Marques, médico, historiador, geógrafo, professor; Fabio Alexandrino de Carvalho Leal, economista, parlamentar, publicista, professor; D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, Arcebispo da Bahia, pregador e professor; Antonio Marques Rodrigues, economista, parlamentar, poeta, professor; Frederico José Corrêa, poeta, jurista, crítico, parlamentar; Antonio Jansen de Mattos Pereira, jurisconsulto, professor, publicista, político; Felipe Franco de Sá, parlamentar, filólogo, jurisconsulto e publicista...

Está é uma página de saudades. Permitam, meus conterrâneos e meus amigos, que invoque alguns dos outros nomes daqueles que são uma glória lídima do Maranhão...

E' um gesto de Justiça. E' o nosso dever, é a nossa obrigação, é o nosso prazer.

Dizia aquele nosso excepcional escritor e estadista Joaquim Nabuco — talvez o mais encantador dos homens que o Brasil já teve:

“devemos ver na morte a substituição apenas dos operários da mesma causa, a renovação necessária da vida. O que quer que seja a verdade, a imortalidade, que Platão chamava uma esperança, basta, para cumprir o seu dever na sociedade, que o homem saiba que tudo o que êle tiver praticado de puro e de nobre há de ser aproveitado pelos seus sucessores e constitúe a herança da sua espécie”

Assim, recordamos com carinho outros nomes do Maranhão famoso, — Gentil Homem de Almeida Braga, novelista, romanista, professor, poeta, parlamentar e um apurado gentleman. Um padrinho de batismo que me honra. João Mendes de Almeida, parlamentar, publicista, historiador, jurisconsulto; Trajano Galvão de Carvalho, poeta e professor; Joaquim de Souza Andrade, poeta,

engenheiro, publicista e professor, vanguarda deo do futurismo no Brasil, com um poema sensacional na época; D. Luiz Raymundo da Silva Brito, comediógrafo, orador sacro, parlamentar, professor, Arcebispo de Olinda; João Antonio Coqueiro, matemático, engenheiro, publicista, professor; Francisco Dias Carneiro, outro poeta, magistrado, industrial, parlamentar; Antonio Enes de Souza, químico, mineralogista, inventor, publicista e professor; Teixeira Mendes, profundo filósofo.

Há outros nomes que não podem, que não devem ser esquecidos. Francisco José Viveiros de Castro, contista, jurisconsulto e professor; Hugo Vieira Leal, poeta, romancista, dramaturgo, publicista, crítico; Almir Braga Nina, médico, publicista, professor; Celso da Cunha Magalhães, poeta, novelista, publicista, crítico; Raymundo Nina Rodrigues, médico, professor, publicista, autor de excelentes obras científicas, consagradas no País e no estrangeiro; Theodoro da Silva Bayma, médico bacteriologista, autor também de livros científicos; o professor e jornalista de grandes méritos Temistocles Aranha; Caetano Cesar de Campos, homem de letras e engenheiro; Eusebio Almeida Martins Costa, mé-

dico, professor, autor de obras de ciências; José Augusto Corrêa, matemático, professor, filósofo; João de Deus do Rêgo, o poeta das "Primeiras Rimas", e jornalista, meu saudoso companheiro na imprensa paraense, e outros muitos, sem esquecer o popular e glorioso cantor Catulo Cearense.

Em João Francisco Lisbôa encontraremos um publicista excepcional, parlamentar extraordinário, o primeiro dos historiadores da sua época, crítico sagaz e por vezes irônico. As suas obras ainda hoje as releio sempre com um encanto novo. O *Jornal de Timon* tem lugar à parte no publicismo nacional, pelo vasto saber nêle contido e pelo estilo magnífico e surpreendente. São das melhores páginas de literatura, da história, e da graça brasileiras. Querem recordar o feitio de João Lisbôa, o seu modo e a sua maneira de escrever? Aberto ao acaso o *Jornal de Timon*...

Aqui se discute a etimologia do nome Maranhão e se comenta os feitos e os dizeres do grande padre Antonio Vieira, que por

tantos anos habitou as nossas terras e fez aí muitos dos seus estupendos sermões. Mas, vamos a João Lisbôa:

“... mas o famoso Padre Antonio Vieira, zombando a seu modo e usando dos costumados trocadilhos, disse que o Maranhão não queria significar outra cousa, senão Maranha Grande”.

Do Maranhão era Theophilo Dias, um grande e raro poeta que todos nós devemos querer e amar. Uma das mais célebres, perfectas, e impecáveis poesias nossas é a *Martilha*, do brilhante patricio, autor das *Fanfarras*. Ainda do Maranhão era Adelino Fontoura, maravilhoso cinzelador de rimas, lírico emocional que é um encanto e uma filigrana nos lindos poemas de antanho.

Quem neste país imenso não é um deslumbrado pelo verso excepcional de inspiração e de forma de Raymundo Corrêa? Pois bem, êsse é também do Maranhão invejável. Raymundo Corrêa está entre os maiores poetas da Raça, entre os principais das duas Américas. É uma radiosa beleza, o seu ver-

so sempre puro e sempre novo, a rima feliz, engastada com rara mestria e invulgar elegância.

Arthur Azevedo, irmão do grande Aluizio, é outro maranhense de destaque incontestado. Foi comediógrafo por excelência. Fez o jornalismo e o humorismo no verso e na prosa, com chiste e graça. No conto, êle teve por vezes raro espírito. Na poesia lírica foi de grande afetividade. No teatro, porém, é que pontificou. Foi o seu grande batalhador, e se deixou peças populares no gênero de revistas e burletas — e aí foi inimitável, — legou aos seus patrícios finas e cintilantes peças vasadas nos moldes do bom teatro francês. *O Dote*, exemplificando, é uma comédia, com muitas cenas de real valia e de agrado das platéias requintadas.

O seu irmão Aluizio Azevedo, em tôdas as épocas, será um dos maiores romancistas do Brasil. Antes dêle dominou José de Alencar, o poeta de *Iracema*, o psicólogo de *Luciôla*, o escritor másculo do *Guaraní* e das *Minas de Prata*. É em Aluizio que nós temos de estudar a vida brasileira em algumas das suas subdivisões mais interessantes. É um novelista excepcional, de atilada observação,

simples na linguagem, impressionante por vezes. Fica bem ao lado de Machado de Assis, como romancista.

No *Cortiço*, êle é de psicologia intensa como no *Mulato*, ao descrever certo momento da vida maranhense. A sua fantasia risonha encontramos nesse volume que é o *Livro duma sogra*. Temos em *Casa de Pensão* uma obra forte, como nas páginas frementes do *Coruja*. No *Homem* vamos rever o naturalismo à Zola, na época dominando o romance brasileiro, e na *Mortalha de Alzira* o feitio de Theophilo Gauthier, o emocional sonhador de *Mademoiselle de Maupin*.

Aluizio Azevedo é um nome que não é só uma honra para o Maranhão, porque, como tantos, é uma glória para o Brasil.

Encontramos nas Províncias de então como nos Estados de hoje, o esforço tenaz, o trabalho educado, a inteligência brilhante, a cultura apurada do maranhense.

É a nossa terra que, nababa intelectual, — se propaga, com outras, se irradia por todo

êste país que é nosso, por todo êste Brasil uno que nós bem queremos e amamos.

Na formosa capital da República, na linda cidade de jardins, Cidade Maravilhosa, Cidade luz e inteligência, Cidade onde a Natureza esplende casada com o trabalho assombroso do Homem, fóco rutilante do saber patricio, aqui encontramos também na imprensa, na tribuna, no livro, na magistratura, na jurisprudência, no militarismo, no funcionalismo, no comércio, no clero, na sociedade, o brilho do maranhense com a sua inteligência pronta e a sua cultura sólida. Dominou em certo momento o Brasil literário, pelo fórma e pelo estilo um maranhense. Foi Coelho Netto. Romancista, novelista, cronista, contista, poeta, dramaturgo, ensaista, orador, conferencista, êle pontificou na crônica leve e no estudo pensado. Romancista singular. O maior dos nossos estilistas.

Nos Estados do Sul e nos do Norté, empolgante, encontraremos ainda a cooperação eficaz e brilhante do conterrâneo distinguido. Olhemos, examinemos, por momento, a Amazonia grandiosa. Ela é formidável com essa Natureza que é uma riqueza e um assombro, com aquelas florestas magníficas

que têm tôdas as escalas do verde. Os rios que a cortam e recortam, que beiram e bór-dam as suas terras úberes e ferteis, espan-tam. Flora e fauna, formidáveis. Pois bem, — foram dois maranhenses que fizeram as duas grandes e soberbas capitais dos dois Estados do extremo Norte. Foram êles que num trabalho heróico, com uma lucidez excepcional, com uma inteligência clara, a visão certa do *Amanhã*, passaram do Impossível ao Possível, do Sonho à Ação. São os dois grandes construtores, Antonio Lemos em Belém, e Eduardo Ribeiro em Manáus, — foram dois grandes maranhenses os fatores principais da reconstrução e da construção das duas queridas cidades. Póde a paixão partidária, a obsecação pessoal querer empa-nar o Sol... Mas aí estão os grandes e esplêndidos edifícios, os monumentos, os jardins formosos, as ruas alinhadas e calçadas, as praças arborizadas, os serviços de eletricidade, as pontes metálicas, os teatros, as escolas, os museus, os institutos de ensino, tudo, enfim, mostrando, comprovando, que foram êles os seus orientadores e organiza-dores, e fatores principais do Progresso e da Civilização, com o apôio e o auxílio eficaz dos

capazes. Erros? Mas então a ingenuidade nacional quer também a perfeição no Homem?! A perfeição talvez se faça somente dentro da Natureza e para a obra de Arte.

E Antonio Lemos e Eduardo Ribeiro esperam ainda que na praça pública, através do mármore e do bronze esculpidos, se manifestem a gratidão do Pará e do Amazonas, em grandes e eternos monumentos... Algo mais do que o busto ou a hérma.

E se *Pensador*, notabilíssimo engenheiro, jornalista com tradições na nossa terra, é um nome ligado ao Amazonas querido, e a Manáus que empolga e prende pelo carinho, outro nome nós temos na curta história deste País encantado, — Eduardo Ribeiro, maranhense, foi o Construtor maior. Outro maranhense, Carvalho Leal, foi o Proclamador. A República se fez no Amazonas, ao seu grito, ao lado de dois outros companheiros, êle, republicano histórico, aguerrido combatente, forte na imprensa e na tribuna.

E tenhamos ainda uma palavra de Justiça e de Saudade para êsse formoso talento que foi Maranhão Sobrinho. Êle viveu tantos anos conosco! Tantos!... E espalhando e derramando sempre a mancheias o ouro

fulvo do seu alto valor mental, do seu raro sentimento, trabalhador paciente do Verso, aprimorando-o, cinzelando-o, dentro a idéia magnífica, a centelha fulgurante que fez dêsse Príncipe dos Boêmios um dos mais extraordinários poetas do Brasil !

E ao Amazonas magnífico é também caríssimo o nome imortal do cantor forte dêsse poema heróico *Os Timbiras*, — Gonçalves Dias ali esteve, habitou a já então prometedora Cidade dos Barés e dos Manáus, aí por 1861, desempenhando a incumbência delicada e difícil de curar a instrução pública, que ainda mal se esboçava naquela época longínqua. O seu relatório, que compulsei, é deveras interessante e mostra a rara competência do genial patricio.

Registemos o acontecimento com especial carinho. A 18 de Fevereiro de 1861 o poeta máximo fôra nomeado pelo então Presidente Doutor Manoel Clemente Carneiro da Cunha, visitador das escolas públicas do Rio Solimões — distinção assinalável.

Essa comissão teve realce incontestado, e largos proventos trouxe ao Amazonas imenso e misterioso. E é de lúdima justiça ressaltar desde logo que Gonçalves Dias recusou a gra-

tificação a que tinha direito. A 11 de Outubro ainda de 1861 foi nomeado Presidente da Comissão encarregada da Exposição dos Produtos Naturais e Industriais que o Governo Imperial deliberara que se fizesse nas diversas Províncias do Império.

Foi por essa época, foi nesse momento que o cantor estupendo do *Y Juca Pirama* apresentou o seu célebre Relatório sôbre a *Etnografia do Amazonas*, magistral no estudo dos ornatos indígenas e em curiosidades naturais.

Os produtos, Gonçalves Dias ofereceu-os gratuitamente à Grande Exposição Nacional de Indústrias que se realizou com êxito no Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1861, em comemoração ao aniversário natalício de D. Pedro II, o Imperador. E só em Novembro dêsse ano foi que o cantor guerreiro dos *Timbyras* deixou o Amazonas surpreendente e maravilhoso.

Dos antigos, não seria justo esquecer Temistocles Aranha, maranhense dos melhores, professor de méritos reconhecidos, matemático, publicista, jornalista de valor. Devemos muito da reforma ortográfica, diga-se de passagem, ao professor Hemeterio dos

Santos, o excelente filólogo. Numa conferência do acadêmico e diplomata sr. Helio Lôbo, inaugurando a cadeira de português da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América, êle afirmava que em 1901 o festejado escritor e acadêmico Medeiros e Albuquerque — a quem se deve muito de reforma ortográfica no Brasil, — propuzera a nomeação duma comissão para estabelecer regras sôbre a grafia. Em Agôsto de 1902, no Pedagogium, o maranhense Hemeterio José dos Santos realizava uma conferência sôbre a ortografia portugueza, sugerindo idéias quasi tôdas depois aceitas.

Vindo para época mais moderna, temos o grande Graça Aranha, escritor famoso que revolucionou em certo momento a Academia Brasileira de Letras, a que pertencia, e o meio intelectual patricio. Êle é o famoso autor de vários romances de renome, de ensaios, estudos, crítica, trabalhos que immortalizaram o seu nome. E' o mestre de *Chanaan*, de *Malazarte*, dêsse formidável romance que é a *Viagem Maravilhosa*.

Outro maranhense que recordo com uma imensa saudade é Humberto de Campos... Êste não seria um gênio ? ! A sua obra ficará

eterna, porque ela sabe ao espírito e fala ao coração. É profundamente humana. No conceito, na história, no estudo, no ensaio, no conto, no romance, na poesia, na crítica, — revelou-se um crítico de raro valor e de assinalável serenidade, — e na crônica, que ninguém na nossa língua fazia melhor do que Humberto de Campos, conseguiu ser amado e lido pelas classes intelectuais e pelo grande público. Os seus livros são duma rara psicologia, duma observação penetrante e aguda. As suas *Memorias* ficarão imortais.

... Há nesta região opulenta da nobre América uma cidade que sendo vista ou lida a sua história, apreciados fatos e costumes, nos traz uma certa lembrança da nossa. A savana de Bogotá dizem que não tem rival no mundo inteiro. E o novo Reino de Granada é todo êle uma invocação. Batisou-o o Marechal espanhol Ximenes de Quesada, o Conquistador, no ano já bem distante de 1534. A capital da Columbia tôda ela é uma tradição. O Maranhão também. O seu clima é dôce e suave como o nosso. Certo que

São Luiz não é afastada do mundo como Santa Fé de Bogotá a mais de mil quilômetros do mar, — no dizer de notável diplomata brasileiro que acrescentava viver a sugestiva cidade:

“a desenvolver e a aprimorar a sua Raça e a sua inteligência, livre de corrupções estranhas. Pequena pela população e grande pela cultura, a pitoresca urbe tem realizado progressos marcadamente intelectuais. Há cem anos tinha uma população pequena, mas consagrada como a Athenas Americana, e ainda agora é manifesto o pendor artístico dos seus filhos. Poetas, prosadores, diletantes, eruditos, Bogotá sempre os contou em legião...”

... Assim, o Maranhão, Terra de Tradições, de Invocações. Cidade sugestiva, das mais antigas do País, os seus velhos edifícios e muros cobertos de musgo, a sua arquitetura colonial, e o grande progresso de hoje não perturbaram bastante, como não perturbaram em Bogotá, o seu doce sossego... Há em tudo uma larga serenidade. E' o estudo, a reflexão, o saber. E' o panteísmo. E Santa Fé de Bogotá é conhecida pela Athenas Americana como São Luiz do Maranhão é chama-

da a Athenas Brasileira. As duas velhas e serenas cidades são como que tocadas duma grande e profunda saudade.

.... Chamam-te, meu Maranhão, de *Athenas Brasileira* ! Em todo êste vasto País, dos escampados do Sul às florestas densas do Norte, eras e és pela alta intelectualidade, a Athenas nacional. A Grécia formosa e amada foi o centro principal da civilização helênica. Tu foste o berço magnífico da civilização patrícia. Na arqueologia tens alguns pontos de contacto com a admirável cidade grega. As ruínas suntuosas de Athenas... Como vivem em nossa memória os monumentos de Acrópole, o pórtico de Eumene, as tradicionais ruínas de Areópago, o Teatro de Dionisios, os monumentos de Philopappos e de Trasillos e Asklepilion, a necrópole sagrada, o Odeon de Herodes de Atticus, os pórticos célebres da Atalla e Agora, o Ginásio, e o monumento de Lyzsiçrate, o arco de Hadrien !

És também, minha Terra, uma das sentinelas do escrever e do falar da amada lín-

gua portuguesa-brasileira ! Todos respeitam o teu apuramento no dizer, a dição correta e formosa, a linguagem escorreita e pura, a riqueza suntuosa e invulgar dos vocábulos, a elegante sinfonia da frase, a prosa cintilante e a ronda do Verso escultural, cheio de ouro e luz, alindando a Idéia perfeita !

Os conquistadores ousados do Maranhão, naquele ano bem longínquo de 1615 — há mais de três longos séculos ! — na visão larga e audaciosa do futuro, rendiam solenes graças ao Senhor dos Exércitos, e à Virgem Senhora da Vitória, já designada padroeira da cidade de São Luiz...

E os olhos tocados de intraduzível Saudade, voltados para o alto, para o Ceu imenso, as mãos postas, a Mulher Maranhense, o Homem e a Criança maranhenses devem orar sempre pela unidade e felicidade da sua Pátria, pela ventura da nossa querida, augusta e gloriosa Terra Natal.

ALUIZIO AZEVEDO, ROMANCISTA DO

BRASIL

I

Aquele Anatole France, que pela metade de um século encheu de clarões a França culta, numa das suas páginas mais vividas dessa guerra assombrosa e tremenda que empapou de sangue as terras cançadas de além-mar, a de 1914, gravou o período latejante de que todos nós devemos *odiar o ódio!* — “Queimai, exclamava o mestre augusto, queimai todos os livros que ensinam o ódio! Exaltai o trabalho e o amor!”

E em amor e trabalho se pode sintetizar tôda a obra vasta e empolgante de Aluizio, impressionante e sugestivo como homem, formidável e inconfundível como escritor, tendo em tôda a sua vida movimentada — e per-

doai a ousadia paradoxal, — odiado com o carinho dos crentes, com a dedicação e sinceridade dos apóstolos, com a virulência dos fortes e dos convictos que são sempre os grandes vencedores, a êsse ódio abocanhador de almas, infeccionador de corações, tão magistralmente estigmatizado na obra anatoliana.

De Aluizio Azevedo não se poderá fazer o estudo de sua obra literária, nem traçar o seu perfil magistral e analisar os seus processos de romancista e de contista, no espaço curto dum ensaio. Não menos dum livro seria de certo imprescindível a êsse ensaio ou crítica, se não fôr impertinente o vocábulo, para bem se observar êsse excelente pintor de almas, êsse escrupuloso novelista que num belo golpe de audácia reformou costumes e hábitos, lançando no quieto Brasil de outr'ora uma escola nova, revolucionária para a época e deveras emocional.

Feitor de romances, crônicas e contos, dentro muito vez da forma literária do psicólogo do *Livro duma Sogra*, e sendo ambos da mesma intelectualizada terra, dêsse Maranhão que foi, sem favores, uma Athenas de escól embora restrita, e até com a coinci-

dência de nomes de família, o que a muitos faz supôr um parentesco que, aliás, não existe, eu guardo de Aluizio, do seu conhecimento, da sua palestra de algumas vêzes no Consulado Brasileiro de Napoles, onde eu o conheci, a mais viva das recordações.

A divisa de Aluizio, tirada do Direito Criminal francês, giza dum risco só, forte e vivo, tôda a sua obra literária — “La verité, tout la verité, rien que la verité”. E se em alguns dos seus livros pode haver, como há, aqui e ali, descasos de estilo, deslises de boa linguagem, a verdade dominou-o sempre numa absoluta paixão, num requintado e fervoroso culto que eternizou a sua obra nesta Pátria amiga.

Paira nesses milhares de páginas um sôpro de ideal novo, de vida nova, intenso e patriótico, que implicitamente concorreu para a melhoria da geração que surgia, para o seu forte e útil aperfeiçoamento, desfraldada a bandeira rubra de combate talvez com uma ponta exagerada de escândalo, mas necessária no momento de transição, para avasalar, para se acentuar e firmar, para empolgar. Foi o combate às claras frente à frente blindada a couraça, que neste País centra-

lizador de hoje, de ontem e de amanhã — quem sabe? — e em que tudo é focado para a sua Capital suprema, que Aluizio viu, sentiu a necessidade de, como o seu irmão Arthur, deixar, abandonar a Província longínqua. e sempre esquecida, mais no princípio da República do que no Império, para, no meio literário de escól, com audácia e talento, cortar e abrir a golpes de espada nua o caminho para passar e para vencer.

Era a época do romantismo exagerado e doentio, duma pieguice desoladora. Nos romances de então, salvo as páginas esplêndidas de Alencar, muitas de Macedo e de pouquíssimos mais, o resto era indeciso, vulgar, amodorrado. Os homens caricaturavam às vezes o sempre eterno e caluniado D. Juan, escalonando na imaginação meliflua e melosa pelas caladas da noite, janelas cerradas onde deveriam estar, numa poalha de ouro, certas diáfanas e transparentes Elviras. E as pretensas donas, na sua maioria, então *pálidas e frias*, como dizia o poeta, e espiritualmente tuberculizadas, desancadas de lirismo, cloróticas, nervosas, histéricas, eram às vezes uns molambos de mulheres, lamechas e babosas.

II

Foi quando surgiu, quando irrompeu na minha terra, Aluizio Azevedo com o *Mulato*, em 1881. Todo o Brasil vibrou, estremeceu espantado, e um escritor lançou no Rio o autor e o romance nas colunas famosas de *O Paiz*, com um grito estridente aberto em artigo formidável — *Romancista ao Norte!* Era Joaquim Serra.

Vencia assim o naturalismo com Aluizio e depois com Raul Pompéa, Julio Ribeiro, Machado de Assis e outros.

Era um livro da primeira idade, escrito na província aos vinte anos, o *Mulato*. Mas era um livro forte, de observação cuidadosa e fiel, mais de verdades, talhado em bom estilo revolucionário no momento, com dizeres e locuções regionalistas que escandalizavam!

A Côrte recebeu o romance emocionada e os Mestres aplaudiram o moço escritor com entusiasmo. José do Patrocínio, Araripe Junior, Raymundo Corrêa, Sylvio Romero, Tobias Barreto, Lucio de Mendonça, Adelino Fontoura, Raul Pompéa, Clovis Bevilacqua, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Capistrano de Abreu, Urbano Duarte, Ferreira

de Menezes acompanharam com alegria e vigor o belo gesto do redator d' *O Paiz*. O Maranhão de então, embora a fama a lhe emoldurar o nome ateniense, o Maranhão na parte eivada de burguesia, estático e apavorado, com assombros na voz e no gesto, da petulância ousada do patricio, silenciava em absoluto sôbre o *Mulato*. Apenas chispando fôgo, acicatando-lhe a obra e a pessoa em cruéis protuberâncias de linguagem, surgiu em S. Luiz um jornalista, um sô da velha guarda romântica, que desancou agressivas fanfurrias de indignação num estilo de ciclone contra o *Mulato*, aconselhando o seu burilador — e como as Províncias de ontem se parecem na crítica com alguns Estados de hoje ! — a “que deixasse a vidinha de escrevinhador e fôsse cultivar as nossas ubérrimas terras” — conselho que desgraçadamente para o seu autor e gloriosamente para nós não foi seguido por Aluizio.

Assim entrou o naturalismo no Brasil pêla arrojada e elegante pena do Mestre do *Cortiço*, que era também um poderoso regionalista, a par de um impressionante ingenuo, no momento em que Zola e Eça — o divino Eça ! — revolucionavam e dominavam e ate-

morizavam a França culta e o então bisonho e lindo Portugal.

O romantismo caíra em exageros, excedera-se e aborrecia e entediava. Tinha-se a sede de algo que vibratilisasse, que emocionasse, que enfim fôsse a Vida. E Aluizio chegou no momento preciso, teve a feliz clarividência de aparecer na hora necessária, reagindo dentro dos processos naturalistas “com a verdade, na frase tersa do acadêmico Alcides Maya, psico-fisiológica das ações na contemporaneidade dos ambientes, a róta traçada desde os primórdios do século dentro da obra dos dois maiores romancistas modernos, Stendhal e Balzac”.

Um seu crítico observou com felicidade — que Aluizio Azevedo adotara um programa — cujos artigos essenciais foram o exame instintivo dos caracteres, e a verdade imediata e contemporânea dos meios.

A leitura atenta dos Mestres do naturalismo, nos seus múltiplos segredos, influiu no autor do *Coruja*, despertando a sua inteligência invulgar e os seus raros predicados de observação. Balzac e Bayle e Daudet, e os Goncourts, e Flaubert, e Zola, e Eça, Maupassant e Bourget, com os seus processos en-

tão novos e privativos da escola, estão na obra aluiziana, principalmente no estudo psicológico das personalidades.

E — caso curioso ! — é no romance brasileiro e com saliência em Aluizio que nós vamos estudar de preferência o meio social, principalmente o povo e o mestiço, desde que a crítica não se compenetrou inteiramente das suas especiais responsabilidades. Sylvio Romero era um formidável e espantoso combatente, Araripe Junior um risonho e às vezes delicioso cético, e José Verissimo, o mais desapaixonado e o mais justo dos três, era um raro e extraordinário disciplinador de idéias. E daí, e essa observação é dum dos seus críticos sagazes — a obra dêle ser grandiosa e vastamente erudita, mas não ter preenchido o fim a que se destinava socialmente.

III

Mortas as três eminências intelectuais, a nossa crítica literária ficou limitada a artigos esparsos de Humberto de Campos, Eloy Pontes, Medeiros e Albuquerque, Nestor Vitor, João Ribeiro, Mucio Leão, Homero Prates, Agripino Grieco, Vitor Viana, José Maria

Belo, Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo, alguns dêsses levados pela morte, e mais aos trabalhos dêsse novo que surgiu armado de cavalheiro e que foi Ronald de Carvalho, desgraçadamente desaparecido.

E é por isso que, com preferência para o estudo da nossa época, teremos de reler as novelas e os romances do escritor de *Casa de Pensão*, observadas as suas personalidades, a sua análise e o meio em que se movem, amam e odeiam, — pois Machado de Assis, o Mestre Supremo da Arte Brasileira, era mais e por excelência um psicólogo apuradíssimo, um pesquisador aprofundado de almas de requinte.

Nos livros de Aluizio há um ideólogo morfolatra e um cultuador estuante. Ao fechar qualquer dos seus romances, ao dobrar da última página, sente-se que se está em frente dum poderoso artista, elegante e psicólogo, familiarizado com os homens das pedreiras, as mulheres da burguesia e algumas de salão. Ele foi, como já disse, um cultuador da Verdade, amando a Verdade e a Vida apaixonadamente e assim a sua fórmula em Arte era que — “Imoral é tudo que aberrra da Natureza”.

Entretanto, e talvez fique quase sozinho no meu pensar, êsse naturalista do *Mulato*, da *Casa de Pensão*, do *Homem*, demasiadamente à Zola, do *Coruja*, do *Cortiço*, do *Livro duma Sogra*, êsse escritor da *Condessa Vesper*, da *Mortalha de Alzira*, dos *Demônios* e das *Pégadas*, do *Mysterio da Tijuca*, de *Philomena Borges*, de *Uma Lágrima de Mulher*, êsse mesmo que escreveu no pórtico do *Homem* — “quem não amar a Verdade na Arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler êste livro, um grande obséquio a quem o escreveu” — tinha talvez a alma dum romântico, dum idealista. A sua fórmula literária, os seus processos, eram naturalistas mas a sua alma tinha laivos romantizados e tanto que com ardorosa paixão, embora por um capricho, escreveu *A Mortalha de Alzira*, moldada dentro da obra de Théophile Gautier, o mestre encantador de *Mademoiselle de Maupin*, e êsse lindo e embevecedor sonho de amor eterno, de noivado eterno, que é o *Livro de uma Sogra*, aparentemente dum forte naturalismo.

Êle tinha a observação justa, o diálogo pronto e rápido, movimentando bem as per-

sonagens e aqui e ali em certas páginas o estilo jaceirado, a naturalidade correntia do enrêdo e desfêcho, o talho bem cuidado das figuras, o estudo carinhoso das almas, algumas pinturas fiéis do *meio*, a dissecação de indivíduos com quem nos acotovelamos nas ruas, surpreendendo-os em costumes e hábitos nas suas raras belezas e nos seus infindáveis vícios, um forte impressionismo, às vezes uma graça leve, uma frase de espírito mesmo, uma ironia cintilante, e até num ou noutro capítulo, com parcimônia, um *humor* delicioso, até à conclusão do livro, às vezes de fundo sadio e moral.

A sua obra é tôda uma Cidade.

IV

Nietzsche, nas suas páginas geniais, violentas e desconcertantes, dizia duma feita que para o artista haver a perfeição, chegar ao auge da *Arte*, é necessário amar — “l’amour, c’est la fonction organique de l’art”. E Carlyle não pode compreender o poeta separado do amor. Êles se integralizam, êles se completam.

E Aluizio muito amou a Natureza, e as mulheres.

Daí, ter sido um artista perfeito, completo e complexo.

Passara a época do romantismo sintetizado nas célebres *Luciolas*. Surgiram as *Hortências*, as *Palmyras*, as *Magdás*, na observação de Alcides Maya. Aluizio, transportado da pacatez maranhense para o bulício estonteante da Côrte, iniciou os seus estudos de alma feminina no conto, no teatro, no folhetim, na poesia, na crônica, pontificando, enfim, no romance. E aí foi o mestre raro, psicólogo feliz, o analisador de tôdas as dezoito armas de sedução da mulher — dezoito ou trinta e seis, não sei bem...

Ele, ao começo, segundo ainda Alcides Maya, que melhor o estudou no seu famoso discurso na Academia de Letras quando succedeu a Aluizio, “quiz dar à sua obra um caráter geral, com o cunho de livros seriados, cujos personagens se ligassem à vida nacional, espelhando-a; o plano partia da *Casa de Pensão*, com outros volumes complementares; felizmente não analisou, pois seria transportar para aqui, com adaptação, os Rougon-Macquart...”

Fez também por esporte alguns livros, felizmente pouquíssimos, à Montepin, à Ter-rail, à Gaborieau, outros quase à Lamartine, ainda outros dentro de Scot. Pecadilhos, fra-quesas da mocidade.

Mas a sua obra é forte, dissecados os vícios, e às vezes brutal e até perversa. Mas é vivida, mas é humana. É a análise duma época, o estudo de almas apanhadas no flagrante de poucas virtudes e demasiados erros. Há tipos que não se apagam da nossa memória. Ficam, como diria Jules Lemaitre. De certo todos nos lembramos daquele ricoço João Romão, daquele formidável e emocional Co-ruja, de João Coqueiro, de Amancio, da cé-lebre Bertoleza, da Rita Baiana, de Anna Rosa, de Firmino, de Jeronymo e de tantos outros !

E nos contos, êsse genero tão banalisado e tão difícil e raro, como Aluizio Azevedo era perfeito e era magistral ! Ironista no *Macaco Azul* e no *Ultimo Lance*, êle é sentimentalista na *Inveja* e nos *Vícios* — e entre os dois casos, dizia um seu historiador penetrante, como êle é bem diferente do romancista ta-lhado à Zola, dum realismo atroz e por vezes terrificante !

Dos seus livros o que menos me sabe ao espírito, embora sabendo bem, é o *Homem*, talhado todo êle dentro de Zola — com uma ponta impertinente de pretenciosidade científica e um receituário ao alcance dos manuseadores do Chernoviz trivial. Felizmente para gaudio nosso há aqueles sonhos perturbadores de Magda. . . É um consolo literário.

A sua obra tida como perfeita é o *Cortiço*. Ela é de fato duma rara e penetrante observação. O estilo é bem feliz, o entretcho é racional. Pertence à galeria dos dez ou doze romances brasileiros imortalizados.

Mas o seu livro que me empolga, que me sugestiona, que me faz pensar e portanto o que mais me agrada, o que eu prefiro a todos os outros, é o *Coruja*. De certo é o mais desvalioso no estilo e a linguagem é mal acabada. Fica-se a pensar como êsse romance formidável não mereceu o carinho estilístico de Aluizio ! Pois que ? ! Então uma obra de pensador, de filósofo, grandiosa, vasta, como é positivamente esta, tinha o direito de ser maltratada na fórmula ? !

Aluizio Azevedo em algumas, em muitas das suas páginas foi porém estilista de raro

sabor, de cinzelada perfeição. Cuidava, nem sempre — e já exemplifiquei com o *Coruja* — da linguagem, não aprimorando-a.

V

O certo é que nós, geração de ontem, hoje e amanhã, temos de — e não é um paradoxo — nacionalisar a nossa língua. Ela anda explorada, adulterada, abastardada. O neologismo pulula. Na escrita e na palavra então já parece uma língua estrangeira... O Norte felizmente ainda é sentinela avançada, guardando, zelando a tradição. Mas o Sul ou melhor a Capital máxima, êste formoso e lindo Rio, que é um encanto e uma extraordinária sensação de Arte, tem um assombroso progredir material, e algumas vezes um desprezo que é doloroso, e injusto, e cruel, pelo rico e marmóreo idioma nosso. O francesismo elegante e sorrateiro invadiu a língua portuguêsã, a nossa bem amada língua brasileira, e nos bailes e convescotes, nos chás requintados e nos cinemas empolgantes, nos teatros e nos passeios, enfim, nos salões e nas ruas, muito se ouve o francês

galante e requintado... E numa noite do Municipal dizia-me jubiloso certo jornalista parisiense, de passagem para Buenos Aires, ao ouvir o pálestrar em francês nos lugares próximos — “parece que estou em Paris”. E como eu me senti humilhado com a espontânea e justa, e dolorosa e amarga observação !

Escreveu Olavo Bilac — o mestre querido — que “a morte duma Nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua”. E interrogava — “que será do nosso idioma, se o não protegermos na luta desigual ?” E êsse grandioso e legendário Joaquim Nabuco exclamava — “a Pátria e a Religião são, em certo sentido, cativeiros irresgatáveis para a imaginação, condições de *fiat* intelectual. Compreendeis o artista grego, que em réplica de Eschylo, esculpisse o persa ! Ou o poeta francês que, depois de Sedan, cantasse o alemão ?” Já Felinto Elysio em clássicos terços observava :

Nós presamos tão pouco a nossa língua,
Que tão sòmente as outras aprendemos,
Em desar da nativa, e ser-nos dado,

Na francêsa escrevêramos, faláramos;
Como já na espanhola, por lisonja,
E por louca vaidade, compuzemos !

Lembro-me de que ainda nos últimos meses de certo ano assisti na alta sociedade carioca a brilhante festival de Arte. Era exímia e magistral professora de declamação, brasileira, que apresentava as suas formosas discípulas e patricias, senhoras e senhorinhas... Declamaram com rara perfeição, com apurado carinho e sentimento. Emocionaram. Mas do programa composto de quinze números, vos afirmo que treze eram de poesias extraordinárias, e... francêsas !

E de nossa língua, aberto a cinzel o mármore claro, tudo se exprime — o que pensamos e o que sentimos. É no dizer do poeta:

— “o meigo idioma
abundante e grandioso, e grande, e fero”.

Aluizio, quando quiz, manejou bem, bo-leando aprimoradamente, o estilo.

Fechando o comentário sôbre o escritor pode-se dizer que Eça de Queiroz, o rútilo ironista de Fradique Mendes, foi o único nas

duas literaturas vasadas dentro da mesma língua por ter sido exclusivamente literário, Aluizio Azevedo não teve, não tem renome igual, que passasse herôicamente às fronteiras, porque ambicionou ser científico; na trama às vezes formidável e postiça de Zola. Mas, mesmo assim, no romance, dentro da sua época, foi o melhor historiador da nossa vida, do nosso meio e da nossa raça.

Já vos falei do artista, não de certo como devia, que só num livro amplo se pode analisar tôda a obra aluiziana; agora, vou dizer um pouco do homem.

VI

Formoso homem era Aluizio! Forte, másculo, o rosto pálido, a tês larga e alta, o bigode farto e sedoso, apurado no trajar, êle se era estimado dos homens que o admiravam, era adorado e querido das mulheres a quem encantava!

Há lendas deliciosas ao redor do seu nome... Mas em amores a discreção se impõe, por cavalheirismo e habilidade. E nem assim poupou as mulheres e o casamento!

Há aquelas páginas curiosas e profundas do *Livro duma Sogra*, da mulher a respeito do marido — “Só os casados, escreve, só êstes, poderão calcular e compreender quanto nos injuriamos os dois, quanto nos aviltamos, por palavras e gestos, nessas secretas e constantes lutas”. Mesmo porque casal sem arrufos, ou aborrecimentos, ou zangas, parece que só há um, um ou dois, vagamente, na Finlândia longinqua... O amor é assim.

Mas não calo a metade, pelo menos, duma indiscreção.

Os últimos e aliás longos amores de Aluizio foram por uma certa esplêndida criatura, dôce e suave, *fausse-margre*, alta e morena, a pele de setim e jamboada, de certo macia como o arminho, e adiantava alguém que a conhecera, “com certos traços no rosto ingenuo, parecendo filipina”. E o amor de ambos era como um delicioso poema!...

Os olhos, os formosos olhos de Aluizio! Contava-nos Coelho Netto, naquela palavra magistral e irisada, muito sua, na tocante sessão da Academia de Letras em honra ao romancista patricio, a que assisti, representando a Academia Amazonense de Letras —

c seu corpo no Silogeu, de passagem para a terra natal — Coelho Netto dizia dos seus olhos que eram lindos, parece que de veludo, como que úmidos sempre — garras de polvo de ouro, como que prendiam e manietavam, talvez sem o querer, gloriosas, esbeltas e garridas mulheres !

De Aluizio se pode afirmar o que Graça Aranha, o vitorioso de *Chanaan*, disse de Joaquim Nabuco — “que no espêlho da sua saudade se refletiam três imagens: a imagem da Beleza, a da Inteligência e a da Bondade”.

Porque Aluizio era profundamente bom, simples, lhano no trato, amando muito a sua terra natal e imensamente a sua Pátria. Dêle disse Rodrigo Otavio que era um desinteressado e um generoso — “não existe quem haja recebido uma palavra má; quem lhe guarde o ressaibo de um mau movimento. Afável e insinuante, no fastígio da popularidade, lisongeadado e procurado, Aluizio jamais se despiu da simplicidade do seu modo, atraente e caricioso”.

Ele pertenceu à boemía áurea do Brasil, aquela que era feita de Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Paula Ney e Emilio de

Menezes — expoentes maiores da nossa boemia inteligente, viva, cintilante, original e risonha! — Guimarães Passos, Urbano Duarte, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Coelho Netto, Arthur Azevedo, Pardal Mallet, Osorio Duque Estrada, José do Patrocínio, e mais alguns. No fundo, porém, embora camarada e amigo dos outros, não se poderá dizer que o mestre do *Cortiço* fôsse positivamente um boêmio. Não. Ele tinha métodos seguros de trabalho, tinha ordem e disciplina. Coelho Netto deve, ao seu exemplo e aos seus conselhos, a sua extraordinária capacidade de gestação intelectual.

VII

De certo lembram-se de Aluizio Azevedo como Consul, aos quarenta anos aqui, ali e acolá —trabalhador ardente e compenetrado dos seus deveres e obrigações consulares. Nas letras, deixou mais de uma dezena de livros, alguns excepcionais. Esteve em Vigo, em Tóquio, em Buenos Aires, Cardiff, Napoles e absorvido talvez pelos compromissos da carreira ou que a sua imaginação brasileira

fôsse prejudicada pelos cenários de terras outras, o certo é que de repente parou de escrever, prometendo para mais tarde uma grande obra social, talvez no feitio dos *Sertões* de Euclides da Cunha, que não chegou a ser escrita. Nascido em S. Luiz, a 14 de abril de 1857, morreu em Buenos Aires a 21 de janeiro de 1913, com cinquenta e seis anos. Não se casou nunca, embora vivendo sempre casado... Achava que a lei de Moisés não devia ser regulamentada de forma tão estreita e irritante. No seu livro de estilo mais bem cuidado escalpelisou cruamente o casamento como êle é arranjado, numa nudez de linguagem de arripiar. Não que fôsse contra a família, não; mas queria leis liberais; amplas, nobremente asseguradoras dos direitos do homem e da mulher.

Sempre tivera a ânsia do mar e ao espírito devia-lhe ter sorrido ao princípio, para depois cançar, a vida erradia que levara nos últimos quinze anos. De certo nas páginas moças da *Conquista*, de Coelho Netto, mesmo com modesta perspicácia, descobre-se indiscretamente naquele Ruy Vaz o nosso grande e formoso Aluizio... E só se conta

que êste, “ainda não consular se assentava em cadeiras desconjuntadas para ter a sensação do mar...”.

Desfiam-se anedotas de Aluizio. Quando morreu a sua genitora longe de si, êle se bi-partia em chorar, os seus lindos e soberbos olhos pisados de lágrimas. Os companheiros — e era a mocidade dourada que tanto fez pelo Brasil, — reuniram-se para tratar do luto forçado e de alma de Aluizio. Êste só possuía um terno cinzento. Dinheiro não havia — e como os literatos de hoje são solidários com os seus camaradas de outr’ora!...

Entre êles havia um que chegara do Norte e que trouxera bonita roupa preta. Era. Guimarães Passos. Pressurosamente foi buscá-la e no dia seguinte o autor do *Coruja* saía todo de preto. Mas não resisto ao desejo de transcrever o resto dessa história tão bem contada por êsse grande mestre da *Esphinge* que é Afranio Peixoto: “mas Aluizio esqueceu-se de procurar outra roupa e, um mês, dois meses passaram-se e o dono, que dela viera precisar, porque tinha uns saraus a que era convidado e um derriço lá para as bandas da Gambôa, já se amofinava pelo *croisé* preto que o camarada não devol-

via. Tomou resolução heróica, que seria decisiva. Quem o alheio veste, na praça o despe. Plantou-se à esquina da rua do Ouvidor, em que o outro devia passar, e quando foi chegado o momento, alto e empertigado, para que o ouvissem Coelho Netto e Alcindo Guanabara, que eram do grupo, intimativo e suasório: — Aluizio... Convém que alivieis o luto !”

Ao outro dia a fatiota negra tornava ao dono e Aluizio vestia o terno cinzento com um fumo no braço”.

O observador fiel da *Casa de Pensão* escrevera um volume, que todos dizem seria extraordinário, sôbre o Japão. Ah ! A história dolorosa dêsse livro !...

Imagine o leitor um escritor lidimo, de raça, que tem todo o carinho e respeito, e amor pela sua obra, consumir anos de existência, de observação cuidadosa, de psicologia fatigante de almas extranhas, de análise do *meio*, de anos em bibliotecas, manuseando velhos pergaminhos, indagando, consultando, pesquisando, fazendo também desenhos e pinturas — Aluizio era um artista completo — ter a obra pronta, julgá-la pela

feitura e pelo acabamento a definitiva e não poder publicá-la pelo erro imperdoável dum amigo mercantilizado ? !

Fôra o caso que essa obra de luxo, caríssima, de larga tiragem, com ilustrações e iluminuras em papel japonês, só podia ser editada por si. Eram hábitos nipônicos, curiosos, exquisitos, caricaturais, era todo o Japão — a profecia sôbre o Japão, mais tarde tôda ela realizada. Talvez fôssem mesmo páginas antagônicas às de Oliveira Lima no seu brilhante estudo sociológico sôbre o Oriente... Uma obra vasada talvez dentro dos moldes de Lafcadio Hearn.

Os seus editores tinham de lhe dar quase duas dezenas de contos. Chegava a quantia precisa para a edição vasta, carinhosa e artística da obra que se chamaria — e aliás muito bem, — *Agonia de uma Raça*. Aluizio contratou a feitura do livro e esperava sôfrego o dinheiro... Em vez dêste recebeu uma carta de seu advogado e procurador, e amigo, dizendo que não lhe remetia a quantia porque fizera com ela uma ótima operação ! Sabem qual era ? Todo o dinheiro destinado à edição luxuosa fôra empregado em terras e praias então

desvalorizadas em Copacabana. ... E Aluizio não pode nunca mais publicar o livro porque nesse tempo tôdas as suas observações, verdadeiras profecias, iam se realizando dia a dia. Ficou apenas proprietário. E também nunca mais escreveu um romance. Como a sua alma de artista deve ter sofrido ! . . .

Das terras nipônicas êle trouxera para o Ocidente, em seda, um lindo retrato de mulher, uma figurinha deliciosa de Tanagra. . . Conta um dos seus amigos que “era Satô, formosa creatura quasi ocidental na sua miúda face morena, mas com a graça, ténue e sutil de recato e simplicidade, das *musmés* já lendárias”. E, já que ela não pôde acompanhá-lo, tinha vindo a sua imagem sempre despertadora, embora anos depois, de deliciosas saudades. . . E ainda nos querem fazer crer na volubilidade dos homens !

VIII

Aluizio pensava escrever, se um dia se radicasse na sua Pátria, uma grande obra de fé, intensa e ardente, que se chamaria *O Messias*. Trataria do conflito religioso no

Brasil, e notas e estudos, apontamentos e ensaios já estavam prontos. Amigo dêle afirmou que seria essa obra o nosso *D. Quixote*.

Ah! Os processos de escritor de Aluizio!... Eles eram únicos nesta Pátria. Era um homem de cidade e para a feitura dos seus livros ia às pocilgas, às pedreiras, fazendo-se íntimo da babugem, da ralé humana. Vivia, se preciso fôsse, com rufiões e capangas, no sonho de sua Arte imortalizada. Daí a vitória do *Cortiço*, da *Casa de Pensão*, do *Homem*, do *Mulato*, do *Coruja*. Ele estava na época, no meio, no momento, flagrante de verdades. E pertinaz, metódico, assombroso de paciência, recortava em papelão as suas personagens, os heróis dos seus livros, os seus clássicos e pequeninos bonecos, com a mesma figura com que iam aparecer nos volumes e fazia-os andar, dansar, voltear, em cima da mesa! E só depois de assim ter dado vida a eles é que ia escrever, reconstruindo as cenas reais surgidas da sua forte imaginação.

Antes de fechar êste estudo falho lembro ainda uma última anedota tão do feitio do conterrâneo querido.

Raymundo Corrêa — que encanto de homem era Raymundo Corrêa! — ia apresentar Augusto de Lima, naquele tempo bisinho provinciano, depois imortal, a Aluizio. Foram à casa dêste no Rio, lá para as bandas da afeada rua Formosa... Entraram numa sala vasta, ao canto uma cama desfeita, uma pequena mesa, do lado oposto vistoso biombo. Eram êsses todos os domínios de Aluizio, nesse tempo o intelectual focado, o romancista da moda, em pleno triunfo, fruindo radioso êxito.

O romancista surpreendido com as visitas se refugiara rápido atraz do biombo. Pediu que esperassem... Raymundo Corrêa, boêmio, vendo que êle tardava a surgir, observou que a apresentação não era de cerimônias, de etiquetas... Que aparecesse!

Apareceu. Irrompeu de traz do biombo como um Apollo. Estava belo e heróico! E conta Augusto de Lima, num feixê de saudades, — “Aluizio estava com um admirável costume de fraque azul, talhado por algum dos melhores alfaiates do Rio. Estava deslumbrante. Os cabelos artisticamente repar-tidos, o rosto escanhoad, (e que formoso rosto, e nêle que olhos suaves!) todo o corpo

irrepreensivelmente elegante, a terminar por um par de botas de verniz com reflexos de luz. E Aluizio foi logo dizendo:

— Desculpem-me aparecer neste rigôr, porque é o único terno que possuo...

Sôbre a mesa estavam espalhados diversos dos bonecos de Aluizio, e êste vendo que os dois reparavam nêles, explicou sorrindo:

— Aí está o meu próximo romance. Só falta fazer mover, animando, tudo aquilo que me é familiar. Aquela menina é adorável; aquele taverneiro um bruto; êste rapaz um idiota. Já fiz as minhas relações com todos. Deixo-os por hoje, que o dia pertence aos dois poetas que me visitam.

IX

Foram êsses processos de romancista de verdade, consciencioso e humano, que fizeram imortalizada a obra do patricio querido, que sucedeu a José de Alencar, mas que até hoje não teve substituto nas letras pátrias.

Aluizio ! E até o seu nome é forte e glorioso, sonoro e brilhante, como lascas de cristal que se bipartem, nome aberto a buril em

mármoreos brancos, nome talhado para mulheres fidalgas segredarem entre abraços e beijos, amarfanhando sêdas e veludos, na carícia suprema do Autor vitorioso e eterno ! Aluizio !

NOTA — ACADEMIA BRASILEIRA — “O sr. Claudio de Souza pediu a transcrição na *Revista da Academia* do ensaio de Raul de Azevedo acerca de Aluizio Azevedo, elogiando o ensaísta por seu carinhoso e bem orientado estudo da obra do grande romancista.

A propósito de uma anedota atribuída a Aluizio Azevedo, e repetida pelo sr. Raul de Azevedo, fizeram interessantes comunicações os srs. Afranio Peixoto, Affonso Celso e Rodrigo Otavio.

O Sr. Afranio Peixoto “declarou que não costuma retificar lapsos de imprensa, ainda de amigos-escritores. Agora, porém, que um dêles vai ser transcrito na *Revista da Academia*, entende que deve pequena retificação ao documentado escrito do sr. Raul de Azevedo, sôbre o nosso Aluizio Azevedo. Aí se lhe atribue a autoria de uma anedota, cuja

veracidade contestava o grande escritor maranhense, atribuindo-a ao vigor de imaginação do seu amigo, o também nosso Coelho Netto. Apenas à pág. 220 do seu livro, *Poeira da estrada*, segunda edição, Rio, 1921, depois de referir lembranças de Aluizio, aludiu à sessão comemorativa da Academia, dizendo — “Coelho Netto, por essa ocasião pronunciou belo discurso, de que a ata dessa sessão escrita por quem estas linhas escreve, conserva despolido resumo. “Aluizio... etc.”. Vem então a anedota, do fato de luto. O intróito, as aspas antes de Aluizio revelaram a atribuição, a Coelho Netto. É dêle a autoria da anedota, até que alguém a reclame. Não pode ser de quem a reproduziu, não tendo sido contemporâneo dêles no Rio, e tendo até recebido contestação do fato, do próprio Aluizio. Permita o nosso confrade sr. Raul de Azevedo esta breve nota, à margem do seu interessante estudo”.

— Do escritor DUNSCHEE DE ABRANCHES: — “Meu ilustre confrade e conterrâneo Raul de Azevedo — Permita que lhe envie as mais sinceras felicitações pelo seu formoso e admirável estudo, publicado no *Jornal do Commercio*, sôbre Aluizio Azeve-

do. Ultimamente, com exceção apenas do capítulo de Rodrigo Otavio nas suas *Memórias dos outros*, o que se há escrito sobre aquele nosso querido amigo, o mais original e verdadeiro dos romancistas nacionais, revela nos seus autores falhas sobre a obra do emérito autor do *Cortiço*.

O seu excelente trabalho me tocou fundamentalmente o coração. É que a família de Aluizio era muito afeiçoada à minha, em Maranhão. Fôra meu avô, o Censor, quem hospedara a progenitora do futuro autor do *Mulato*, quando aos 15 anos chegara de Lisboa onde recebera primorosa educação. As suas três irmãs aprenderam no *Colégio N. S. da Glória*, dirigido por minha mãe e minhas tias. Arthur, aos 14 anos, possuir-se de uma forte paixão por certa parenta nossa, bem mais velha do que êle, e dedicára-lhe seus primeiros versos em um caderno que preciosamente conservo. Aluizio, que se demorou mais tempo em São Luiz, foi figura primacial da boemia maranhense, que a tivemos também na nossa terra, e muito interessante. E, como eu, ainda menino, costumava passar alguns dias de férias em casa de sua mãe, D. Emilia, que aliás o amava

tanto quanto o admirava, poetisa que era e muito letrada, nasceu entre mim e o novel romancista uma grande e sincera amizade que a nossa longa separação nunca poudesfriar de todo. Ainda pouco antes de sua morte, escrevia-me uma linda carta felicitando-me pelo discurso que proferira na Câmara, em honra de Rio Branco. Nem sempre rege o mundo o velho preceito de Ovídio. *Tempus edx rerum...* Aguardando as suas ordens, creia-me seu confrade e admirador. — DUNSHEE DE ABRANCHES.

SENADOR ANTONIO JOSÉ DE LEMOS

I

Um dos homens mais singulares que o Brasil produziu foi o Senador Antonio José de Lemos. O seu recôrte foi notável, diríamos quase invulgar dentro da sua época. Era maranhense de nascimento e completaria a 17 de dezembro de 1943, 100 anos de idade. Fizera-se, porém, paraense, pois que se fixára em Belém, e aí realizou uma das carreiras políticas, administrativas e jornalísticas mais rápidas e brilhantes do País.

O momento de imprensa não era auspicioso. Jornalistas excelentes, sim, mas jornais geralmente mal feitos, anti-estéticos. Foi quando Antonio Lemos fez d'A *Província do Pará*, o seu jornal, uma folha modelar, — alertando o Norte. Ao Sul, havia o *Paiz*,

a *Gazeta de Noticias*, e as tradições do *Jornal do Commercio*. Alguns mais. A *Provincia do Pará*, porém, era duma estética equilibrada, linda. Folha admiravelmente bem feita, bem escrita. Literária, artística, econômica, científica, comercial, agrícola, industrial, política. A paginação era cuidadosíssima, esculpida, uma obra de arte. Tudo obedecia ao gosto artístico apurado do seu dono. Os assuntos eram escolhidos por Antonio Lemos, pela manhã e distribuídos aos seus redatores e colaboradores, conforme as especialidades.

Na minha longa vida de imprensa, em jornais do Norte e do Sul, não encontrei nunca pessoa que tivesse mais cuidado com a feitura do jornal e que tivesse tanto gosto. Ainda hoje, percorrendo-se as coleções da folha, a impressão é excelente. Ele fazia maravilhas com as restritas possibilidades materiais da época. Toda a parte artística vinha de Paris.

Antonio Lemos, a par da sua acentuada feição jornalística, foi um administrador capaz e de destaque. Ele, pode-se dizer, transformou Belém. Seu Prefeito Municipal era infatigável. Tinha idéias sensatas e progressistas. Praças, ruas, parques, construções,

edifícios, tudo lhe merecia o mesmo carinho. Tinha amor à árvore. Enfeitou e arejou a capital paraense. E a sua obra ficou, rememorando o seu trabalho, os seus esforços, o seu nome. Possivelmente tinha defeitos. Quem não os tem ?

Era político, dentro da sua época, preso a uns tantos costumes e hábitos, com alguns vícios exigidos pelo partidarismo dominante. E um mês antes da proclamação da República, — 15 de novembro de 1889 — Antonio Lemos surpreendia a todos declarando que o seu jornal abraçava a causa da República. Poucos dias mais e a República vencia. Era a visão alta do homem observador e atilado.

Antonio José de Lemos nasceu em São Luiz do Maranhão, em 17 de dezembro de 1843, e faleceu no Rio de Janeiro em 8 de dezembro de 1913. Fez-se pela inteligência, pelo trabalho, pela perseverança. Principiou a sua vida pública no Pará como simples funcionário na Companhia de Aprendizes do Arsenal de Marinha. Pouco a pouco foi conquistando, pelo talento e trabalho intenso, estudo metódico, eficiente, as posições de mais alto prestígio. Estudava, lia. De rara competência administrativa, e notável auto-

ridade política, com a vocação do comando, — há outros que nascem para ser chefiados — conseguiu que o Pará se tornasse, em época dilatada, sob o seu contrôlo, um Estado de marcado relêvo na União, contribuindo diretamente para a prosperidade geral do Brasil. Lembrem-se de certo que com o comércio da borracha o Pará aumentava o enriquecimento do Tesouro Nacional. S. Paulo concorria, ao Sul, com o café, e ao Norte a Amazônia com a borracha e a castanha, — fontes de prosperidade do País, naquela época longínqua. Aliás, o cultivo do café teve no Pará a sua primícia no Brasil.

Antonio Lemos trabalhou incessantemente pelo Pará, como outro maranhense trabalhou pelo Amazonas, o engenheiro Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, o Pensador. A Amazonia foi construída, nos seus rumos de progresso vertiginoso, por dois maranhenses.

Numerosas e sucessivas vezes Antonio Lemos foi Intendente Municipal do Pará. Era o Prefeito, e assim, e só assim, pôde realizar a sua obra, sem colapsos prejudiciais ao plano geral da construção e remodelação de Belém. O grande Prefeito da Capital Federal, Dr. Pereira Passos, disse pessoalmente ao seu

colega e amigo, — “Eu começo a fazer na minha cidade o que V. Excia. já fez na sua”. Foi a época da introdução da luz elétrica, meios modernos de transporte e condução, saneamento, embelezamento geral de Belém, arborização em grande escala, construções de edifícios. Tudo isso se viu nascer e se vê hoje; frutificando, e de fato Belém é uma das cidades mais bonitas e prósperas do País. Alguns Governos e Prefeitos Municipais continuaram a sua obra, dentro da evolução fixada pelo tempo.

II

A instrução e a educação sempre mereceram carinho atento dêsse homem, assim como o saneamento. São problemas básicos correlatos, — alicerces das prosperidades da Nação. Criou às dezenas escolas públicas, cursos, asilos, orfanatos, um Corpo de Bombeiros modelar.

Homem dinâmico, dum irradiante poder pessoal, era um artista. O seu jornal confirma-o. E todos os seus atos na vida pública e particular. Procurava se cercar de intellectuais, dos de verdade. Era o seu círculo

de repouso, — após as lutas ásperas e barbaramente provincianas da politicalha. Descobria os talentos, adivinhava-os. Chamava-os para a *Província do Pará*. Foi a época áurea do talento e da cultura da folha paraense. Era um ninho de águias de inteligência pronta e saber comprovado. Era Lauro Sodré, eram José Verissimo e Arthur Lemos, Inglez de Souza, Bertino de Miranda, Justo Chermont, Celso Vieira, Paulino e Heliodoro de Brito, Alves de Souza, Elizeu Cesar, Frederico Rhossard, os dois irmãos João Marques e Antonio de Carvalho — que grande jornalista o primeiro! — Padua de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, Carlos de Vasconcelos, Raymundo Moraes, Humberto de Campos, Flexa Ribeiro, Carlos Pontes, e mais duas dezenas de nomes. De certo o único apagado foi o meu.

Como Antonio Lemos foi grande apreciador e protetor de artistas brasileiros! Pedro Americo, Carlos Gomes, Aurelio de Figueiredo, Antonio Parreiras, os irmãos Bernardelli, Domenico de Angelis — o querido amigo! — Benedito Calixto, Oscar Pereira da Silva, Arthur Napoleão, e muitos outros tiveram o seu carinho.

O que êle fez pelo maior compositor do Brasil! O confôrto dado a Carlos Gomes é uma página que enobrece êsse brasileiro que foi, em certo momento, tão cruelmente injustiçado! E em virtude dessa attitude magnífica dispensada pelo “Velho Lemos” a Carlos Gomes, — todos nós o chamavamos assim, êle que em espírito era o mais moço de todos nós! — a Prefeitura de Campinas, berço natal do compositor da *Fosca*, do *Schiavo*, do *Guarany*, de *Maria Thudôr*, do *Salvador Rosa*, do *Condôr*, do poema sinfônico *Colombo*, e de tantas outras óperas geniais, deu a uma das suas ruas o nome de “Coronel Antonio Lemos”, que, aliás, nunca tivera oportunidade de visitar Campinas.

III

Houve um certo momento em que, na política, o nome de Antonio Lemos se irradiou no País. E o seu amor ao Pará foi tão grande que recusou o convite dos parédros para ser candidato à vice-presidência da República, no Governo Campos Salles. Teria que se afastar de Belém. Não era, pois, um ambicioso. Recusou ser ministro.

Opôs-se tenazmente à sua eleição ao posto de Governador do Estado do Pará. Foi sua indicação, — ou pelo menos sua orientação, proibindo que filhos de outros Estados brasileiros fôsem eleitos Governador do Pará. Sòmente paraense podia ocupar. êsse pôsto.

De certo os contemporâneos paraenses — e a vida é de ontem, — lembrar-se-ão do acontecimento que era a passagem do aniversário natalício do Senador Antonio José de Lemos. Uma comemoração anual excepcional. Uma romaria até à sua residência. Eram tôdàs as classes sociais. Todo o Brasil político, administrativo, intelectual, representativo, felicitava o notável homem público. Os presentes de aniversário já constituíam uma tradição, dos mais suntuosos e ricos, aos mais modestos e simples.

A sua casa era um Museu de Arte.

Duma feita, rumo do Amazonas à Europa, coincidiu eu passar em Belém o aniversário natalício de Antonio Lemos. Fui saudá-lo. Da rua ao terraço da sua residência, apenas um jardim de permeio, levei talvez quarenta minutos para chegar junto àquele que, sorrindo, flôr vermelha à lapela, recebia os

abraços da multidão. Eram milhares de pessoas, na casa, no jardim, na rua em frente.

Anos depois — como a vida é vária ! — numa outra viagem, da Europa para o Amazonas, numa dolorosa e cruel coincidência, em alguns dias passados em Belém, horrorizado, assistia o incêndio do maior jornal do Norte, *A Província do Pará*, e levava o meu abraço a Antonio Lemos. Sereno, controlado, via a sua casa, que era um museu, saqueada.

Pertenci ao número da escassa dúzia de amigos que o acompanharam até a bordo do navio que o desterrava, para a Europa. Estive sempre ao seu lado. Antonio Lemos sofreu imensamente. O saque ao Museu de Arte, que era a sua casa — todos os objetos oferecidos — é uma das páginas mais tristes da injustiça humana. Momentos de ódio, ingratidão, e de explosão. Depois todos fizeram justiça ao homem público e particular.

Disse-me, no último abraço, a bordo:

— Foi a minha noite de São Bartolomeu !

Algo de terrível, que a minha memória não esquecerá nunca.

E murmurou ainda:

— A nossa querida *A Província do Pará* !

A justiça tarda, mas chega. Após 27 anos de esforços, a Justiça deu ganho, numa causa longa e cheia de peripécias; aos herdeiros e sucessores do malogrado homem público. Há uma sentença favorável, passada em julgado, de indenização. De certo os Governos da Nação e do Estado, dentro do Direito, darão execução a essa sentença, que teve a eloquente unanimidade de votos do Supremo Tribunal Federal, dando aos autores pleno ganho de causa. Assinalem-se os seus nomes, — Juiz Federal no Pará Dr. José Alves Veras, reconhecendo o assalto, saque e incêndio das propriedades a 29 de agosto de 1912. Trinta juizes federais haviam jurado suspeição... Expressaram-se favoravelmente os Ministros Costa Manso, Otavio Kelly, Ataulpho de Paiva, Hermenegildo de Barros, Bento de Faria, Eduardo Espinola e o Dr. Cunha Mello.

A família de Antonio José de Lemos está hoje reduzida ao advogado Dr. Arthur de Souza Lemos, Contra-Almirante Adolpho Martins de Oliveira, Sra. Aurea Titan de Lemos, Dr. Manoel Caetano de Lemos, maestro Arthur Iberê de Lemos, Dr. Armando Araguay de Lemos, Joaquim Gomes de Sou-

za, Iracema Botinelli de Lemos, Armando Titan de Lemos, todos necessitados, porque Antonio José de Lemos só lhes pode legar um nome.

O que nos interessa neste estudo é o valor moral da ação, o reconhecimento da injustiça feita pela paixão do momento, pelo desvario, pela loucura que soprou, enfim, o esplendor da Verdade, fazendo-se justiça à memória de Antonio José de Lemos que, tendo em mãos a fortuna do Estado, senhor absoluto do Pará que foi, — morreu pobre, paupérrimo !

Triste sina de quase todos os homens públicos do Brasil ! Acoimados em vida de fazedores de alborques, morrem deixando a família em busca de migalhas para enterrá-los !

A exploração política adulterara os fatos e um grupo inescrupuloso, hàbilmente manejado, fizera a tragédia. Ardia *A Província do Pará*. Saqueava-se o Museu de Arte que era o Lar de Antonio Lemos, em Belém. Lembro-me também da minha noite de São Bartolomeu, em terras amazonenses, em 1930. Político, até então, a minha visão sempre foi larga e generosa. Um magóte sem expres-

são e sem significação percorria, alcoolizado, as ruas da cidade e em certo dia de outubro de 1930, estava enfurecido. Noite alta. Saqueavam-se as casas de políticos em evidência, incendiavam-nas. Homens, senhoras, crianças, só tinham minutos para partir, afim de não serem assassinados, tudo abandonando. Vinha a pilhagem. Em minha casa, que era um Consulado, — Consul do Chile no Amazonas, decano do Corpo Consular, — a bandeira desfraldada, nada foi respeitado. O assalto, o roubo, o machado partindo móveis, quadros, estatuetas, objetos de arte, livros preciosos inutilizados, e furto de todo um arquivo interessante... e precioso. O comêco de incêndio, depois apagado. Sòmente isso? Não! Era necessário me ferir fundo, e na praça pública, pela calada da noite, numa cidade indefesa, a ação do alcool derrubava a estátua do meu filho, que fôra erguida pelo Govêrno do Estado e pelo povo então representado por essa creatura que era um expoente de bondade, o Governador Dr. Ephygenio Ferreira de Salles. O Município — Prefeito o escritor Dr. José Francisco de Araujo Lima, — dera-lhe o nome duma rua. Todos os municípios do Amazonas tiveram

o mesmo gesto, e consagraram-lhe outras homenagens. A estátua de Zany era um primor de arte e de emoção. O busto em bronze era expressivo, a fisionomia parecia que falava, — e aí estava uma grande obra do escultor brasileiro A. Zany. O que fizera o dr. Herbert Lessa de Azevedo? — Dera a sua vida pela sua terra e pela sua gente. Moço, forte, inteligente, advogado, trabalhador, nobre, era querido por todos. Morreu aos 23 anos... Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, fôra Prefeito do Município de Parintins. Depois, Prefeito do Município de Coary. Em certa manhã lúgubre de 1927, a 23 de junho — os sinos bimbalhavam festivos comemorando o dia de São João — um número avultado de cangaceiros atacou a cidade, numa obra desgraçada de traição e roubo. As fêras estavam embriagadas. Queriam as moças indefesas e o dinheiro, e tudo mais que houvesse. Como loucos, assaltavam a Prefeitura Municipal. O Prefeito, sem fôrças materiais, dispondo apenas dum destacamento insignificante, não correu, não fugiu. Num minuto estava na Prefeitura. Organizou fraquíssima defesa... Foi o primeiro que caíu varado pelas balas. Morreu

no seu pôsto êsse Homem. Depois o saque... Daí a consagração do Estado do Amazonas ao filho querido e heróico. Espedaçada a estátua, não puderam quebrar o bronze. Jogaram-no, com esforço, no Rio Negro, que banha Manáus. A perversidade dos homens-féras ! . . .

Desgraçadamente tive, como Antonio Lemos, a minha noite de São Bartolomeu. E perdi o meu filho !

IV

Há uma bibliografia sôbre o grande jornalista, Senador do Estado, Chefe Supremo do Partido. Encontramos em Syro Bocanella e Julumá Britto muitas páginas sôbre êle nos ensaios referentes a Carlos Gomes. No *Brasil dos meus avós*, o acadêmico Viriato Corrêa ocupa-se do *Velho Lemos*. Humberto de Campos, que êle descobriu, criou e ensinou, trata Antonio Lemos nos *Carvalhos e Roseiras*. Velho Sobrinho, no seu Dicionário bio-bliográfico brasileiro (vol. I), escreve sôbre o notável maranhense. Carlos Dias Fernandes publicou a *Monografia sôbre An-*

tonio Lemos. Raymundo Moraes e Raul de Azevedo, em diversos dos seus livros, fazem referências e se ocupam daquele que transformou Belém, e outros autores também. O Pará ergueu-lhe um busto, em Belém, no Bosque Rodrigues Alves, no momento de erguer mais dois, — um ao Presidente sr. Getúlio Vargas, outro ao sr. Augusto Montenegro, em Setembro de 1939, na *Semana da Pátria*. Deve-lhe porém uma estátua.

Num daqueles livros se conta que a política paraense, chefiada então por Antonio Lemos e pelo venerando republicano Dr. Lauro Sodré, deu a Carlos Gomes o lugar de Diretor do Conservatório de Música de Belém, que foi especialmente criado para tal fim. E por iniciativa de Antonio Lemos e Arthur Lemos, êste seu sobrinho, político, deputado federal, senador da República, Consultor Jurídico do Ministério da Viação, orador, jornalista, escritor, poeta, — o então Governador paraense, Dr. Lauro Sodré, determinou a dádiva estadual de vinte e tantos contos de réis para pagamento dum prêmio de seguro de vida que Carlos Gomes fizera na Itália, em benefício de seus filhos Carletto e Itala.

Antonio José de Lemos era filho do Capitão-mór Antonio José de Lemos e de D. Olivia de Souza Lemos. Fez o curso preparatório do Liceu Maranhense, tendo sido discípulo de Latim e Português de Sotero dos Reis. Conta J. F. Velho Sobrinho, à página 446 do seu Dicionário, que aos 17 anos, reduzida a sua família à extrema pobreza, assentou praça na Marinha como escrevente, afim de se candidatar, mais tarde, a oficial de Fazenda. Serviu primeiro na corveta *Ypiranga* que se achava amarrada na baía de S. Marcos, e nesse navio veio para o Rio de Janeiro. Aprovado, em concurso para escrivão da Armada, partiu na corveta *Paraense* para o Rio da Prata, assistindo ao bloqueio de Montevideo, em 1865. Tomou parte, em seguida, na guerra contra o Paraguai e, em fins de 1866, regressou nesse navio ao Rio de Janeiro, passando a servir sob o comando de Joaquim Raymundo de Lamare, que se tornou um dos seus melhores amigos e protetores. Com esse chefe, foi em 1867 para a capital do Pará, servindo como seu secretário, nomeado oficial do Corpo da Fazenda. A 7 de setembro desse ano proclamava de Lamare, em nome do Govêrno Imperial, a bordo do seu navio,

a liberdade da navegação no Amazonas; e Antonio Lemos surpreendeu os seus camaradas proferindo eloquente discurso de saudação ao seu comandante. Contava nessa época 24 anos de idade. Em 1869, era mandado servir na Companhia de Aprendizes do Arsenal de Marinha, e meses depois, o capitão de mar e guerra Manoel Carneiro da Rocha o nomeava secretário do Arsenal, passando, mais tarde, para o mesmo cargo da Capitania dos Portos. Iniciou então a sua carreira jornalística, colaborando em diversas fôlhas e grangeando logo nomeada pelos seus vibrantes artigos, sôbre a chamada questão religiosa. Redigiu, nessa época, *O Pelicano*, órgão do Oriente Maçônico de Belém, e, em seguida dirigiu *O Tacape*, de efêmera duração. Colaborador efetivo do *O Liberal*, do Pará, prestou notáveis serviços ao partido chefiado pelo Dr. Joaquim José de Assis, de quem foi mais tarde sócio na *A Província do Pará*, periódico que saiu a 25 de março de 1876, tendo durado longos anos, até ser incendiado (em 1912) pelos inimigos de Antonio Lemos, quando o depuzeram de chefe do partido republicano paraense. Nesse jornal exerceu, o antigo escrevente da Armada,

grande influência sôbre a opinião pública e aí fez a sua rápida e fulgurante carreira política. Ao cair a monarquia, pode dizer-se que já era o chefe de mais prestígio do partido liberal, enfrentando homens da envergadura do Cônego Siqueira Campos, o poderoso chefe da facção conservadora. Os editoriais da *A Província do Pará* gozavam de uma intensa notoriedade. E tornou-se, assim, Antonio Lemos uma das figuras proeminentes da propaganda abolicionista, ao mesmo tempo que, pelo seu partido, era eleito deputado provincial e vereador à Câmara Municipal de Belém.

Proclamada a República, veiu esta encontrá-lo como presidente da edilidade da Capital do Estado. Aderindo ao novo regime, o seu prestígio político bem cedo se consolidava. Fez parte da Constituinte paraense, duas vezes foi eleito senador estadual e outras tantas elevado a Intendente de Belém. Acrescenta o autor, — rasgou avenidas, preparando soberbos parques: criando serviços modernos de saneamento; instalando hospitais e sanatórios; desenvolvendo o ensino público; enfim, transformando inteiramente a antiga cidade de Santa Maria de Belém de secular estilo colonial. Como Chefe supremo da fac-

ção que dominou o Pará cerca de 20 anos, teve, todavia, de participar de lutas acesas e tremendas. Em 1912 retirou-se do Pará para Lisbôa, onde viveu algum tempo, até que resolveu fixar residência no Rio de Janeiro, onde, pobre como nasceu, veio a falecer.

Na sua bibliografia encontramos — *Discursos políticos* (Belém, 1940); *Contramaniesto. Ao Eleitorado republicano do Estado do Pará*; — *Manifesto ao Partido Republicano Paraense*, (Pará, Tip. de Alfredo Silva). 86 p.; além dos relatórios como Intendente de Belém e outras publicações.

Dêle escreveu Humberto de Campos, no livro *Carvalhos e Roseiras*: “homem invulgar, de que a política poderia ter tirado o mais alto proveito, utilizando-lhe o espírito de iniciativa e a formidável capacidade de trabalho”...

— “O aparecimento de Antonio Lemos na época e no meio em que foi denunciado pela política, é um desses fatos que consolidariam, nas civilizações antigas, o dogma da metempsicose”...

— “E não seria difícil ver em Antonio Lemos a inoportuna repetição de um Medici ou do Rei do Sol desvalorizada, apenas, no

homem e na obra, pelo evidente prosaísmo da época e pela triste vulgaridade do cenário”...

— “O traço principal da individualidade de Antonio Lemos foi essa intuição, que êle teve em alto grau, dos puros prazeres do espírito. Êle foi, nesse ponto, um irmão de Cezar, de Bolivar, de Luiz XIV, de Luiz de Baviera”.

— “Com sua permanência à frente da Intendência Municipal de Belém, a cidade sofreu o golpe de uma dourada vara de mágico. As ruas foram alargadas, calçadas, renovadas, multiplicadas. A edificação que antes dêle era modelada pela velha arquitetura colonial, deu lugar às construções elegantes, ao casario leve, às *villas* graciosas, consultando as manifestas necessidades do clima e as modernas exigências do gosto. Não houve terreno baldio, praça abandonada, de onde inesperadamente não brotasse um jardim, sorrindo nas flores e cantando na folhagem”.

— “A sua residência era um verdadeiro museu de arte. Como Augusto, êle apreciava os vasos famosos e tinha-os, nas suas salas, às dezenas. Como Francisco I, amava as esculturas — e elas se alinhavam, mudas, repousando em custosas peanhas de marmore.

Como Lourenço de Medicis, adorava os pintores — e as tégas se penduravam, largas, nos vinte muros do seu pequeno palácio”.

— “Em sua pessoa eram observados êsse cuidado, essa distinção, essa nobreza, essa magestade que êle punha em tôdas as coisas” — “Êle aparecia, tôdas as manhãs, com o apuro de um grão-duque educado em Paris”... — “Era asism que êle, puxado por parellas que fariam invejar a Achilles, visitava a sua cidade e recebia, com a prata das suas cans, o ouro do sol, que, em setenta anos, não o despertou na cama nem no derradeiro dia da vida. Êsse esmero, essa correção, êsse trato, êle queria em tudo que dependesse do seu mando”.

— “A côrte do Intendente de Belém era, proporcionalmente, a côrte de um príncipe italiano da Renascença. À sua sombra, que se projetava longe, iam se abrigar, afluindo de todo o país, escritores e artistas. Raro era o poeta ou jornalista perseguido nos pequenos principados do norte, que não corria confiante, à procura dessa nova Florêncça. O seu jornal, que foi, no gênero, um *Chef-d'oeuvre* das artes gráficas no Brasil, era, sob a sua direção, uma grande árvore agasalhadora de

pássaros. Eram tantos os poetas que cantavam na sua gaiola de ouro, que o velho Hugo, o Rouxinol de Brobdingnag, teria visto no Pará, por êsse tempo, um daqueles — “lieux vénis ou le vent rest melodieux à force d’avoir mis son soufle dans des lyres”.

— “A sua queda, em vida, foi seguida, não de rumores, mas dos efeitos materiais de uma catástrofe. Não foi a árvore que tomou, matando, esmagando sob o seu tronco a pequena vegetação que lhe bebia as carícias da sombra; foi o furacão que passou de súbito, e que, deixando os escombros de tudo, não deixou, ao extinguir-se, os despojos de si mesmo”.

— “Do naufrágio da obra de Antonio Lemos, ficaram sôbre as ondas da vida, caminho das praias da morte, despojos semelhantes: — “refere-se ao naufrágio simbólico de Veneza descrito em um página de Paul Saint-Victor, que lhe dá, em uma larga imagem, tôda a imensa expressão desse cataclismo — escombros de jornais admiráveis, restos de jardins magníficos, reminiscências de festas fantásticas e dezenas de poetas, de jornalistas, de escritores, desgarrados saudosamente pelo mundo...”

V

A minha primeira alegria na vida de jornalista e escritor foi dada por Antonio Lemos. Tinha 17 anos e meu pai me fizera antes presente de tôda a obra dos Goncourt. Lera tudo, relera. Depois escrevi um ensaio sôbre a obra de Jules e Edmond. Era o aniversário d'*A Província do Pará*, e sairia um número de luxo. Mandei na véspera o meu artigo longo ao Senador Antonio Lemos. Na ousadia da idade escrevi-lhe duas linhas. "Se gostar, publique". Parece que não dormi bem nessa noite, de ansiedade... Às seis horas da manhã, no jardim da minha residência, à estrada de Nazaré, aguardava o jornaleiro. Nunca êsse chegara tão tarde!... Veio *A Província do Pará*, linda, um esplendor de beleza e de arte. Colaboração de Olavo Bilac, Coelho Netto, José Verissimo... Abri a segunda página. Lá estava o meu artigo, *Os Goncourt*. A alegria imensa que me deu Antonio Lemos, com o seu gesto espontâneo! A satisfação do meu pai! E no mesmo dia, à tarde, o meu pai me apresentava na redação a Antonio Lemos, e êste me convidava,

para pertencer *A Província do Pará*. Um sonho bom que se tornou logo realidade.

Um ano mais, e terá de ser comemorado pelo País, e particularmente pelo Pará, o centenário do nascimento de Antonio José de Lemos, — a 17 de dezembro de 1943. Trago o meu contingente a essa obra de brasilidade.

Antonio Lemos era de certo uma figura de relêvo, espírito moço em corpo altivo de velho. Ninguém, na complexa vida política, sofreu mais do que êle, e ninguém foi mais calmo, mais nobre, serenamente heróico na adversidade do que o grande maranhense.

Esta é uma página de saudades. Evoco o seu perfil insinuante, um sorriso macio e forte, irônico, a pontilhar a frase, lhano no trato, com as grandes qualidades de chefe, de guião das multidões, inteligente e hábil, fino conhecedor de ambições e vaidades, e sagaz manejador de homens, limpo no trajar, rigoroso mesmo nas vestes, flor à lapela, e larga fita preta prendendo o monóculo entalado no olho perspicaz.

Foi assim que eu o conheci, na intimidade, há longos anos, e assim é que fôra sempre. Apenas os cabelos brancos, côr de neve, lhe davam ao vulto maior respeito e simpa-

tia maior. Alma nobre e forte, homem tallhado para lutar, combatente aguerrido, foi vencido, mas nunca convencido, e se a morte não o golpeasse, êle de certo não ensarilharia armas.

Um dos nossos escritores mais concisos disse, num dos seus livros, que “entre a admiração supersticiosa e o desdém absoluto há um ponto que é a justiça”. Ora, Antonio Lemos teve o aplauso incondicional, o fanatismo de uns, e o ódio ilimitado de outros. Ao psicólogo desses sentimentos estranhos e extremos, fácil será arrancar a Justiça.

Esta dirá que o grande maranhense, o senador Lemos, o “Velho Lemos”, como todos nós os seus companheiros e amigos o chamavamos, — chega até a ser irritante! — era um infatigável, um extraordinário trabalhador, operoso e inteligente, sabendo mandar, sabendo comandar, bem intencionado e errando como todos os homens erram, para não fugir ao aforismo latino.

Depois, quando veiu o ostracismo, raros, raríssimos foram os que não o apuparam da falange dos incondicionais, periódicos autores de poliantéias profissionais. Desde o insulto pessoal, até à calúnia gazeteira, de en-

volta com a vaia, o assobio estridulo, e a pedrada, e a lama, de tudo sofreu êsse homem eminente que teve por longos anos um poder ilimitado no Estado paraense, que tinha arraigadas admirações e cavalheirescas amizades, e que fez uma Belém nova, atraente, progressista e simpática.

O Pará deve-lhe uma estátua. Há de saldar êste débito, obrigatório, talvez dentro dum decênio.

Mais tarde, no bronze ou no mármore, há de se erguer o seu monumento de arte, dominando "in memoria" uma cidade e um povo, que êle por longos anos soube empolgar em vida, e bem amar.

Erros, faltas, deslises talvez? Mas quem não os terá na vida pública, na curul de chefe, onde muita vez se tem que assumir a responsabilidade do que outros levianamente praticam, para manter um todo de aparências homogêneas, quando, no fundo, no âmago, são às vezes elementos heterogêneos?!

Já dizia Horacio, num verso celebre — "omne tulit punctum qui miscuit utile dulci".

E da obra de Antonio Lemos se póde dizer que êle preencheu o seu fim, misturando o útil com o agradável.

VI

Êle foi um jornalista. Se não era, na pena, um Quintino Bocayuva, um Alcindo Guanabara, — tinha a intuição clara, positiva e firme, da imprensa moderna, política, científica, econômica, literária e artística.

Quando a seu convite — e lá se vão quantos anos de trabalho e de desilusões! — êle me chamou para a *A Província do Pará*, esta era, como de resto sempre foi, a folha mais artística, mais bem feita, mais bem cuidada do Norte.

Foi o tempo áureo desse jornal encantador — que a malvadez humana incendiou, — a época em que mourejavam ali o cintilante João Marques de Carvalho, Frederico Rhossard, Antonio Marques de Carvalho, Padua de Carvalho, Paulino e Heliodoro de Britto, Alfredo Pinto, Bertino de Miranda Lima, e tantos outros, que a morte e o destino têm dispersado!...

Ele foi o Mestre querido de todos nós, quem nos lançou nessa sempre amarga e eternamente deliciosa vida do jornalismo, ensinando, exemplificando, — Mestre amado e querido, que para os nossos erros nunca teve uma palavra áspera e sim de carinho, de afeição, de estima, que nós todos fômos sempre ali como irmãos que se amam e extremecem.

Depois, de longe, de terras outras, durante décadas, a minha colaboração na primeira coluna d' *A Província do Pará* foi sempre assídua, e quando múltiplos afazeres faziam espaçar um pouco essa cooperação, surgia logo a carta carinhosa ao discípulo, de queixa risonha, para que não esquecesse o formoso jornal do Norte...

Belo espírito êsse de Antonio Lemos! Nos dias maiores de desgraça, que o destino quiz que eu passasse alguns dêles a seu lado, estava sereno e calmo, pintalgando a palestra de anedotas leves, sutis, sem uma dessas palavras que riscam como o corisco ou cortam como o raio, e quando lhe lembravam as vilanias, as deslealdades, as ingratidões de

A ou B, então o seu sorriso era um mixto de doçura e piedade...

De tudo acusaram a essa grande alma. Essa miséria da carta anônima — que é a derradeira degradação, a última baixeza humana, — êle, diàriamente, recebia duas, três, cinco! E na palestra, comentando êsse lamaçal, ria com o seu belo riso sadio, das ameaças rubras e das infâmias negras.

Lembram-se das palavras de fôgo de D. Basilio, no *Barbeiro de Sevilha*, quição a obra magistral de Beaumarchais?

“La calomnie, monsieur,

.....
elle s'elence, étend son vol, tourbillone, enveloppe, arrache, entraine éclate et tonne, et devient, grace au Ciel, un cri général, un *crescendo* public, un *chorus* universal de haine et de proscription. Qui diable y resisterait?”

É dêsse escritor malicioso, que por muito encantou a França, Alphonse Karr, esta frase adorável duma intensa psicologia, citada algures por José Verissimo:

— “Se disserem um dia, — roubaste o zimbório da Notre Dame, não digas uma palavra, nem te defendas, foge. Tudo que disseres é inútil no meio do tumulto. Êle passará e toda a gente começa a ver então que o zimbório da Notre Dame nunca saiu do seu lugar” !

Assim aconteceu, assim acontece com a obra de Antonio Lemos.

VII

Como êle, o Mestre querido, amava as flores ! Tinha-as, e lindas, no seu belo jardim, e espalhou-as, formosas todas, pelos largos e praças de Belém, *a sua cidade*, e sempre, à sua botoeira, tinha cravos ou crisantemos, rosas ou camélias, miosotis ou cataléas...

Diziam que tinha uma *alma de féra* — como se as féras tivessem alma ! E eu que sabia, que sei, que a sua alma era boa, deixo através da minha dor e da minha saudade cair braçadas de flores sôbre o seu túmulo, braçadas dessas rosas que êle tanto queria e amava !

E se êle pudesse ouvir-me, ao ler esta página sinceramente dolorosa — se a segunda vida fôsse verdade, — certo nos seus lábios bailaria agora sorriso de infinda bondade...

A êle, Mestre e Amigo, eu devia esta página de Justiça e de Saudade.

1942.

SENADOR DR. SILVERIO JOSÉ NERY

I

Na galeria dos homens notáveis da Amazônia de certo tem lugar de destaque o sr. Silverio José Nery. Amazonense. Pertencia a uma família de talentos e cultura, dominando intelectualmente a figura dos seu irmão o Barão de Sant'Ana Nery, jornalista e escritor dos melhores. Deixou êste alguns livros de valor incontestado, principalmente *Les pays des Amazones*, traduzido em diversas línguas. Escreveu durante 20 anos de Paris para o *Jornal do Commercio*, os seus saborosos folhetins *Ver, Ouvir e Contar*.

Por que não se reunir em volumes êsses rodapés, tão cheios de graça e ironia?

Silverio José Nery teve também outro irmão de relêvo no País, o General Constan-

tino Nery. Fez a campanha de Canudos, deixando um livro forte sôbre o assunto que então abalou a Nação. Foi Governador do Estado do Amazonas e Senador da República.

Um dos seus irmãos mais notáveis foi o dr. Marcio Nery, médico, cientista de relêvo invulgar. E' um nome que merece o respeito do Brasil. Psiquiatra de fama mundial, êle dirigiu com saber o Hospício de Alienados. Dedicando-se aos problemas sanitários, sôbre êste assunto e outros, deixou diversos estudos e monografias, livros, relatórios e ensaios.

Onde está o melhor trabalho feito até hoje sôbre o problema sanitário do Amazonas, e da sua autoria? É necessário que êsse estudo, escrito depois de centenas de pesquisas, apareça para orientar o Govêrno do País, de acôrdo com a boa vontade do mesmo Govêrno.

Um outro seu irmão, o dr. Raymundo Nery, foi deputado federal, engenheiro civil. Outro engenheiro civil, o dr. Abilio Nery. Há ainda o dr. Atilio Nery.

Silverio Nery foi uma figura de recôrte inconfundível. Inteligente e culto, foi sempre um amigo dedicado dos livros. A sua biblioteca era vasta e selecionada.

O estadista amazonense nasceu em Coary, Amazonas, a 8 de outubro de 1858 e morreu em Manáus a 23 de junho de 1934.

Verificou praça no Exército em 6 de novembro de 1873. Agrimensor, em março de 1883. Deputado provincial de 1882 a 1886, fez parte da campanha abolicionista em 1884. Casou em 3 de maio de 1884, com a distintíssima Senhora Maria Maquiné de Silva Nery. Pediu demissão do Exército em 1885, no pôsto de tenente de artilharia. Vereador municipal de Manáus de 1886 a 1888. Deputado estadual de 1892 a 1895. Deputado federal de 1897 a 1900. Senador federal em maio de 1900. Governador do Amazonas de 1900 a 1904. Eleito Governador em 25 de março de 1900, tomou posse no dia 23 de julho do mesmo ano. Voltou ao Senado Federal em 1904, conservando a sua cadeira até outubro de 1930.

II

Filho do major do Exército Silverio José Nery e de D. Maria Antony Nery, foi o primogênito de oito irmãos. Estudou no seminário diocesano de Manáus as primeiras letras e o curso secundário, seguindo depois como cadete para a Escola Militar da Praia Vermelha, onde tirou o curso das três armas, saindo alferes de artilharia. Voltando à terra natal como ajudante de ordens do presidente da província, Dr. Satyro de Oliveira Dias, pouco demorou alheio à política, ingressando no Partido Liberal, chefiado pelo Barão de Juruá — Guilherme José Moreira.

Contrariando o partido dominante, o comandante das armas promoveu sua retirada da circunscrição militar, motivando o pedido de demissão do Exército, por que estava comprometido em pleitear uma cadeira na Assembléia Legislativa. Abandonou, assim, a carreira militar, entregando-se ao serviço de sua província, iniciando a vida política, onde ocupou todas as posições de destaque.

Casou-se com a nobre senhora Maria Maquiné da Silva Nery, pertencente a uma família tradicional do Amazonas, tendo os

filhos Mario, Julio, Paulo, Silverio e Antonio, formados em Direito os três primeiros, Lita, casada essa com o dr. Caetano Cabral. Estão todos vivos, excepção do primeiro.

O dr. Julio Nery foi deputado estadual do Amazonas em varias legislaturas, e em quase duas décadas ocupou as funções de fiscal do governo federal junto a estabelecimentos de ensino. Foi membro do Departamento Administrativo do Serviço Publico. Foi Interventor Federal no Amazonas. O dr. Paulô Nery foi Consultor da Delegacia Fiscal do Amazonas, tendo exercido diversás comissões. O sr. Antonio Nery é alto funcionário do Ministério da Fazenda. O sr. Silverio Nery é funcionário federal.

Mas voltemos à figura de Silverio Nery.

A sua ação e a sua influênciã no Amazonas foram de grande relêvo. Teve projeção larga no País. Deputado Federal, Governador do Amazonas, Senador Federal, 1.º Secretário do Senado da República. Muito relacionado, com um vasto círculo de amizades na alta política do País, êsse homem pertencia à velha escola inglêsa e, superiormente edu-

cado, era um *gentleman*. Palestrador excelente, sabendo contar anedotas, relembrando páginas de leituras, citando autores.

Ele de certo fazia parte do grupo do Brasil, hoje reduzidíssimo, de *gentlemen* e palestradores. São raças que se extinguem... Talvez a vida apressada de hoje, um pouco brutal, turbilhonante, não comporte mais os homens superiormente educados e os conversadores cheios de espírito e ironia.

Na vida do Amazonas há um equívoco quando se afirma que foi o grande engenheiro capitão Eduardo Ribeiro, o "Pensador" — ele fundara e dirigira no Maranhão, em São Luiz, um jornal a que denominara *Pensador* — quem fez Manáus. Ele de certo fez muito, fez imenso. Outros, porém, trabalharam com ardor nessa obra patriótica. Manáus não foi um produto exclusivo de *Pensador*, nem êste o urbanista único da *Cidade Risonha*.

Houve, sim, uma conjugação de esforços entre os auxiliares do Governador Eduardo Ribeiro, que durante oito anos geriu os destinos do Amazonas. Todos tinham a maior boa vontade em cooperar na obra administrativa que se desenrolava. Houve também desavenças sérias... Uma delas prejudicial

à capital. Um erro grave — o cotovelo da principal artéria na esquina da atual Avenida 7 de Setembro, afeiando o traçado que deveria seguir em linha reta até o chamado Trapiche Teixeira. Ficaria uma avenida formidável. Vencera o Governador que não pudera ou não quizera contrariar a proprietários intransigentes, divergindo dos técnicos.

III

Pensador era um pouco teimoso...

A verdade é que, parece, nunca houve um plano geral para a transformação da cidade. Antes, o General Thaumaturgo de Azevedo, que governou o Amazonas, quiz fixar a urbanização de Manáus, depois Eduardo Ribeiro transformou a idéia e iniciou os trabalhos, cabendo ao pranteado Governador capitão Dr. Fileto Pires Ferreira, depois General, o início, a continuação e a conclusão de algumas importantes obras.

Ao Coronel José Cardoso Ramalho Junior, Vice-Governador no exercício de Governador, coube ainda a conclusão de obras que orgulham a *Cidade Risonha*, por mim assim denominada outr'ora. Eduardo Ribeiro fez

muito, e muito fizeram os Governadores dr. Fileto Pires Ferreira e o Vice-Governador Coronel José Cardoso Ramalho Junior, no passado.

Numa obra de reparação e justiça é preciso não esquecê-los.

O trabalho intenso de Fileto Pires Ferreira nas conclusões do suntuoso Teatro Amazonas, do Forum, do Reservatório do Mocó e em outras obras necessárias, mas de menor relêvo ! Essas obras foram algumas concluídas pelo coronel José Ramalho, que as inaugurou. O dr. Fileto Pires Ferreira concluiu e inaugurou o belo Teatro Amazonas.

Sendo Secretário do Estado, na administração Fileto Pires e na primeira fase da do coronel José Ramalho, posso atestar o esforço hercúleo dêsses três dirigentes para dotar Manáus, como dotaram, de soberbos palácios e outros melhoramentos.

Assim, em 1900, Manáus já era uma cidade moderna, bem calçada, bem iluminada, com magníficos bondes elétricos.

Um irmão de Silverio Nery, quando no Govêrno, o General dr. Antonio Constantino Nery, engenheiro militar, também deu um contingente eficiente à Cidade. A Biblioteca

Pública e a Penitenciária confirmam a asserção. E mais, essa vultosa obra, que é realmente maravilhosa, os melhoramentos no bombeamento da Ponta do Ismael. A água é captada no Rio Negro, em grande distância de terra, e depois de passar por 12 enormes filtros, sai clara e purificada. E é uma água saborosa.

Afirma-se, assim, que todos deram um contingente valioso para as coisas úteis de Manáus, e o seu embelezamento. Esqueçamos os erros. Não adianta lembrar as faltas.

Pensador, exemplificando, muito trabalhou no nivelamento da cidade, atêrros e desatêrros. Calçamentos. Essas obras continuaram nas administrações subsequentes mais próximas. Mais tarde, tiveram continuidade nas administrações felizes do ilustre Interventor dr. Alfredo Sá e do notável e boníssimo Governador dr. Ephigenio Ferreira de Salles. Outros Interventores trabalharam.

Tudo, pois, — o que é racional — dependeu da conjugação de esforços das primeiras administrações republicanas. A situação financeira era boa, e as obras prosseguiram, até a conclusão. Daí ter surgido Manáus, a *Cida-*

de Risonha — que um dia, em artigo de jornal batisei assim, e que ficou com essa denominação pelo consenso popular, — nascida da mata virgem e selvagem, *revelação da República*, na frase do Presidente Affonso Penna, e depois, com a crise da borracha, sem aquele trabalho ciclópico, aquela alegria ruidosa e sadia dos dias de antanho...

IV

O Governador dr. Silverio Nery deu a Manáus uma obra importantíssima e prestou-lhe um serviço de enorme valia. A sua administração foi fecunda de trabalho sério e metodizado. Em tudo, — nos seus quatro anos de administração — está o vinco da sua inteligência e da sua ação marcante.

A obra foi o pôrto de Manáus, que é modelar. O seu trabalho insano para conseguir o *placet* do Govêrno Federal ! Pôrto moderno, trabalho que honra a engenharia, êle é maravilhoso. Acresce que essa obra, suntuosa e prática, nada absolutamente custou ao Govêrno do País. Nada. E mais, — a Nação ainda ganhou o belo prédio da Alfandega, inaugurado pelo Presidente Affonso Penna,

e considerado então dos melhores edifícios do Norte.

O outro grande serviço prestado por Silverio Nery foi a lei áurea, denominada do *beneficiamento da borracha*. Até então, toda a produção do Amazonas, a da goma elástica e a da castanha, era cognominada do *Pará*. Estados irmãos, sim, tudo Amazonia, está bem, mas era justo que a borracha do Amazonas não fôsse exportada como do *Pará*, assim como a castanha. A sua lei estabeleceu uma outra situação para o Amazonas — de reivindicação. Não que o *Pará* fizesse algo contra o Estado irmão, mas era a tradição que se conservava e que ficára.

Só essas duas obras honrariam qualquer administração.

Mas há o papel marcante do Governador Silverio José Nery na integração do território brasileiro, na chamada questão do Acre. A sua ação foi notável e decisiva, o seu auxílio a Plácido de Castro uma realidade, e de tal forma êle agiu que, em uma das suas Mensagens à Assembléia Legislativa — ao tempo eu era Deputado e acompanhei na tribuna e na imprensa a sua atitude, — externava-

se, francamente, com a sua responsabilidade de Governador do Estado, em favor do movimento do Acre pró-Brasil.

V

O vasto, curioso e interessante arquivo do Senador Silverio Nery foi destruído pouco depois da sua morte, por expressa vontade sua. Quanta revelação! Quanta elucidação de fatos foi perdida, quanta traição e ingratidão seriam comprovadas, se essa fartura de papéis subsistisse!

Subsídios preciosos para a história política do Brasil, especialmente do Amazonas, todos perdidos!

Quando da chamada revolta — Ribeiro Junior, o ilustre parlamentar, pronunciou no Senado Federal uma série de discursos excelentes, que despertaram a atenção, e estão enfeixados em folheto.

Silverio Nery fez com ardor e entusiasmo a campanha abolicionista. Foi notável a sua ação na imprensa e na tribuna. Foi também um combatente pela República, seu propagandista.

A sua larga carreira política não teve solução de continuidade.

A sua ascensão foi feita normalmente. Primeiro, vereador municipal, na Monarquia; depois, deputado estadual, várias vezes, já na República; deputado federal, reeleito; Governador do Amazonas; chefe do Partido, de grande prestígio e respeitado pelos próprios adversários; Senador Federal, em várias legislaturas. Eleito, e sempre reeleito, 1.º Secretário do Senado da República. Presidiu diversas vezes o Senado Federal.

Fez várias viagens à Europa.

Assinale-se, para honra sua, — foi o único congressista que, estando na Europa, no momento da revolução de 1930 no Brasil, embarcou de Paris para o Rio de Janeiro, imediatamente. Não se deixou ficar, comodamente ou não, mas em todo o caso sossegadamente, na Europa.

Matou-o enfermidade cruel e dolorosa. Sempre de animo forte, encorajando a família e os amigos. Morreu em Manáus a 23 de junho de 1934, e em 14 de julho seguinte tivemos a Constituição... Era a sua ansia, o seu desejo de brasileiro e de patriota, que a

Nação entrasse na vida Constitucional. Era um verdadeiro democrata, dentro dos velhos moldes inglêses.

Engenheiro-agrônomo, Silverio Nery palmilhou as terras do Amazonas, navegou os seus igarapés e igapós, demarcando. Conhecia perfeitamente o seu Estado, em todas as zonas, ás mais perigosas, intranquilas e longínquas. Muita vez, de volta dos horríveis e penosos trabalhos de demarcação de terras, em lugares pantanosos, vinha enfêrmo, com a moléstia das regiões, o impaludismo. Tratava-se e regressava ao interior.

Tinha estudos de agricultura e pecuária. Era um entusiasta por estas. Lia muitos livros e revistas especializados. Na terra é que está a fortuna do País. E executava. Confronte a Manáus tinha o seu sítio denominado January, uma enorme faixa de terra que adquiriu em hasta pública por uns seis contos de réis. Plantava, e desenvolvia a criação. As suas plantações de milho, inteligentemente feitas, foram extraordinárias. A qualidade, excelente; a fartura, imensa.

Era sempre bom para todos, especialmente para a gente simples e modesta, que tratava com verdadeiro carinho. Os caboclos

admiravam o Chefe e lhe queriam um bem imenso.

Nos dias de eleições, os aspectos da sua residência, na então Avenida Silverio Nery — trocaram o nome da Avenida... — eram interessantes. Os seus eleitores vinham de longe para votarem consigo. Hospedava a todos.

Tivera também uma bela fazenda, o Amatary, no Amazonas, distante de Manáus sete a oito horas de vapor, onde desenvolveu a agricultura e a pecuária. Era uma zona de panorama deslumbrante. Dificuldades de vida fizeram com que se desfizesse dessa fazenda, pela qual tinha grande amor e cuidado.

Notável o seu gosto pela caça.

Conhecedor profundo dos problemas nacionais, sabia que a terra devia ser amanhada, tratada com inteligência, zêlo, competência e carinho. Assim, daria tudo e bem.

A par disso, da vida prática, Silverio Nery era um velho jornalista, com idéias e ideais equilibrados, fazendo o artigo dentro do bom senso e dos conhecimentos profundos que possuía do Brasil todo, e particular-

mente da Amazônia. Era um cronista elegantíssimo, cheio de ironia, e as suas crônicas diárias fizeram época. Assinava-as *Yren*.

Sempre, nos jornais que dirigi no Amazonas, seu Diretor ou Redator chefe, contei com a colaboração do amazonense que sempre honrou a sua terra. No *Amazonas Commercial*, propriedade do meu pranteado amigo coronel Caetano Monteiro da Silva — capitalista, comerciante, homem digno, — no *O Rio Negro*, *Diário de Notícias*, *Comércio do Amazonas*, *A Federação*, na *Fôlha do Amazonas*, no *O Globo* e em outros, os seus artigos, crônicas ou sueltos, despertavam a atenção do público.

Modesto sempre. Simples, numa educação apuradíssima, dum contrôle perfeito.

Esse homem tinha defeitos? Talvez. E' provável. De certo os tinha. É humano. Mas não os conheci. Seu amigo íntimo, por quatro décadas, observei sempre a sua superioridade, a sua generosidade, a sua elegância moral, a sua competência e o seu civismo.

Era um bom brasileiro, na significação justa e precisa do vocábulo. Tinha uma fé imensa nos destinos da sua, da nossa Pátria.

Poucas vezes ocupou a tribuna da Câmara Federal ou do Senado da República. Era, aliás, orador elegante. Mas os que mais falam não são os que mais produzem... Ele agia controladamente. E muito conseguiu em prol especialmente do Amazonas.

Espírito liberal, conciliador, era em política um tolerante. Todos os seus amigos, os seus íntimos, e eu era um deles, podemos atestá-lo.

Há provas edificantes.

Chefe de Partido, com prestígio pessoal, muita vez — o emaranhado e a complexidade da política! — tinha que assumir a responsabilidade do que outros faziam à sua revelia...

A política outrora era assim.

Alto e forte, espadaudo, sempre elegante de atitudes e maneiras, fidalgo de porte, esmerado no trajar, êsse que a morte abateu foi um dos nossos vultos políticos mais singulares, mais impressionantes, odiado por uns no momento supremo das vitórias, amado por outros, guardando sempre, nas épocas agitadas e trepidantes da política, ou nos dias serenos, um contrôle invulgar, dominando pela generosidade e pela bondade.

Silverio Nery é um nome que não se apagará na sua terra, no seu Estado, e que ficou como um belo padrão de trabalho orientado, de amor ao Brasil, de devoção, escudado numa simplicidade que era um encanto e numa modéstia que chegava a ser um crime.

Com 76 anos de idade, Silverio Nery era um moço. Na idade parecia que ficara nos cinquenta, e no espírito era positivamente um jovem.

A sua velhice de décadas não perturbava nunca o seu esplendor físico. O moral fôra sempre excelente. E poucos homens do Brasil sofreram a ingratidão, a perfídia, a calúnia, a traição, a injustiça, como êle !

Mas, duma educação rara, duma inteligência clara e brilhante, com uma boa cultura, êsse homem despretencioso tinha a serenidade dum forte. Estudara o latim e o português, sèriamente. Lia os latinistas no original e gostava de recordar Ovidio e Horacio. Tinha uma riqueza vocabular que já se vai tornando rara. A nossa língua portuguesa, e a nossa linguagem brasileira, escrevia e falava com apuramento, com distinção, com bravura.

VII

Jornalista e escritor, Silverio Nery tinha um pouco daquela ironia de que foi príncipe o seu irmão, o Barão de Sant'Anna Nery — aquele escritor malicioso do livro *De Paris a Fernando de Noronha* — e poderia, se quizesse, nos ter legado alguns livros interessantes e profundos.

Era um observador agudo e penetrante, de costumes e hábitos, e um guloso de livros, revistas e jornais. E duma simplicidade incommum. Sorria do cabotismo político...

Viajor infatigável, frequentador dos mais altos meios sociais, era um prazer a sua palestra. Notava-se sempre, a par da graça na conversa, um grande equilíbrio mental. Raciocinava com acêrto.

Tinha bom senso, — predicado que devia ser banal, e é tão raro nos homens que dirigem e governam! E nunca, mesmo nos dias de injustiças supremas e de ataques brutais, partidos da tribuna partidária ou da imprensa política, deixou de guardar aquela linha impecável de estadista que se respeita.

VIII

Esse homem foi desde Vereador Municipal até Senador da República. Ganhou os postos, um a um. Quando assumiu o governo do Amazonas, no seu discurso inaugural, traçou o seu roteiro— **MAIS ADMINISTRAÇÃO E MENOS POLÍTICA!** A frase correu todo o País.

Em 1930, quando caiu a 1.^a República e foi proclamada a 2.^a, estava na Europa, eleito pelo Senado Federal membro do Congresso Internacional Inter-Parlamentar do Comércio, em Bruxellas.

Sofreu herôicamente quatro anos, silenciosamente, — sem ódios, sem extravasamentos, coberto de estoicismo.

Esperava sempre que o País entrasse na vida Constitucional, — o que aconteceu logo depois da sua morte.

Vivendo a vida, Silverio Nery era um idealista. Nunca o dominou o pessimismo. Acreditava nos homens da sua Pátria. Apaixonado por esta, bem querendo a sua terra natal, confiante nos destinos ciclôpicos do Amázonas, perdoava a ingratidão de certos

homens que inventara, a sua inveja e o seu ódio.

Sorria, — intimamente penalizado de tanta inferioridade mental e moral.

Os homens passavam, — e os maus iam se destruindo por si mesmo, lentamente. Era a fatalidade. E Silverio Nery ficava sempre, tranquilo, calmo, sereno, superior, bem norteado, seguro de si, cheio de fé, vitorioso nos dias áureos, vitorioso ainda na derrota — um paradoxo ! — porque, no ostracismo, as suas atitudes, os seus gestos, o seu nome, ficaram sempre limpos, incólumes.

Mais de 50 anos de trabalhos e lutas em pról do Amazonas e da Nação, em pról especialmente da sua terra natal — fóra os seus estudos, a sua formatura em agronomia. Ajudante de ordens do Comandante da Região Militar, tenente do Exército, pôsto em que se demissionou — Silverio José Nery tem o seu nome ligado aos acontecimentos maiores do Brasil político, nesta fase larga da vida nacional. Foram cinco décadas em que êle, modesto que era, se viu focalizado, envolvido nos acontecimentos que surgiram. A par de defeitos que por acaso tivesse, — a sua obra é magnífica, consolidada, forrada dum

grande patriotismo, cheia dum civismo que já se evoca como um exemplo.

Era duma lealdade absoluta. Sempre, desde o primeiro ao último dia, foi amigo e companheiro do General Pinheiro Machado. Sacrificava-se para ficar com os seus amigos. Duma grande correção de proceder, Silverio Nery foi um forte. E um bom. Tinha o culto sereno da justiça. De certo, pensava como Hugo “*ayez em vous ces doux choses qui sont le plus court chemin de l’homme á la verité — la certitude dans l’esprit, la droiture dans le cœur*”.

IX

E’ preciso não esquecer nunca a sua ação enérgica, patriótica e decisiva na chamada questão do Acre. Reivindicação do nosso território. O seu antecessor no Govêrno, coronel José Cardoso Ramalho Jnior, coadjuvara um trabalho pró-Acre, para livrá-lo do jugo estrangeiro, que o cobiçava. A ação de Silverio Nery foi decisiva, dentro dum rumo claro e largo.

Auxiliou em tudo ao Barão do Rio Branco e ao Govêrno do País. Ao tempo eu era.

deputado estadual e correspondente e representante no Amazonas do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Sei como tudo se passava. . .

Depois o Govêrno Federal tomou o Acre. Retalhou o Amazonas. As rendas diminuíram, escoaram-se para a União. E o Amazonas, então, foi empobrecendo, endividando-se, sem a borracha nunca ter tido amparo inteligente e honesto, e depois de ter feito naquela época uma grande e formosa Cidade, foi apontado ao País como um nababo louco, desperdiçador, esbanjador, — êle que salvara também uma faixa larga e rica do território nacional, êle que pela fôrça, no primeiro momento decisivo, conservara o Acre brasileiro, não deixando que o estrangeiro o assaltasse, o abocanhasse, dêle se apoderasse !

Era Governador do Amazonas o dr. Silverio José Nery.

Escrevo emocionado esta página. Perdi em Silverio Nery o amigo certo, o companheiro fiel de algumas décadas. Os dias maus, os da administração, da política e da imprensa, vivemos juntos. Quando duma das tentativas de assassinato contra mim, — naquele tempo era assim ! — eu era o redator,

chefe do seu belo jornal, órgão do Partido Oposicionista, a *Fôlha do Amazonas*. Esta foi assaltada, empastelada, por elementos policiais disfarçados e assalariados. A mim me couberam três balas, outros companheiros feridos. Dias depois revivíamos a *Fôlha do Amazonas*, e era obrigado a ir à Europa, à Alemanha, completar um tratamento, afim de evitar uma operação cirúrgica, a amputação da mão esquerda.

Juntos vivemos também os dias de triunfo, de vitórias serenas, de alegria e sol. Mas, nem por isso, me julgo suspeito, dentro da tranquilidade da minha consciência, dentro da justiça do meu espírito, para traçar o seu epitáfio. E ainda vou buscar no idioma de Ovidio e Horacio que êle tanto amava, o conceito para o seu túmulo — EMUNCTÆ NARIS HOMO — Homem de tato fino, de bom gosto, inteligente, homem de bom juízo.

O Amazonas ainda lhe erguerá uma estátua.

Nota — No Município de Coari, onde nasceu, já lhe ergueram um busto em bronze.

GENERAL DR. FILETO PIRES FERREIRA

I

No cenário da política do Norte, antes de 1930, o General Dr. Fileto Pires Ferreira foi um nome falado e discutido, com valôres próprios. Era, então, tenente do Exército, e fôra da Câmara dos Deputados para a curul governamental do Amazonas. Depois, promovido a Capitão.

Homem inteligente, de sólida cultura, era êle de verdade uma figura interessante. Onde estivesse estava o movimento. Tinha ação, — pronta, enérgica e decisiva.

Orador excelente, veemente, arrebatador de assistências, a sua frase tinha calôr. Era um homem norteado pelo bem e com atitudes e gestos nobilitantes.

Tinha princípios em política. Idéias firmes, ardente vontade de trabalhar pelo Amazonas, onde se radicára, e pelo Brasil.

Republicano dos melhores.

Fui um dos seus companheiros, um dos seus amigos, um dos seus auxiliares na linha da frente pró-Amazonas. Sei bem dos seus sentimentos, dos seus serviços, do seu idealismo. Foi talvez o discípulo mais amado de Benjamim Constant, um dos fundadores da República. Possuía uma fotografia do General com a mais alta e nobre das dedicatórias.

Ardoroso, vibrante, às vezes impetuoso, era um homem de comando. Há homens que nascem para comandar, assim como outros para serem comandados. . . . Ele era dos primeiros.

Trabalhava sempre, trabalhava muito. Pensava de certo com Rojon, — “l’homme le plus heuré c’est le plus occupé”.

II

Um resumo biográfico:

— Nasceu Fileto Pires Ferreira a 16 de março de 1866, no município de União, Esta-

do do Piauí. Filho de pais piauienses, capitão Raymundo de Carvalho Pires e D. Lydia de Sant'Anna Pires, fez os seus primeiros estudos em Terezina, onde tirou os preparatórios com brilhantismo.

Com decidida vocação pela carreira militar, seguiu para o Rio de Janeiro, em 1883, como soldado do Batalhão de Engenheiros, matriculando-se na Escola Militar do Rio Grande do Sul, em 1884.

Aí repetiu, com o melhor êxito, os preparatórios de matemática, merecendo o grau distinto. Em 1885, foi transferido para a Escola Militar do Rio de Janeiro, tirando o primeiro e o segundo ano com aprovações distintas, conquistando o posto de alferes aluno em 1886. Até setembro estudou o 3.º ano, quando doença grave fê-lo interromper. Em 1888, entretanto, concluiu êsse ano, sendo classificado em 1.º lugar nas duas matérias principais. Em 1889 fez o 4.º ano, com exames também de algumas matérias complementares, creadas no curso pelo regulamento Thomaz Coelho.

Republicano desde os bancos escolares, educado nas idéias modernas e liberais, Fileto Pires, em 1889, tomou parte saliente em

todo o movimento republicano, distinguindo-se pelo seu talento e valôr.

Discípulo amado de Benjamim Constant, esteve ao seu lado no preparo e na execução dos planos de 15 de novembro de 1889. Tomou parte em todos os acontecimentos revolucionários, marchando com a célebre 2.^a Brigada, sob o comando de Benjamim Constant e depois de Deodoro da Fonseca.

Proclamada a República, onde a sua co-operação se salientou, fez o serviço da guarnição no Quartel General nos dias subsequentes. No *Diário Oficial* de setembro de 1891, há um documento honrosíssimo para Fileto Pires, referente ao movimento republicano.

Foi um dos que sufocaram a revolta do 2.^o Regimento, em dezembro de 1889.

Em 1.^o de janeiro do ano seguinte; embarcou para o Amazonas, à disposição do Governador, 1.^o tenente Augusto Ximenes Villeroy, depois general reformado do Exército. Em viagem soube que fôra confirmado no pôsto de 2.^o tenente e promovido imediatamente a 1.^o tenente, por serviços relevantes prestados à República.

Chegando a Manáus, seguiu para Teffé como superintendente municipal, dispensando os seus vencimentos. Regressou pouco depois, seguindo para o Rio de Janeiro, para completar o seu curso em janeiro de 1891, quando recebeu o grau de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais.

Formado já e prestes a ser promovido a capitão, soube que a promoção estava feita, com classificação em Mato Grosso. Não querendo seguir para aquela região, pediu licença e foi transferido para o Estado Maior de 1.^a classe. Incompatilizado com o Governo de então por acontecimentos políticos do Piauí, seguiu para Minas Gerais, onde esteve quase um ano, trabalhando como engenheiro da Estrada de Ferro, regressando ao Rio em fins de 1891, licenciado pela Diretoria da Estrada.

Por essa época deu-se o golpe de Estado. O Ministro da Guerra ordenou a sua presença no Quartel General, sendo, então, nomeado ajudante de ordens do 1.^o distrito militar, no Pará. Aproveitando a sua ida ao Norte, o Marechal Floriano Peixoto confiou-lhe uma comissão importante e reservada — conferenciar com os chefes do movimento contra o golpe de Estado.

Em Pernambuco teve ciência do contra-golpe, tendo-se entendido já com Moreira Cesar, na Bahia, Calheiros, em Alagôas e Coronel Camara, em Pernamubco, quando recebeu telegrama do Marechal mandando aguardar ordens do Govêrno no Amazonas e agradecendo os serviços que prestára.

Em dezembro de 1891, Fileto Pires chegou a Manáus. Do dia da sua chegada até 27 de fevereiro de 1892, deu-se o célebre movimento revolucionário amazonense, que acabou na deposição do Govêrno Thaumaturgo de Azevedo. A 11 de Março chegava o dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, escolhendo e nomeando secretário do Govêrno o ilustre republicano, tendo servido nessas funções até 16 de maio, cooperando eficazmente para o desenvolvimento do Amazonas.

Serviu gratuitamente na Diretoria de Obras Públicas, sendo nomeado depois para servir nas Obras Militares. Em 1892 foi eleito deputado ao Congresso do Amazonas, sendo designado com três colegas para formar o projeto da Constituição do Estado.

Em setembro, promulgada esta, retirou-se para a capital da República, de onde regressou a 11 de fevereiro de 1893, quando se

deram os fatos da pretendida deposição do dr. Eduardo Ribeiro pelo Coronel Bento Fernandes. Defendeu o governo legal, salientando-se na sufocação dêsse movimento.

A 20 de março, eleito deputado federal, seguiu para o Rio de Janeiro, apoiando incondicionalmente os atos do bravo Marechal Floriano. Na Câmara Federal a sua figura foi saliente, discutindo as questões mais importantes, agitadas naquela casa.

A 25 de julho do mesmo ano consorciou-se, na Capital Federal, com a Exma. Sra. D. Maria Lucrecia Gomes de Souza, pertencente a uma das famílias mais distintas do Rio de Janeiro, e filha do velho general Francisco Gomes de Souza, maranhense.

Estalando a revolta de setembro de 1893, apresentou-se ao Govêrno, tendo servido com todo o patriotismo e abnegação nas Fortalezas de Santa Cruz e São João.

Fez com rara perícia tôda a obra de defesa da Fortaleza de S. João, tendo seguido logo após em comissão reservada do Govêrno para Santos, para a fortificação da cidade, de onde regressou a 11 de março de 1894 para assistir ao ataque decisivo da esquadra.

Nesse tempo, em 1.º de março, era reeleito deputado federal pelo Amazonas, continuando na Câmara a apoiar o Marechal Floriano, ao lado dos seus amigos e companheiros general Francisco Glycerio, general Quintino Bocayuva e general Pinheiro Machado.

Apresentou-se em 1894 a candidatura do Senador Manoel Francisco Machado para Governador do Estado do Amazonas, e êsse fato abriu cisão no seio do Partido Democrata, sendo por êsse tempo fundado o Partido Republicano Federal, sob a chefia do senador referido, sendo o dr. Fileto Pires escolhido um dos representantes do Partido, na capital da República. Acompanhou-o nessa situação o militar e deputado federal Gabriel Salgado. Travou-se então luta renhida entre as duas facções do Partido, tendo o dr. Fileto Pires, no Rio, dirigido todo o movimento político.

Divergências posteriores entre o moço piauíense e o senador Barão de Ladario arrastaram o senador Machado para as fileiras do sr. Costa Azevedo (Barão de Ladario) — Houve rompimento, ficando a política dividida em três grupos: — um dos Moreiras, representado pelos srs. coronel Joaquim José

Paes de Silva Sarmiento, outro do desembargador Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto e coronel Francisco Ferreira de Lima Bacury, e finalmente o terceiro, pelo sr. dr. Fileto Pires Ferreira e Gabriel Salgado.

Regressando a Manáus, o distinto militar apresentou nos últimos dias de 1895 a candidatura do sr. Gabriel Salgado para Governador do Amazonas, sendo recusada. Então os amigos de Fileto Pires assentaram a sua candidatura que, a princípio, recusou e finalmente, depois de muita insistência e principalmente atendendo a um apêlo do dr. Eduardo Ribeiro, foi aceita e eleito governador do Estado do Amazonas a 25 de março de 1896, tomou posse a 23 de julho do mesmo ano.

De acôrdo com a lei promulgada pelo Congresso do Estado em 25 de março de 1898, foi concedida licença ao Dr. Fileto Pires para retirar-se do Amazonas, afim de tratar de sua saúde gravemente abalada, e na Europa se operar, tendo seguido dias depois, passando o Govêrno ao seu substituto legal Coronel José Cardoso Ramalho Jor., Vice-Governador.

Em agôsto de 1898, estando ainda na Europa, alguns dos seus "amigos" e protegi-

dos se tornaram seus adversários políticos, falsificando sua assinatura, forjando sua renúncia à presidência do Estado.

É a página mais negra e a mais repulsiva da política do Amazonas de outr'ora.

III

Deixando a política, dedicou-se exclusivamente à carreira militar, tendo dado desempenho a diversas e importantes comissões.

Entrando para o Corpo do Estado Maior, ocupou a chefia da 1.^a Divisão. Em 22 de outubro de 1916, o *Diário do Congresso* estampou um parecer de sua lavra sôbre o projeto da criação de um Estado Maior Mixto, de Defesa Nacional, que merecera a aprovação do General Moraes Rego, bem como do General Bento Ribeiro.

Quando enfermou tinha em elaboração um regulamento do Exército em campanha, sendo da sua autoria o projeto de regulamento sôbre Administração nos corpos que, em 1917 foi publicado no Boletim do Estado Maior, tendo em vista o regime das *Massas*.

Comandava o 9.^o Regimento de Artilharia, quando a morte o surpreendeu.

Faleceu o General Fileto Pires Ferreira no Rio de Janeiro a 11 de agosto de 1917, em sua residência, à Rua Visconde de Itamarati, 116. Vitimou-o um ataque de uremia.

Assisti os seus funerais. Tomei parte em tôdas as homenagens que lhe foram prestadas. O seu entêrro no cemitério de S. Francisco Xavier, no mesmo dia da sua morte, movimentou os seus inúmeros amigos e companheiros, militares e civis.

Houve uma coincidência singular, — o seu falecimento ocorria no mesmo dia em que era lavrado pelo sr. Presidente da República o decreto da sua reforma.

Fileto Pires Fererira teve os seguintes filhos: — o ilustre major Alkindar Pires Ferreira, falecido, senhoritas Nair e Iberina, e capitães Iberê, Ivan e dr. Helio Pires Ferreira.

Era sobrinho do Marechal Firmino Pires Ferreira, que foi Senador Federal e Chefe político no Piauí, e cunhado do brilhante Dr. Guido Gomes de Souza, desembargador aposentado do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas e do almirante Heraclito Belfort Gomes de Souza, ambos falecidos.

O Amazonas, pelo motivo da sua morte, prestou-lhe diversas homenagens, — os pode-

res Judiciário, Legislativo e Executivo, imprensa e povo.

Antes, fôra um dos homens mais caluniados do Brasil. A politicalha precisava abatê-lo.

Aí acima ficou uma referência sôbre um retrato do General Benjamim Constant oferecido ao dr. Fileto Pires Fererira. A dedicatória do fundador da República vale por uma proclamação, — “Alma pura, coração generoso, francamente aberto aos nobres sentimentos, que mais honram a nossa espécie”. Está datada de 1890.

O sr. General Vicente Guimarães, ao desligar da Guarnição da Bahia o então major dr. Fileto Pires Ferreira, escreveu, — “Oficial disciplinado, disciplinador, devotado ao engrandecimento material e moral de sua classe, irrepreensível no cumprimento de seus deveres, o major Fileto prestou relevantes serviços a esta administração, já coopeando na construção dum campo de exercícios práticos e linhas de tiros, que foi levada a efeito na fazenda da Ponta d’Areia, onde permaneceu durante 4 meses, ministrando instruções a um contingente do 9.º batalhão, já na seleção dos voluntários que se destina-

vam às fileiras, base primordial para a organização do nosso exército. Louvando o referido oficial pela lealdade, zêlo, dedicação, inteligência e competência que sempre patenteou, quer no exercício de suas funções, quer no desempenho de comissões que lhe foram confiadas por êste comando, cabe-me congratular-me em nome desta guarnição, com a do 2.º distrito, pela aquisição que vai fazer de tão distinto quão prestimoso camarada”.

Foi ruidoso no País o caso da chamada *renúncia* do dr. Fileto Pires Ferreira ao cargo de Governador do Amazonas. Êle publicou mesmo um livro interessantíssimo sôbre o triste assunto, largamente documentado. O seu período governamental foi iniciado a 23 de julho de 1896, tendo recebido o mandato a 25 de março daquele ano. Seria por 4 anos. Foi privado dêle, pela felonía, a 1.º de agosto de 1898, tendo governado sòmente dois anos, aliás proveitosos e fecundos para o Estado. Tôda essa época ficou fóra do serviço militar, dentro das prerrogativas emanadas da Lei pelo motivo do seu mandato de Governador. Era implicitamente a comprovação, por parte dos poderes constituídos, da sua situação política.

O dr. Fileto Pires Ferreira deixou a administração a 4 de abril de 1898, embarcando doente para a Europa, com a sua família. Tinha que se submeter a uma grave intervenção cirúrgica. Fôra em licença legal concedida pelo Congresso do Estado.

De Paris, datada de 27 de Junho, o Congresso Legislativo recebeu a *renúncia* do Dr. Fileto Pires Ferreira, que então ali se encontrava, e aceitou-a. Mas a assinatura fôra falsificada e com *firma reconhecida*. Foi feita por pseudos amigos seus, a quem protegia.

Mas neste ensaio não pretendemos discutir nem tratar de atos subalternos. O nosso intuito é apenas salientar a obra magnífica daquele que foi sempre um homem digno, com serviços à Pátria, — Soldado e Cidadão.

V

Já falamos do Soldado, — dos melhores que o País tem tido.

Falemos agora do Cidadão.

Prefeito, Deputado ao Congresso do Estado, Deputado ao Congresso Federal, Governador do Amazonas, — êle prestou bons serviços ao País, particularmente ao Amazo-

nas. Os seus pareceres, os seus discursos, — orador notável que era — a sua ação, e os seus trabalhos confirmam êsses dizeres.

Difícil será uma síntese dos seus dois anos de govêrno. Desde o primeiro ao último dia estivemos ao seu lado, auxiliar, companheiro e amigo.

Oficial de Gabinete e depois Secretário do Estado, acompanhamos a sua obra de construção e reconstrução.

Recebeu o dr. Fileto Pires Ferreira o Estado com um *deficit* de quasi 4.000:000\$000, e apenas em dezenove meses de govêrno, entregou-o com um saldo em dinheiro de quase 9.000:000\$000, e o Amazonas sem dívidas, — e ainda com uma série ayultada de obras !

Encontrou tôdas as construções suspensas, vultosas dívidas, e o Tesouro sem dinheiro. Teve que realizar um pequeno empréstimo, primeiro mês de administração, para completar o pagamento do funcionalismo. Entregou o Estado com tôdas as obras em andamento, outras iniciadas, sem dívida alguma e com um enorme saldo. Era, pois, um grande administrador.

Uma das suas preocupações maiores era a demarcação dos limites do Estado Amazonas-Pará, em litígio há muitos anos. Procedidos os estudos, feito o entendimento com o Pará, ao tempo governado pelo eminente dr. José Paes de Carvalho, foi o Governador até Belém afim de assinar o acôrdo com o Govêrno, finalizando, assim, a tradicional divergência. Secretário do Govêrno, fiz parte da pequena comitiva, e subscrevi o tratado de limites, que consultava a verdade, a justiça e os interesses de todos.

Fileto Pires reorganizou a Justiça do Estado, respeitando os seus direitos, ampliando a sua ação.

Acabou com as verbas orçamentárias ilimitadas e as autorizações contrárias aos interesses do Estado. Fixou as verbas.

Deram-lhe, sem que êle pedisse, no orçamento, autorização para contrair um empréstimo de £ 2.000.000, e muitas outras concessões e delas nunca se utilizou.

Publicava todos os seus atos. Dava liberdade à imprensa. Clamou por uma devassa na sua vida pública e particular, quando foi traído.

Mas a intervenção federal não se deu. A *renúncia* ficou entre os casos consumados da época.

O seu programa principal foi organizar uma fiscalização séria e rigorosa, e desenvolver fontes de renda. Educação, Saúde, Lavoura, Agricultura, Pecuária, Transportes, — melhorar tudo, como melhorou.

Quando os sertões de Canudos se revolucionaram, Fileto Pires, oficial competente do Exército, correu em defesa da República, enviando forças policiais amestradas para a luta. Tiveram grande êxito, sob o comando do depois general reformado Candido Mariano, falecido.

Gritou contra a linha de limites com a Bolívia que estava sendo traçada, e que esbulhava o Amazonas e o Brasil. Pediu fôsse verificada a nascente do Javary, e foi atendido. Cuidou dos limites do Amazonas com Mato Grosso.

Estabeleceu harmonia e respeito dos poderes, prestigiando-os. Sendo maiores as rendas do Estado, àquele tempo, provenientes dos direitos cobrados pelas exportações da borracha e da castanha, alvitrou que os orçamentos fôsem calculados em ouro.

A questão cambial era então assunto momentoso, premente, de importância capital, para a própria vida do Estado. Cresceu no seu govêrno a produção da borracha e devido a baixa cambial, as cifras subiram, apresentando grandes arrecadações, devido também ao seu programa intransigente de fiscalização. Muita vez, com êle, fizemos fiscalizações de embarques.

Trabalhou pela instrução pública, desenvolvendo-a, instalando escolas, grupos e cursos. Remodelou-as. A alfabetização do Brasil, de tôda a vasta região sob o seu govêrno, era uma das suas preocupações contínuas.

Cuidou sèriamente da catequese e civilização dos índios. Reorganizou enfim a estatística, serviços de higiene e meteorologia.

Abriu novas comunicações, e é sua a primeira boa estrada de rodagem para São Joaquim, no Rio Branco, e conseguiu que a Municipalidade da Labrea auxiliasse a exploração de outra para o Beny.

Fazia o contrôle das rendas municipais e o seu emprêgo. Desenvolveu muito a vida comercial do Estado e, em reconhecimento,

a Associação Comercial e todo o alto comércio ofereceram-lhe, antes da sua partida para a Europa, um grande banquete.

Alargou, desenvolveu, a navegação interna e de longo curso, beneficiando o Estado. Cuidou de regulamentar sèriamente a venda e demarcação de terras públicas, acabando com os escândalos profissionais existentes.

Reformou o contrato da viação urbana, substituindo a tração a vapor pela elétrica, reformou o seu material, sem maiores agravos para o Estado.

Transformou, aperfeiçoando, o serviço telefônico, substituindo as linhas aéreas por cabos subterrâneos. Cuidou dos serviços de imigração. Melhorou o abastecimento d'água e esgotos, calçamentos e nivelamentos da Cidade, fez obras internas e externas em muitos edifícios públicos, inaugurou o belo Teatro Amazonas, cuidou dos Palácios da Justiça e do Govêrno, do Ginásio, a construção do Instituto Vacinogênico, do desinfetório, da hospedaria de imigrantes, do bosque, parques, jardins.

Trabalhava e agia em tôda a parte. Era um empreendedor.

Fileto Pires Ferreira escreveu no seu livro sôbre a política do Amazonas, esta frase certa, — “é a história que há de confessar os esforços que fiz, no sentido de nobilitar a autoridade que encontrei enfraquecida e rebaixada, a dedicação com que trabalhei para implantar um regime de ordem, disciplina, moralidade e economia”.

De Milton é o conceito, — *tout ce qui fait l'homme un homme est le véritable objet de l'enseignement.*

O Dr. Fileto Pires Ferreira foi um General e um Cidadão. Era um Homem.

O AMAZONAS E ALGUNS VULTOS DO

SEU PANORAMA INTELECTUAL

*Conferência no Clube Militar, (F.A.L.B.)
Rio de Janeiro.*

Conferências... Há uma psicologia a fazer, em traços largos, do conferencista e dos seus ouvintes quando êstes existem. A cachoeira tumultuosa, turbilhonante, daqueles que de letras e artes falam ao público, provoca às vêzes — não direi sempre — um sorriso... De prazer, de ironia, de satisfação, de generosidade, de piedade? Quem pôde lá devassar êsse mistério! O certo é que, se o sorriso pontilhado de ironias espontar nesta hora de tertúlia, eu serei o primeiro a lembrar aquele dito do padre de Monsabré. Foi um dia visitar o grande orador sacro uma das

confessadas, galeando espaventos a que um largo e imenso chapéu rematava o escandaloso efeito. Fazendo-se humilde e simples, a dama acusou-se de se ter mirado ao espelho muito mais tempo do que era preciso, e ainda confessou, cometera o pecado de se ter achado com uma fisionomia inteligente.

— Errar não é pecar... — murmurou melifluamente o padre Monsabré.

Do mesmo passo o palestrador, que ao cumprir a intimação que lhe foi feita, pretende focalizar alguns vultos do panorama intelectual duma terra tão distante e tão desconhecida como é o Amazonas, ser passível de erro mas nunca incorrer em pecado.

A província, longínqua ou próxima, é sempre a província. O centro, pela sua vida agitada e complexa, mal se apercebe dela no seu trabalho que constrói... Os seus valores, os seus nomes, só excepcionalmente atravessam, galgam as fronteiras. Emparedados nos Estados — nos que não têm como S. Paulo fóros de metrópole, — ou ficam na sombra pela modéstia ou pela indiferença, ou se agi-

tam para não morrerem em guerrilhas muita vez subalternizadas. Desenterrar os intelectuais vivos que vegetam nas províncias, por falta de ambiente, é obra que todos nós, bons brasileiros, temos o dever de realizar. Há ali inteligência e cultura. Lê-se, — mas lê-se de verdade. Absorve-se tudo o que a capital suprema do Brasil publica, às vêzes sem poder se digerir, e o que sai no estrangeiro. As literaturas de além-mar, é claro que principalmente a francêsa, nos são familiares. Nesse Amazonas que assombra, que extasiá, que deslumbra e que encanta, os livros novos, os de renome, saídos no Rio ou em Paris e assinados pelos príncipes das letras, das ciências e das artes, dias depois são lidos, discutidos e se tornam familiares ao núcleo daqueles *imortais* que compõem a sua Academia de Letras. As recepções da Ilustre Companhia se acentuam, a par da inteligência que fulgura e da erudição que se respeita, por uma discreção, por uma distinção de atitudes deveras elegante. E assim, o Amazonas, de quando em quando, é descoberto por viajores ávidos do exótico — e que deparam decepcionados com uma esplêndida civilização, — ou por intelectuais, que se familiarizando

com o homem e a sua produção reconhecem valores esquecidos na província, fixada quase ao fim do Brasil.

E' de Persio, nas *Satiras* — *seire tuum nihil est, nisi te seire hoc sciat alter*, — o saber escondido, da ignorância pouco dista. Ninguém dirá que a sentença não enfeixe, dentro duma certa filosofia, grande verdade.

Concretize-se com o Amazonas intelectual. Estado distante, longínquo, com a agravante de não ser porto intermediário, das comunicações serem pouco frequentes e demoradas, e de ter se criado a mais injusta das lendas sôbre seus homens e cousas, o Amazonas, — dizia — é quase desconhecido da capital da República, do coração do Brasil e raros são os que fazem de — *Manáus, cidade risonha* — o justo conceito que ela reclama pelos seus progressos e belezas, rival desconhecida das principais capitais do país. E o Amazonas, que desperta a curiosidade do estrangeiro, continúa com as suas riquezas a explorar e os seus deslumbramentos, sem provocar ao brasileiro ao menos o desejo de vê-lo, numa visita rápida e fugaz, ou de observá-lo, de pesquisá-lo, de estudá-lo, enfim,

dentro das suas possibilidades intelectuais e econômico-financeiras, a par do encantamento que terá, e das surpresas magníficas que o espera.

Assim, como não viver quase no esquecimento a floração intelectual do Estado do Extremo Norte, os *heróis desconhecidos* das letras patricias ? !

Mas, quem viveu, quem já conheceu o Amazonas, sabe que há ali um grupo não pequeno, e excelente, de prosadores e poetas, de críticos e cientistas, de musicistas, enfim, um "meio" intelectual assinalável de feição séria e profunda, sem exageros e cabotinismo. Aliás, na província se lê muito, se estuda muito, já o disse. Terras de poucas diversões, sem vida agitada, perturbante e perturbadora vida mundana, sem o estonteamento das sociedades excessivamente modernizadas, o homem de letras dá o seu tempo aos livros, e às revistas de cultura. Todos que vivíamos, ou vivemos nas províncias, estamos familiarizados com as literaturas da Europa, repito, principalmente a francesa, a espanhola, a italiana, um pouco da inglesa, conhecemos a sul-americana, e trocamos correspondências com alguns nomes afamados. Em per-

muita, nas minhas estantes, com dedicatórias cordiais, recebi no Estado do extremo norte livros de autores de renome, do passado e de hoje. E assim outros escritores e poetas, do Amazonas que ninguém conhece.

Há ali, nessa formosa capital distante que é Manáus, uma *Academia de Letras*, que monopolisa a intelectualidade regional. Dir-se-á que as Academias pululam neste país... Mas queremos afirmar e comprovar que, nesse núcleo apurado de artistas, estão todos, ou quase todos — as cadeiras são apenas 30, — os nomes de maior saber e cultura, de inteligência real, e é intuitivo, — acadêmico, — faço a restrição apenas do meu nome, do Amazonas literário e científico. As festas da Academia, que não se banalisam aliás pela frequência, são assinaláveis, e provocam a comparação de toda uma sociedade viajada e culta. E os saraus literários da Academia, as suas recepções constituem vitórias que fariam honra a qualquer centro civilizado do Brasil, inclusive sua capital. Já dizia Sully-

Prudhomme — “l'evidence, hélas ! pareille à la lumière, ne s'attache qu'à la surface des choses, et en laisse le fond dans la nuit”.

Não há muito a Academia Amazonense de Letras preencheu, sempre nobremente, as suas cadeiras vagas. Completou-se. E embora só tenha passado as fronteiras do Estado meia dúzia de seus nomes, — tão distantes aquelas terras ! — foram escolhidos escritores de notável saber, porque, registre-se com prazer, a invulgar Companhia que nos seus estatutos tem apenas oito artigos, não tem expoentes senão nas letras, nas artes e nas ciências.

Nessa Academia estão entre outros nomes de valia incontestada, — Huascar de Figueiredo, jornalista e vibrante cronista, cintilante, advogado e orador, crítico literário; Waldemar Pedroza, advogado dos mais notáveis, conferencista, conhecedor profundo dos segredos da língua francêsa; Leopoldo Péres, o nome maior e mais rútilo da vanguarda moça do Amazonas, e duma grande cultura;

Anisio Jobim, historiador dos mais escrupulosos e notáveis. O jurista André Araujo. Não esquecemos José Chevalier, escritor, colhido pela morte.

Quase todos êsses nomes estão emparelhados na província. Êles, com um raio de ação maior, mais extensivo, teriam grande repercussão no país. E havia outros, muitos outros, como Gaspar Guimarães, notável juiz e cultura científica comprovada, também falecido; Sá Peixoto, juiz que honra as letras jurídicas do país, homem duma cultura variada e sólida, que figurou com destaque no Senado Federal e na Câmara; João Leda, conhecedor profundo dos mistérios da língua portuguesa, mestre dos mais respeitados; Coriolano Durand, autor teatral representado com bonito êxito e Raymundo Monteiro, que a morte nos tirou; Jonas da Silva, poeta dos maiores, de rara inspiração, desgraçadamente falecido; Alfredo Matta, cientista, com um nome que tem éco no estrangeiro; Alvaro Maia, poeta de grande valor e inspiração, e tantos, tantos outros, como Ramayana Chevalier, jornalista, escritor, orador famoso.

Preside e perpetuamente a Academia Amazonense de Letras uma das mais raras mentalidades do país, Adriano Jorge. Médico de reputação consolidada, escritor brilhante, apurado na linguagem, professor e mestre, orador de recorte inconfundível, igual aos maiores do Brasil, êle é duma cultura que poucos, que raros têm na nossa Pátria, e cultura generalizada. Adriano Jorge, com êsse outro acadêmico esplendente que é Pericles Moraes, o Mestre querido de duas gerações, são dois nomes que fulguram, e que passaram as fronteiras do Estado. Pericles Moraes é todo êle uma biblioteca selecionada. Crítico literário, crítico de arte, ninguém, no Brasil, conhece a literatura francêsa a de ontem e a de hoje, mais do que êsse escritor poderoso, o nosso Mauriac, que Coelho Netto, fascinado, fez editar... E há Benjamin Lima, residente neste Rio de sonhos e realidades, jornalista vibrante, escritor, ironista, autor dramático, nome feito, com público seu, curioso e esplendente malabarista do paradoxo; houve Araujo Lima, médico, cientista, jornalista e escritor que nos deu um famoso, um extraordinário livro sôbre o Amazonas,

com um prefácio de Tristão de Athayde, e há outros nomes, mais alguns, que completam a nobre Academia Amazonense de Letras.

Foi neste setembro que ingressou na nossa Academia distante uma escritora dum raro talento. Mulher. Inteligente, vibratil, emocional, o seu livro de estréia, *Rítmos de inquieta alegria*, foi um real acontecimento artístico. Refiro-me à Violeta Branca Menescal de Vasconcellos, — e o seu nome é um belo verso, cantante. Há alguns anos o seu pai, o meu velho amigo General Menescal de Vasconcellos, procurava-me em Manáus e dava-me a ler muitos poemas dessa moça, então literariamente desconhecida. Pedia uma opinião. Se podiam ou não ser publicados. Li-os atentamente e vi — positivamente senti — que o Brasil tinha uma nova grande poetisa. E tudo se realizou como eu previra. Os seus lindos versos passaram as fronteiras do Amazonas. E mais tarde quando de visita ao Rio e a Academia Brasileira de Letras, o festejado escritor Rodrigo Octavio recebia-a com justas palavras, apoteosando-a.

Não exagero. Este formoso poema *Oração ao mar* é do seu livro, e por êle todos

avaliarão a fôrma e a alma de Violeta Branca Menescal de Vasconcellos:

Nasci tão longe
de ti, velho mar, velho monge
vestido de verde,
que passas noite e dia
rezando, no rosário de ouro das estrelas,
a oração da Alegria...
Nasci tão longe de ti, Mar,
porém, tu, com a tua magnitude,
dêste a tua bênção verde ao meu olhar...
Dêste a bênção verde das tuas alegrias
à mata verde da minha terra,
verde e bonita como as esmeraldas
que fizeram o sonho de Fernão Dias...
Dêste, Mar, a tua bênção verde
ao muyrakitan,
a pedra verde da felicidade,
de que é feito o templo encantado de Tupan;
dêste, Mar, a tua bênção verde
aos lagos quietos destas zonas,
aos cabelos das yaras
que, pelas noites claras,
andam cantando nos rios enormes do
[Amazonas...

Mar eu te amo !
amo-te, porque, uma tarde, rubra,
sob o reflexo do céu incendiado de verão,
dêste a tua bênção vermelha
cheia de poesia do cântico das sereias
ao sangue quente e moço
que corre, inflamado, em minhas veias...

Fiz referência a um poeta de escol, Jonas da Silva. Ele é o bardo das *Amphoras*, — um livro que ao tempo constituiu um êxito, trazendo prefácio de B. Lopes, o poeta fidalgo das duquezas e da *Sinhá Flor*. E tem livros como *Ulhanos* e *Czardas*. De Jonas da Silva releio êste belo soneto, por onde bem se avaliará o seu livro, *Guerreira*:

Essa dos lábios rubros de escarlata,
Que tem no olhar um rútilo florete;
E cinge ao corpo a seda de um corpete,
Lembra a imagem da guerra e do combate.

Traz o chapéu de palha verde-mate
Como se fôsse um bronzeo capacete,
E dos salões de púrpuro tapete.
Pisa os feridos corações que abate.

No estridor das batalhas incruentas
Ela domina intrépidas falanges
De adoradores de paixões violentas.

Matam de amor, em carinhosos laços,
Os recurvos e límpidos alfanges,
As cimitarras trêmulas dos braços!...

De outro livro de Jonas da Silva, *Ulhanos*, arranco êstes versos, *No palco*, que palpitam e fremem:

De risonho perfil e de ondulados traços
Entra em cena a sorrir nos infernais meneios;
Traz ao colo a tremer os pássaros dos seios
E nos ombros, desnudos, o mármore dos
[braços.

Há da orquestra nos lúbricos compassos
Desespêros de amor, incendiários gorgeios,
Em choréas requebra o corpo em bamboleios
Pareçe abrir-se o chão aos seus lascivos
[passos...

Se assemelha o recinto a uma sombria tasca
Onde reina do aplauso a ríspida borrasca...
— Mil sultões tendo em frente uma escrava
[da Armênia!

A louçura, o furor de súbito redobra
Vendo-a loura, de pé, — uma esquisita cobra
Febril, espinalando em contorsões de tênia.

Magnífico poeta êsse Jonas da Silva !

Falei há pouco no nome de Raymundo Monteiro. Que grande poeta êle era ! Simples e profundo, a fórmula clara como um dia lavado de sol, o poeta maravilhoso d'*As horas lentas*, muita vez nos deslumbrava e nos emocionava ! Êle foi, por muitos anos, neste Rio que nos assombra pela beleza e nos prende pelo encanto, falando à alma e ao espírito, — companheiro de Olavo Bilac, o Mestre bem amado da poesia brasileira. Êle foi o amigo inseparável dêsse outro grande poeta, Martins Fontes. Na convivência dos dois, eleito também dos deuses, como não ser um poeta ? ! Como êle bem glorificou, em versos, a sua terra natal, que era o Amazonas !

Ouvi primeiro êstes versos emotivos,
Noel:

Difusa em luar, pela neblina,
Divaga a imagem pequenina

De Noel

E' como um sonho de menina
O Deus da lenda de Israel !

Na bruma azul do céu de inverno
À evocação do amor materno,

Vem e vai...

Dos buces de ouro, como estrelas,

A neve, em plumúlas tão belas,

Leve, cai...

A terra e o céu, resplandecendo

Mesmo em nivor, ardem, tremendo

De emoção!

A áurea presença do Messias

Enche de luz e melodias

O espaço e nosso coração!

Eras a fóra, por milênios

Enquanto houver crianças e gênios,

Como um luar,

Da noite alegre há de sublime,

Surgir Noel — remindo o crime

Secular!

Banha Manáus o Rio Negro. Calmo, sereno, espelhante, — um enorme e infindável lençol de onix. Negro, êle reluz. Batido em chapa pelo sol, é um espelho. Nas margens do rio as caboclas faceiras, debruçadas; revêm-se... Miram-se. À noite — a lua lá ao

alto como um disco de prata. O rio Negro continúa a refletir a imagem das mulheres que o procuram. . . Há aqui e ali fosforescências extasiantes. E que estupendos, maravilhosos ocasos os do Amazonas ! Os mais bonitos e impressionantes do mundo ! Nem os da Guanabara famosa, nem os de Napoles ! Êles caem rápidos, quase fulminantes, e deslumbram ! O colorido aqui é vivo, ali o roxo tem múltiplas facetas, o vermelho tem nuances inconcebíveis, o cinza, o azul, o branco, o róseo, o preto, o ouro com êles se confundem, se misturam e nos dão aspectos novos, miragens de sonho, figuras caprichosas de nuvens ondulantes, poesia e sonho ! Rio Negro que quando se agita, ergue-se, espuma enraivecida, sobe em ondas altas tudo arrastando, tudo arrazando, formidável, caudaloso, diabólico, apavorante ! Rio de crianças, às vezes rio do demônio. . . Qual o pintor que já conseguiu surpreender na tela o rio de assombros ? ! Onde as tintas para êsses ocasos ? Onde ? ! Perguntai aos Mestres pintores do Brasil e do estrangeiro, que lá têm ido para copiar os ocasos inacreditáveis de arte e beleza, o que êles já conseguiram ? — Uma idéia

apenas. Mas a verdade essa ainda não foi, porque não pôde ser passada para a tela.

Raymundo Monteiro, o poeta de quem vos falava, cantou e bem a natureza amazônica. Ouvi êstes versos magníficos *No rio Negro*:

Na comburência astral do meio dia a placa
Undiflava do rio, arfando e fulgurando,
Chispas cintilias mil e espelha, a quando e
[quando
A safira em que a luz do sol o brilho aplaca !

O Negro, como um lago, adormenta a
[paisagem...
Momentâneo, porém, é o sono da caudal !
Fulvo, o sol, no zenite, excita-se em triunfal
Magnificência a luir euclásas de folhagem.

Em tanta pompa a vida é uma vitória; é a
[luta
De eterna evolução para a eterna Beleza !
— Durante o dia canta a Alegria absoluta...
Medita, quando é noite, a absoluta Tristeza...

Ah ! nesta apoteose, em que o poder tamanho
Refulge do Criador, plange — em notas
[refeita
De saudade — a paixão das chácaras de
[antanho
Soádas longamente à prôa das cobertas...

Tôda a glória anda em aventuras,
Entrevendo o Eldorado entre as nuvens
[daqui !

E, por isso, o viajor das florestas escuras,
Vendo-te, cuida ver a áurea Manôa em ti !

Em ti, nova cidade esplêndida, a Poesia
O empório vê também de tôda a raça
[humana !

— As maravilhas da químera de Orelana
Continuam a arder ao sol do meio dia !

No fulgural diamante em ônix engastádo !
O' Manáus, ó Manáus das provindouras eras!
Na visão do futuro irradias e imperas,
Tu, grande capital de um povo iluminado !

Orgulho do Brasil, ó terra Prometida !
Amazônico vale ubérrimo ! de certo,
O esfôrço universal, em século já perto
Fará do solo teu o celeiro da Vida.

A êsse tempo, em seguro alor, os albatrozes
De magnesium permutarão ricas mercâncias
E tu, rio de lenda, ao barulho das vozes
Da turba, ainda sentirás o sol das puras
[ânsias...

Êste sol que me induz à audácia de prever
Ampla maior nestas palustres zonas...
— Que sempre, sôbre ti o sol perpétuo, a
[arder,
Dará lustre e esplendor às cousas do
[Amazonas !

Entre os escritores do Brasil, quase inteiramente esquecido, está logo na primeira fila o Barão de Sant'Anna Nery. Era do Amazonas. E êle, dentro e fóra do país, soube honrar as nossas tradições intellectuais, guardar o brio maravilhoso do idioma de Camões e Gonçalves Dias.

Sant'Anna Nery era positivamente um escritor. De verdade. Tôda a sua obra invulgar afirma-o bem alto, — todo o seu estudo detalhado e exaustivo, a investigação derra-

mada em milhares de páginas, o estilo simples e apurado, e escoreito, a sua graça espontânea, e a *verve* parisiense, fizeram dessa mesma obra um verdadeiro patrimônio nacional, uma honra do Brasil literário.

Duma feita Pinheiro Chagas escrevendo sobre Latino Coelho afirmou “que toda a vida deste se condensava no gabinete”. O mesmo se pode dizer desse admirável Sant’Anna Nery, ao se minuciar os seus livros, ora de estudo aprofundado, ora cintilante do bom espírito, sem ofensa e com malícia.

Toda a vida do escritor patricio foi de estudo e observação, em gabinete. Um incidente ou acidente político é que o arrancou do seu trabalho intelectual, atirando-o do Rio de Janeiro a um presídio.

Eternamente moço, a alma nova, esse patricio eminente era também um palestrador raro, exímio, delicioso, direi mesmo encantador, marcando a frase sutil com uma ironia leve, de *boulevard*. . . E é sabido como está acabando, morrendo, a classe dos bons palestradores no Brasil!

Mas se as palavras voam, as obras sólidas não passam. E daí não poder desaparecer a obra formidável por uma face, graciosa e leve por outra, do escritor do Norte. Ela não morreu com o autor, nem antes dêste...

Brasileiro dos melhores, com residência em Paris, onde o conheci, êle foi lá fóra um amigo certo, e deslumbrado, da nossa Pátria. Um brasileiro que viveu muitíssimo no estrangeiro, que amava o seu país, que o defendia na imprensa e na palestra, no livro e na conferência, que falava o português brilhantemente, e o escrevia como poucos, com uma elegância nobre e apurada!...

Ninguém, de bom gôsto, desconhece o seu livro *Le Pays des Amazones*, sincero, real, palpitante, flagrante de verdades, e que é a reivindicação dos nossos direitos, a observação fiel e erudita de costumes e hábitos, das nossas tradições, a reabilitação duma região e duma raça, — e que eu tenho visto aqui e ali em tantos escritos e volumes... *Le Folk Lore Brésilien*, prefaciado pelo príncipe Roland Bonaparte; *Aux États Unis du Brésil*; *Le Brésil en 1899*; o *Dicionário Enciclopédico*, e tantos outros livros, tantos! E como obra de espírito rútilo, de *charge* formidável,

entre outros, *De Paris a Fernando de Noronha*, a história do seu degredo político no Brasil, contada com uma graça, com uma *verve* que a gente sorri da primeira à última página, deliciado com a bulha tremenda, a troça irresistível a que êle arrasta os seus perseguidores !

Já dizia Camilo “que é preciso ter chorado para imortalizar o riso no livro, na estrofe, na sentença, na palavra”. E Sant’Anna Nery, dêsse exílio, nos deu um livro vibrante, sentido, crivado de ironias, causticante.

Êle era como aquele outro escritor, — um maravilhoso Protheu que sabia tomar tôdas as fórmãs, adaptar-se a todos os gêneros, ser mordaz e comovente, e profundo, e brilhante.

Relembro apenas, agora, focando-o num relêvo de justiça e saudade, o nome de Sant’Anna Nery, bem brasileiro, autor nacionalista, pensador, homem duma graça de empolgar, e que a pororoca literária vai esquecendo se não já esqueceu, numa profunda ingratiidãõ e injustiça. E a sua obra é das mais vastas, mais complexas, mais patrióticas, e daí o dever de rememorá-la, de não deixá-la esquecer num abandono criminoso.

Lembro-me bem, como se fôsse de ontem, do fato. Viajava do Sul para o Norte, e no mesmo vapôr, aquele tradicional *Alagôas*, — o paquete que conduziu o Imperador Dom Pedro II ao exílio, — seguia o autor daqueles deliciosos folhetins parisienses do *Jornal do Commercio — Ver, Ouvir e Contar*.

Voltava Sant'Anna Nery do exílio.

E todos nós, os da sua roda, ouvíamos encantados o exilado de ontem, bebíamos sô-fregos as suas palavras, as histórias de lenda, as anedotas faiscantes, o seu vocabulário farto, rico e puro, — porque não dizer clássico? — dêsse brasileiro que se educara em Paris, que habitou sempre em Paris, e que era um raro brasileiro autêntico genuíno!

Tôda a sua vida fôra passada lá fóra. Viera ao Brasil, de visita ao Rio, e escrevera artigos veementes ou crônicas facetas contra os paredros do momento, numa certa época, e o resultado é que, com os companheiros do jornal *A República*, fôra mandado para o exílio... Mas em que português êle escrevia tudo isso! Elegantisava a prosa. Falava e escrevia, já o disse, escoreito, numa língua cristalina e joeirada, sem uma acentuação

estrangeira, quem sabe se pensando com Eça de Queiroz, que a gente deve falar muito bem a sua língua, tendo o direito de falar orgulhosamente mal a dos outros... se êle também ao falar e ao escrever o francês, o inglês, o italiano, o alemão, não parecesse um filho culto de qualquer dêsses países !

Foi precisamente nessa viagem, cortando então o Amazonas imenso, que Sant'Anna Nery nos contou, sem ódios e sem zangas, sorrindo, uma centena de anedotas, todo o o seu exílio, a sua prisão na ilha temida, a perseguição aterradora, — páginas essas que mais tarde reli no livro famoso com que êle zurziu os seus perseguidores, quase com a mesma precisão de fatos, de datas, e sempre com aquela graça buliçosa e muito sua.

Conhecedor da sua obra complexa, da de estudo, erudição e observação e da outra, da cheia de espírito, — os seus folhetins eram famosos ! — tornei-me também, desde essa aproximação trazida pelo convívio de bordo, naquele pequenino e microscópico vapôr, comparado com os formidáveis e suntuosos

de hoje, tornei-me, dizia eu, um entusiasta da sua obra falada, porque ninguém, a par do saber, na palestra o excedia no chiste, no comentário leve e esvoaçante, flaflando a graça, como um suave bater de azas...

Certo que o Barão de Sant'Anna Nery, sem representação diplomática, fez muito. fez imenso pelo Brasil em tôda e última metade do século XIX e princípio do XX.

Êle foi *sponte sua* o advogado feliz da nossa terra e da nossa gente na Europa, concretamente em Paris, zelando pelo nosso nome, desmanchando intrigas, restabelecendo a verdade, desfazendo calúnias — ontem como hoje nós somos dolorosamente desconhecidos, — numa propaganda discreta e honesta, em artigos, em estudos, em conferências, em conversas, em ensaios dumia justeza incontestê, claros e precisos, ou numa esfusiante ironia gauleza sob o mal disfarçado e célebre pseudônimo de Mr. Purand !

Uma das injustiças que se fazia a êsse escritor era dizer que êle era vaidoso da sua obra. E que o fôsse ! Certo era um simples, modesto mesmo. Tive o prazer da sua convivência, na Europa e no Amazonas. A vaidade...

Ela será permitida ao escritor ? Porque ser um monopólio das mulheres formosas ? ! Balzac, o grande romancista que enobrece a França, era vaidoso. Relembro a anedota que tem um certo sabor. Quando Balzac visitou a Rússia, num grande jantar em casa do príncipe Nicolau Nadylof, êste notou que o eminente romancista gostara dum prato, e voltando-se para o garçon que servia a mesa disse:

— Sirva outra vez ao senhor Balzac.

O garçon, pasmo, de olhos desmesuradamente abertos, em vez de cumprir a ordem, deixou cair a travessa, que se partiu.

— Que tem você ! interrogou rápido o príncipe.

— Perdoai, senhor, mas não pude evitar um momento de surprêsa ao saber que tinha a alta honra de servir ao senhor Balzac.

— Mas você o conhece ?

— Ah ! senhor, tenho lido as suas novelas.

Dizia Balzac, no seu regresso aos seus amigos de Paris, que nunca sentira tanta alegria e tanta vaidade... O seu nome era co-

nhecido, vulgarizado no estrangeiro, numa terra distante, a Rússia, pois até um simples criado lêra e admirara os seus livros !

Pois anos passados morria o Príncipe Nicolau Nadylof, e lá está na suas *Memórias* que, quando Balzac visitou a Rússia, andava profundamente triste e impressionado. Indagando o motivo, soube, por madame Balzac, que o grande romancista via com desprazer e amargura que, na Rússia, o seu nome passava despercebido, quando era admirado em tôda a França. E o príncipe, de acôrdo com a senhora Balzac — como as mulheres continuam a ser sutis ! — resolveu que o romancista voltasse ao seu bom humor... E preparou a farça com o garçon, que por sinal era analfabeto. Balzac dedicou um dos seus lindos livros de novelas ao garçon, seu leitor...

Rememorar o nome do Barão de Sant' Anna Nery, pois, é um dever de escritor e de brasileiro. Foi um apaixonado do Brasil, idolatrou-o, — êle que viveu sempre tão distante !...

Comprovando-o, estão aí centenas, milhares de páginas, folhetos, jornais e livros, polêmicas intensas aqui, ali e acolá, e os seus

quatorze anos de colaboração efetiva no velho *Jornal do Commercio*, do Rio, com a criação principalmente dos seus esfusiantes e inesquecíveis folhetins parisienses, *Ver, Ouvir e Contar*, onde, a par da alegria, boiava sempre a saudade da sua terra, uma certa nostalgia que se adivinhava e percebia, enfim, tôda a sua obra, que pelo patriotismo que a inspirou, pelo aprimoramento da linguagem, pela beleza sóbria do estilo, pelos conhecimentos desdobrados, pela ironia sutil e a graça leve, muito delicada e rara — uma filigrana, — não se apagou com a sua morte, e honrou o Brasil intelectual.

Sant'Anna Nery bem podia ter dito com Horacio — “non omnis móríar” — Eu não morrerei todo, porque a minha obra me sobreviverá.

A biografia, como outr'ora se fazia, era monótona e pesada. Era apenas a consagração exagerada, o elogio transbordante, o deramamento de uma adjetivação desmoralizadora. Não se fazia o estudo do homem e do “meio”, não se ambientava o indivíduo. Tra-

balhava-se o livro com displicência, visando apenas aureolar, merecida ou imerecidamente, o alvejado, muita vez a grande vítima imbele da orgia intelectual. E' claro que havia muitas excepções.

Os processos foram se modificando, evoluindo, passo a passo. E enfim chegamos à perfeição — não está em demasia o emprêgo do vocábulo, — do ensino moderno, do de hoje, análise da época e estudo psicológico do homem. A reconstrução biográfica só pode ser feita, pelo menos aceita, pelos métodos de Zweig, Maurois, Ludovic, Mauriac, sob pena de um fracasso ruidoso.

Quando da morte dêsse complexo Araujo Filho, em 1931, — escritor que podemos considerar do Amazonas, porque lá viveu a vida, — no mês das rosas e de Nossa Senhora, nesse recanto querido e incompreendido do Brasil, que é Manáus, a *Cidade Risonha*, embora esperada para breve a tragédia, ela me deixou conturbado e extático. Era um amigo fiel — de três décadas — que se ia, era uma genialidade que partia para o além misterioso, de onde não se volta nunca! E por momentos, parado, o espírito golpeado pela dor, eu invocava depois a figura incon-

fundível, marcadamente excepcional, dêsse intelectual dos mais puros que o Brasil já teve, e cuja bondade era uma infindável irradiação de sol !

E mais tarde, quando a calma, a contro-lagem de mim mesmo foi feita, comecei, de vagar, com retalhos de lembranças e a alma cheia de recordações a escrever, não uma obra excepcional e profunda, mas um caderno de apontamentos e notas, de sugestões, de observações à margem de emoções e de saudades cheio, sôbre êsse Araujo Filho, escritor e jornalista, professor e advogado, latinista e poliglota. Enfim, uma figura singular, que se estivesse em meio outro, que não o provinciano, e que se escrevesse em língua outra que não a portugûesa-brasileira, seria um nome universal, sem fronteiras.

Foi êsse caderno, já com alguns capítulos, que tive de rasgar. Surpreendeu-me, carinhosamente, a publicação de um livro, que é um gesto da mais alta justiça, de psicologia a mais penetrante, de Pericles Moraes. *A vida luminosa de Araujo Filho* é o seu título,

cheio de claridades. Pericles Moraes é o autor das *Figuras & Sensações*, e do estudo memorável sôbre a obra de Coelho Netto.

E eu não conheço quem, com maior autoridade, de escritor e de analista, no número dos seus amigos, pudesse melhor e com perfeição maior, gizar o estudo, o ensaio da genialidade do pernambucano que foi o companheiro dileto de Martins Junior.

Está à Maurois. Simples, com a profundidade do sábio, dentro dos processos modernos, êsse livro é, a par do seguimento de uma vida inconfundível, nos seus lances mais salientes de intelectualidade e bondade, de uma rara observação e de uma penetrante psicologia, que vai até ao âmago do cérebro e do coração.

Eu disse aí acima que Araujo Filho era complexo. Acrescentarei singular e paradoxal. Desconcertante às vêzes.

Os livros, melhor que os homens, ensinaram ao pernambucano de atitudes definidas a ser imensamente bom. Não conheci ainda nesta minha vida, que tem sido um turbilhão, coração maior.

Obra de uma vasta documentação, repleta de testemunhos leais, Pericles Moraes fez ressaltar os retratos moral e físico de Araujo

Filho, com uma proficiência e um carinho inexcedíveis, a injustiça com que muitas vezes foi golpeado, — e nisto se confundem imensamente biografados e biógrafo, pois o recorte de Pericles Moraes que o público é cheio de *boutades*, pessimista, navalhante no conceito e na frase, e para os seus íntimos, talento, cultura, uma certa displicência e bondade.

O autor de *Figuras & Sensações* ao traçar, em largas pinceladas, o retrato em fóco, escreve êste período: — “Araujo Filho foi um arquetipo de energias, uma consciência em ação, uma alma que se cristalizou nas mais puras indulgências, uma sensibilidade que se requintou no caminho de todos os sofrimentos, um homem, em suma, na acepção nobre do vocábulo”. E acrescenta que tudo o que era seu denotava um temperamento ultra-nervoso. Fidelino de Figueiredo tem no estudo vivido de Luiz Cotter as suas melhores páginas. E Pericles Moraes sumula, como o escritor português, o tipo esplendente do morto brasileiro, com as palavras sôbre aquele outro incompreendido, — “morreu de tédio, de inadaptação ao meio, incompatível como era com a mediocridade provinciana,

as querelas locais, o domínio da injustiça e seleções invertidas, o horror das superioridades, a leviandade julgadora, a incultura, quase bárbara”.

E’ bem um gesto de reivindicação.

Araujo Filho não deixou a obra que poderia escrever. Conhecedor profundo do latim e do grego, lendo os originais, familiarizado com seis línguas vivas, mestre quando queria da brasileira-portuguêsa, no convívio diário dos clássicos, êle era uma cultura das mais raras e apuradas do país, forte por uma inteligência dádiva dos deuses. Mas o que deixou escrito vinca-o um estilo sóbrio e um saber inconfundível. Êle era, acima de tudo, entre os cinco ou seis maiores da tribuna. Era aí o gênio em todo o seu esplendor, — e essa obra estupenda perde-se no espaço, o vento leva. . .

Quando da visita de Nilo Peçanha ao Amazonas, nós, os da Academia Amazonense de Letras, fizemos-lhe uma carinhosa recepção. Houve momento de silêncio inteiro. O salão transbordava de homens e senhoras, em natural seleção. Erguera-se Araujo Filho, e as palmas reboavam. O seu discurso, a sua conferência, a sua oração. . . Algo de

maravilhoso, de excepcional. A voz sonora, cheia, ou suave e doce, empolgava, sugestionava, deslumbrava. Os conceitos eram tão altos, a erudição tão vasta que nos lembrava Ruy, aqui a ali. E após o grande e apertado abraço que Nilo Peçanha deu ao orador, disse-me ainda emocionado:

— E' um gênio !

Era. Modesto, simples como é a verdade. Pairando alto como as águias.

Professor de história dos mais notáveis, bacharel em direito, de destaque inconfundível, advogado como poucos neste país, jornalista e escritor, orador raro, poliglota, latinista apurado, amando o seu Dante, traduzindo-o e interpretando-o, e a par disso duma bondade infinita, Araujo Filho que se fez amazonense merece, e a sua memória reclama-o da gratidão, da dignidade do povo, — o bronze na praça pública.

Não será possível acompanhar, na estreiteza duma hora, capítulo a capítulo, o livro sereno de Pericles Moraes. Êste já se fizera mestre com o volume *Coelho Netto e sua obra*. Agora, com *A vida luminosa de Araujo Filho*, fica nas letras pátrias como o nosso

Maurois. Não conheço, no Brasil, quem no gênero delicado e difícil, lhe seja superior.

Taine e Renan, mais êste do que aquele, foram de fato os mestres maiores de Araujo Filho. E essa influência diz da superioridade da sua obra. Ela se reflete página a página. E os gregos e os latinos formaram a base primordial desta cerebração que, sem exagero, tinha algumas das facetas da genialidade de Ruy Barbosa. No Norte era a grande figura de relêvo, e ninguém lhe era maior em inteligência, cultura e oratória. Na tribuna era um deus.

Temperamento revoltado, insubmisso, êle estava sempre com a razão, o direito, e a justiça. Por mim o digo e afirmo-o. Seu amigo fraternal, seu companheiro de três décadas, por duas vêzes em transes decisivos da minha vida, golpeado pela calúnia e pela injustiça numa, noutra pela dor que viverá eterna, Araujo Filho foi o meu guia e meu mestre, advogado vitorioso e triunfador. Amigo como ninguém, irmão como poucos... E daí eu, comovidamente, ler, reler as páginas calmas do biógrafo, vendo a verdade ressaltar de casos, de incidentes, de aconteci-

mentos, de gestos, de atitudes, a memória alerta e o coração dorido...

Ruy tinha em Araujo Filho uma consagração permanente, vivida. O seu estudo sobre o mestre supremo é todo um deslumbramento. Em *A poesia do direito*, ensaio de jurista e de filósofo, onde paira uma cultura que assombra, há a influência marcada de Ruy. Assim como em dezenas de conferências, em centenas de discursos, em milhares de páginas, há aquela feição, — tal claridade de pensamento, o alto recorte intelectual, a vastidão do saber, a comunhão de idéias e finalidades, de Araujo Filho e Ruy Barbosa.

Eu estou com Pericles Moraes quando afirma que “por um erro de exegese êsse sábio que glorificou os nossos dias, foi um homem deslocado de sua época”. As idéias modernizadas, as inovações atrevidas, a vertigem alucinante do momento deixaram-no indiferente, — com aquele sorriso seu, único e indescritível, mixto de ironia e de bondade...

Duma feita, por noites seguidas, trabalhamos juntos até o sol irromper... Êle amava a noite, êste espírito claro. Era o sossego, a tranquilidade, a hora do convívio dos clás-

sicos... A sua memória prodigiosa ! Duma vez ditou oito horas seguidas, e eu escrevia. Passeava pelo gabinete, cortando-o em meio. Fazia citações de Horacio, de Vergilio, de Dante, Carlyle, Ruy...

Citava os originais sem compulsá-los, quase palavra por palavra. Latim, grego, inglês, italiano, alemão, espanhol, francês, tudo êsse homem sabia ! E vendo o meu assombro, dizia-me, — livro tal, deve ser a página tal, ali naquela estante, consulta. Levantei-me por três ou quatro vêzes, não de duvidoso mas para dar maior satisfação a êle, abria os volumes e página a mais, página a menos, lá estavam os versos latinos e gregos, os conceitos em prosa, certos, certíssimos ! O gênio ilimitado de Araujo Filho !...

Depois ao fim, sacudido pela inveja, deslealdade e ingratidão dos homens maus, golpeado pela desgraça e pela moléstia, uma doença terrível que arrancou a voz ao maior orador do Norte, o mestre abandonou-se. Ficou no aconchego do seu lar santo — uma companheira que Deus lhe dera e que tivera muito de N. Senhora, uns filhos nobres de inteligência e altivez, — e com a fidelidade fraternal de uns amigos restritos, poucos, que

ficamos ao seu lado nos dias maus como estivemos na época gloriosa de luz e ouro, com a mesma sinceridade e o mesmo deslumbramento !

O livro excelente de Pericles Moraes é digno da genialidade de Araujo Filho. Que maior elogio lhe poderia ser feito do que êsse?

Biografado e biógrafo confundem-se muita vez. Simples e sinceros.

O morto que vive no nosso espírito foi o companheiro bem amado de Martins Junior. Terçara armas, na imprensa e na tribuna, ao lado de Arthur Orlando, Carlos Porto Carreiro, Phaelante da Camara, Carneiro da Cunha, Gervasio Fioravante, Vicente Ferrer, na época áurea de Pernambuco, quando pontificava o sábio Laurindo Leão, de quem êle gizou um peril estupendo.

Os seus ardores e entusiasmos de mocidade foram dados à sua terra natal e ao Amazonas. O amadurecimento, o saber, a bondade infinda, êle os reservou como um nabo do talento que era, para o Estado magnífico encravado e esquecido nos confins do Brasil, nas faixas limítrofes com o estrangeiro. Araujo Filho tudo fez, tudo, por um Amazonas maior ! E sem o visio de recompen-

sas tilintantes. Viveu pobre, morreu pobre, — êle que fora a maior banca, em certa época áurea, de advogado ! Mas aquele coração era infindo como o mar !

Fecha o livro magnífico de Pericles Moraes uma página de Arte sôbre a obra em fóco de Leopoldo Péres, — que encarna a mocidade gloriosa do Amazonas. Êle escreve sôbre os seus dois amigos, um que se foi para sempre, outro que vive rútilo, ambos nomes inapagáveis, um capítulo onde se confundem biografado e biógrafo, naquele estilo vivo e terso, que torna o moço mais brilhante do Amazonas a sua maior e mais justificada esperança !

E de Araujo Filho, de sua vida cheia de lances à Bayard, à Ruy, romanceada, convulsionada, com lampejos de sol e trevas da noite, mas esta ainda com esplendores de estrelas e relâmpagos, diz com Maurois, que êle teve uma filosofia de heroismo, de piedade e de renúncia.

Fechei o livro, comovido, emocionado. Araujo Filho foi um expoente de talento, cultura, caráter e bondade. Êle era um gregó de antanho vivendo os dias apressados de hoje, com a mentalidade sábia de outr'ora. Era

um gênio encravado e perdido na infinita floresta amazônica...

E agora fica, morando comigo, mais esta saudade profunda e imensa.

Aí estão, em linhas gerais, alguns dos vultos do Amazonas intelectual, desconhecido quase do Brasil todo, como o próprio Estado.

Imaginamos a surprêsa de muitos dos nossos próprios escritores célebres, vendo, talvez pela primeira vez, focados alguns desses nomes. Já não queremos falar das massas que lêem, mas sim daquelas que se especializaram na cultura estrangeira, e que, por um mau entendido desprêso ou por uma indiferença condenável, não sabem o que vai pelas províncias, de inteligência, de observação, de trabalho, de análise, de cultura, de emoção, numa obra heróica de tenacidade e esforço para vencer, para triunfar, rumo da glória fugidia e vã... De certo, há algumas exceções nessa babel de indiferentismo, mas são exceções. E muitos desses homens, aí deixados, foram tocados pelo destino daqueles *mens divinior*, — o sôpro divino de que nos falava Horacio...

O ESCRITOR DA "A AMAZONIA"

Palavras pronunciadas na sessão especial da Federação das Academias de Letras do Brasil, em homenagem à memória do escritor Araujo Lima, em nome da mesma, a 28 de julho de 1945.

William Rex Crawford, professor de sociologia da Universidade de Pennsylvania, dizia que o "perigo de escrever bem demais é o mínimo". Cabia examinar quem escreveria pior, os sociólogos, os antropólogos, ou os catedráticos de educação, com maior emprego duma linguagem exotérica.

E concluía, maliciosa e ferinamente, — o que não se discute, porém, é que todos escrevem mal...

Estamos aqui reunidos, senhoras e senhores, para homenagear, tocados de sau-

dade, um homem de ciência que escrevia bem. Na obra de Araujo Lima, a escrita e a falada, esta que o vento leva — e ele era também orador do bom recorte inglês — temos a notar desde logo a sobriedade no dizer, a elegância do estilo, a fôrma escoreita, tudo dentro da idéia alta e eficiente. Porque, relendo agora, e gostosamente, os livros desse boníssimo companheiro de três décadas, assinalamos mais uma vez, — a sua segurança no dizer, a sua cultura que absolutamente não era de cartaz, a sobriedade na explanação das suas idéias, as conclusões convincentes. Queremos dizer, mais concretamente, que esse homem notavel nunca empregou palavras a mais, não era um prolixo, transbordante, e tinha o segredo — que raros possuem! — de condensar, de sumariar, em síntese, suas idéias científicas, literárias e artísticas.

Esse, que pertenceu a esta Casa, a Federação das Academias de Letras do Brasil, representando a Academia Amazonense de Letras, lado a lado com o fulgor de inteligência e capacidade que é o seu irmão, o escritor Benjamim Lima, e conosco — de certo aquela sombra de que nos falava o

poeta... — deixou vincado o seu nome na Ilustre Companhia, em páginas vividas e em orações fascinantes.

O senhor doutor José Francisco de Araujo Lima era um médico com a paixão da sua profissão, um professor de intenso esplendor, um escritor que se situara no quadro euclideano, um político de idéias e convicções, tendo representado com brilho o Amazonas na Câmara Federal, e se revelado um administrador sereno e trabalhador eficiente, no comando da Prefeitura de Manaus e na direção da Instrução Pública.

Paraense, amazônico, ele se identificara amplamente com o Amazonas, onde fixara residência e fizera os seus estudos primário e secundário. Os superiores realizou-os na Baía, onde começou o seu maior culto a Ruy Barbosa, que é como uma segunda bandeira do Brasil.

Concluiu o seu curso de medicina, já formado em farmácia na Baía, — na Faculdade do Rio de Janeiro, e basta lembrar que foi interno dos professores Miguel Pereira e Miguel Couto. E não só. Na Faculdade de Medicina de Paris fez o curso de Medicina Tropical, e diplomou-se pelo Instituto Pas-

teur. Ainda, a propósito da sua morte, lembrava-se que ele privara com Metchnikoff, Gilbert Ballet, Vidal, Babinski, Chanfort e outros:

Professor de História Natural, de Física e Química, Latim e História, do Ginásio Amazonense, do qual foi também Diretor, foi ainda professor na Escola Normal, na Faculdade de Medicina e Odontologia do Amazonas. Diretor Geral da Instrução Pública, reformou-a dentro de moldes modernos e produtivos, ainda hoje em vigor.

Com brilho, Araujo Lima representou o Amazonas em diversos Congressos de Instrução e Educação. Na Câmara Federal pronunciou discursos sólidos sobre sociologia, economia política e medicina social. Foi sempre uma voz equilibrada pró-Amazonas.

A sua bibliografia não será numerosa, mas é das mais sólidas. Além das suas teses de doutoramento e de concursos, legou-nos "A capacidade de testar" e "Falsa denúncia", páginas bem pensadas e melhor desenvolvidas, e "Só a Educação transforma os povos" — um belo ensaio — e essa admirável "A Amazonia", já em terceira edição, — o que, no nosso País, representa a consa-

gração — com prefácio do sr. Tristão de Athayde e prêmio da Academia Brasileira de Letras.

Ele tinha a vocação do professorado. Sabia expôr e concluir. A par do saber, possuía uma paciência beneditina. Era um educador. E bem instruiu tôda uma mocidade, alertada para o melhor encaminhamento dos problemas pátrios.

E era um homem que sabia conversar — o que já está se tornando raro... Orador, conferencista. Como seria possível esquecer a sua notável e brilhante conferência pronunciada no Rio de Janeiro sôbre a obra impar de Ruy Barbosa ? !

O acadêmico ilustre que é o professor sr. Antonio Austregesilo, falando na Academia Brasileira de Letras sôbre o autor consagrado, a propósito da sua morte, disse, — "todos que conheceram Araujo Lima testemunharam nele finura de inteligência, precisão cultural, carater firme e amor ao dever, formas exatas da sua personalidade".

Aí está uma síntese clara e precisa dum homem que, a par de tudo isso, era duma simplicidade encantadora e duma modéstia às vezes irritante.

Todos nós, nesta Ilustre Companhia, tivemos o prazer do convívio de Araujo Lima, que dela só se afastou quando a enfermidade traiçoeira, horrível e cruel — e bem vos posso atestar os tormentos morais e físicos da moléstia terrível, da qual ainda convalesço, — e assim, todos podemos bem apreciar os valores desse brasileiro que, sem favor, podemos titular de ilustre — lindo e expressivo vocábulo infelizmente por aí malbaratado.

Essa é uma das vantagens das Academias, — agregar valores em prol do País. Já dizia Georges Duhamel, numa das suas páginas felizes, que “as Academias são, antes de mais nada, sociedades eruditas que favorecem a cultura, ouvindo, discutindo e publicando as comunicações apresentadas, seja por seus componentes, seja por estudiosos estranhos à corporação”.

Foi assim que um grupo numeroso de intelectuais, sempre numa convivência harmoniosa, pode melhor apreciar a inteligência, a cultura, a probidade literária e científica, a simplicidade encantadora, no escrever e no dizer, do companheiro que se foi,

mas cuja memória fica morando nos nossos espíritos e corações.

Não será demais repetir que situamos a obra desse escritor no restrito quadro euclideo, o mestre supremo d' "Os SERTÕES". Tivemos agora o prazer espiritual de relêr o livro famoso "A Amazonia", onde se debatem em clarões os problemas complexos e eternos da terra e do homem amazônicos. E deles conhecedores, por uma estadia de decênios naquelas paragens, muita vez misteriosas e surpreendentes, chegamos à conclusão de não ser a Amazonia nem o "Inferno Verde" dos pessimistas e nem o "Paraiso Verdê" dos otimistas.

E' êsse meio têrmo, é essa psicologia segura que nós vamos encontrar no livro de Araujo Lima. E' a reabilitação da Terra úbere, e do Homem nativo. E' o amor do caboclo à sua gléba. E' a falha da Civilização que ainda não pode levar, ou não quiz levar, a higiene, a saúde, a alimentação, a instrução, o agasalho, o confôrto, o transporte certo e razoavel, ao desbravador de florestas espêssas e muita vez ainda virgens. (Não esquecer, porém, que o livro é de 1930). Ele, heroico e bravamente luta com

o ambiente, o desconforto, a falta de alimentos e a pobreza e a miséria da ração parca com que recompensam o seu trabalho exaustivo. Não! Esse homem não é aquele que foi proclamado, embora num panorama generalizado, por Euclides da Cunha, — “na Amazônia só o homem é pequeno”.

Ele é um lutador heroico, pois que nem o anima a esperança — que o homem da cidade custa a perder. Sabe que a sua pobre vida de seringueiro será sempre aquele farrapo. Mas continúa! Prossegue. Constitue a sua família. Tem filhos. E’ roubado pelos aventureiros, a hórda dos exploradores profissionais. E trabalha, trabalha sempre! O nordestino, ao seu lado, é outro herói.

Pois esse grande livro — dizia o filósofo, “teme o homem dum só livro” ! — estuda serena e cientificamente o meio e a raça, a complexidade dos fatores históricos e a sua educação, num ensaio seguro de antropogeografia; o homem em face das ações climáticas e telúricas e da história; e ainda, um empolgante esboço de estudo sôbre a influência da mulher na gênese da formação social do Alto-Amazonas.

Recordamos, neste momento, a colmeia que é a Academia Amazonense de Letras, em nome da qual trazemos também as suas maiores homenagens e as suas intensas saudades àquele que foi sempre, para todos nós, um irmão que se quer bem. Aqui estão vultos seus da maior projeção, o Sr. Alvaro Maia, estadista e escritor, poeta e conferencista, orador e sociólogo; o Sr. Benjamim Lima, jornalista, escritor, professor, conferencista e teatrólogo; o Sr. Leopoldo Peres, sociólogo, escritor, jornalista, orador. E nesta hora bem amarga para nós, não seria justo silenciar sobre outros nomes que lá mourejam quase emparedados na Província, mas que já alguns conseguiram ultrapassar as fronteiras, pelo fulgor da inteligência, pela solidez da cultura e por circunstâncias outras, — um Adriano Jorge, cientista e escritor, orador; Mestre Pericles Moraes, crítico dos maiores e dos melhores, na fila avançada dos cinco ou seis críticos verdadeiros do Brasil; Waldemar Pedrosa, jurista e escritor; João Léda, filólogo especializado; Huascar de Figueiredo, Anisio Jobim, Angelo Bitencourt, Jonas da Silva, e tantos, tantos outros!...

Mas precisamos parar a ronda da inteligência e do saber. Perguntai a todos êles, e aos mais, o que pensam dêsse famoso escritor, homem de profunda sensibilidade, que foi Araujo Lima ? Todos vos responderão dos seus entusiasmos por êsse homem que era uma inteligência, uma cultura, um caráter, uma sensibilidade.

AFFONSO PENNA NO AMAZONAS

A propósito do seu centenário — Do "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1948.

O Conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna era, acima de tudo, um homem duma grande, duma profunda integridade moral. Inteligência, cultura, probidade e a visão certa dos problemas nacionais. E mais — sabia escolher os seus auxiliares diretos e de maiores responsabilidades, problema angustioso e quase falho para muitos homens de comando, com prejuízos fatais para a Nação.

Nascido em Minas Gerais, cidade de Santa Bárbara, a 30 de Novembro de 1847, veio a falecer a 14 de Julho de 1909, no Palácio do Catete, quando no exercício da Presidência da República.

Era um estadista e um jurista.

O seu nome veio do Império para a República. E era um liberal de verdade.

Foi deputado provincial, da Assembléa Geral, Ministro do Império três vêzes e na República continuou a sua bela trajetória. Era um homem simples, lhano no trato, despretencioso e enérgico. O Brasil muito e muito lhe deve, e se não fôsse o golpe político que lhe jogaram, quando na Presidência da República, e que o fulminou, de certo ainda teria resolvido muitos problemas básicos da nacionalidade, que ficaram em embrião.

Mas o intuito dêste artigo não é estudar a obra vasta e complexa, direi imperecível, do Conselheiro Affonso Penna. E' apenas fazer uma síntese da sua viagem ao Estado desconhecido, ontem como hoje, do extremo Norte, nas vésperas de êle assumir o Governó do País.

Interessava-se, como sempre, pelo Brasil. E queria vê-lo, estudá-lo, *in loco*. Percorrer os Estados, as suas capitais, principalmente as do Norte que vivia quase abandonado. E cumpriu a promessa feita quando da sua eleição, em 1906.

Tivemos a honra e o prazer de conviver alguns dias com o Conselheiro, nessa sua viagem a Manáus. Deputado à Assembléia Legislativa e diretor dum dos grandes jornais amazonenses, os meus pares escolheram-me para representar a Assembléia em tôdas as solenidades, inclusive me encontrar com o futuro Presidente na divisa de Manáus-Belém, serras de Parintins.

Fomos no belo aviso do Estado "Cidade de Manáus". Faziam parte também da pequena comitiva o Dr. José Gayoso, Chefe de Polícia, representando o Governador do Estado, General Antonio Constantino Nery; Desembargador Raposo da Câmara, pelo Superior Tribunal de Justiça, e Dr. Th. Vaz, pelo Coronel Superintendente de Manáus, e dois Ajudantes de Ordens destinados a servir ao futuro Presidente.

A 24 de junho de 1906 fundeávamos. à noite em frente às serras de Parintins, aguardando a passagem do vapor "Maranhão", onde vinha o Conselheiro e a sua comitiva, inclusive um grupo de jornalistas de escol.

Era meia noite quando o "Maranhão" fundeou próximo ao "Cidade de Manáus". Embarcámos na lancha e quando esta se

aproximou da escada, uma voz interrogou alto:

— Vem aí o Raul de Azevedo ?

Era Rafael Pinheiro, da “Gazeta de Notícias”, velho amigo. Aliás, tendo estado no Rio de Janeiro diversas vezes, e jornalista profissional, tinha relações cordiais com êses companheiros. Eram Ernesto Senna, do “Jornal do Commercio”; Lindolfo Azevedo, d’“O País”; Paulo Vidal, do “Jornal do Brasil”; Alegria Junior, d’“O Dia”; Oswaldo Carijó, da “A Tribuna” e do “Malho”; Alvaro da Silveira, do “Minas Gerais”, de Ouro Preto; Gustavo Melo, do “Fluminense”, de Niterói; Francisco Bandeira, do “Notícias de Lisbôa” e “Revista da Época”, do Rio de Janeiro; Miguel de Barros, d’“A Província do Pará” e d’“O Jornal”, de Belém; Lemos Brito, da “Bahia”, de Salvador; Belisário de Souza, d’“O País”, deixara de embarcar em Belém.

Da comitiva propriamente do futuro Presidente faziam parte: Dr. Aarão Reis, engenheiro notável; Dr. Alvaro Penna, Dr. J. J. de Sá Freire, Dr. Alvaro da Silveira, 1.º Tenente Aarão Reis Filho, Dr. Dutra Vaz, médico.

O “Maranhão” prosseguiu viagem, comboiado pelo aviso amazonense “Cidade do Manáus”.

Conversamos no bar até às três da madrugada com a comitiva e jornalistas. Deram-nos o jornal feito e impresso a bordo, denominado “O Brasil”. No cabeçalho: — “Órgão da imprensa brasileira sindicada. Bordo do paquete “Maranhão”, em viagem especial do Dr. Affonso Penna. “O Brasil” é o órgão de menor circulação no mundo”. Mas quantos mortos!

Ao dia seguinte, às oito horas da manhã, eramos apresentados ao Conselheiro pelo Dr. Aarão Reis, no seu camarote.

A pequena comitiva do Amazonas foi tratada com uma gentileza inesquecível.

Conversamos mais de uma hora. O Dr. Affonso Penna era um homem inconfundível e simples. Queria ver tudo, saber tudo. Folheou-nos sôbre o Estado do extremo-Norte referentemente a todos os assuntos, riquezas, problemas da região.

Subimos ao tombadilho. Não se fartava de deslumbramentos. O rio, a floresta, as

aves. De momento a momento um panorama novo, porque o navio torcicolava aqui e ali, dentro do canal. Às vezes o vapor roçava pelas árvores, para logo depois sulcar ao meio do rio, quase não se podendo avistar as margens.

Falou-nos encantado do estreito de Breves por onde passara de dia. — “Que praticagem !”, disse.

Às refeições, ficávamos ao seu lado. E o tema era sempre o Amazonas, a Capital e o interior. Tínhamos preparado para êle um “dossier” interessante e prático, numerosas fotografias. Leu tudo a bordo, e nos interrogava sôbre detalhes.

Ao almoço, ao “lunch” e ao jantar, a orquestra excelente executava trechos vários principalmente números de concerto.

À tarde, acompanhava-o até à prôa do navio. Ê não perdia os ocasos deslumbrantes, inimagináveis, do Amazonas. Tôdas as cores, tôdas as tonalidades. Algo de fantástico e inconcebível !

Ficava calado, a olhar. O estadista, àquela hora sossegava, transformava-se em poeta.

Disse-me, duma feita:

— O meu sonho desde menino era ver o Amazonas!

— Desencantado?

— Não. E' o sonho acordado.

Organizamos o programa definitivo. Ele cortou as festas. Quando em Belém recebera a notícia da morte dum irmão.

A sua chegada a Manáus foi um acontecimento político e social. Todos os vapores e embarcações, embandeirados, foram buscá-lo na ilha de Marapatá. A cidade, engalanada, vibrava. Todo o mundo oficial e o povo, numerosas famílias, aguardando-o.

Ao saltar teve esta frase, — “Mas que bela cidade!”

Honras de Chefe de Estado.

À sua passagem, em carro aberto, puxado por parelha custosa, foi ovacionadíssimo. Tinha ao seu lado, na carruagem, o Governador do Estado, General Antonio Constantino Nery, um dos homens públicos mais controlados do Brasil.

Hospedou-se com a comitiva no palacete do eminente e pranteado Senador Dr. Silve-

rio José Nery, na avenida que teve o seu nome. A política contrária mudou depois o referido nome, como era do hábito outrora, e parece ainda hoje...

Mas neste artigo o que desejamos assinalar foi a atenção minuciosa que a tudo e a todos dispensava o Presidente eleito. O Amazonas muito lucrou com essa visita, e muito mais lucraria se a morte não tivesse fulminado o grande estadista patricio.

S. Excia., ao saltar, percorreu logo as dependências da "Manáus Harbour", maravilha flutuante que se deve ao patriotismo e ao descortino de Silvério Nery. Visitou logo os armazens da Alfândega, a Usina Elétrica da mesma empresa. Logo após esteve na Capitania do Porto, e se inteirou da navegação do Amazonas, vendo os mapas, procurando detalhes. Esteve na velha Alfândega, que era um pardieiro e hoje um magnífico edifício, dentro do plano da "Manáus Harbour", doação ao Governo Federal. Visitou a Delegacia Fiscal, o Quartel do 36.º Batalhão, buscou informes sobre a situação do Acre e os seus destacamentos.

Acompanhamos o nobre hóspede em tôdas as suas visitas oficiais e excursões.

Lembro-me que, no Quartel Federal, presente o Comandante, Coronel Ricardo Fernandes, disse aos oficiais esta frase, — “Recomendo-lhes que não tomem parte nas lutas dos Estados e que não se guiem nunca pela ilusão da política, pois que esta nos trás sòmente desgostos e dissabores”.

No Quartel General foi recebido pelos Coronéis Ricardo Fernandes e Pantaleão Teles. Dirigiu-se então ao Palácio do Govêrno, recebendo tôdas as honras, tendo falado o Governador e Affonso Penna agradecendo. Visitou o edifício, observando a galeria de retratos dos Presidentes e Governadores, inclusive de Tenreiro Aranha, o primeiro Presidente da Província.

Visitou depois o edifício dos Correios.

Em todo o trajeto recebia as homenagens do povo e aclamações.

Tôdas as autoridades do Estado estavam presentes quando da volta do Presidente ao palacete Silvério Nery. Êste no momento era Senador Federal e estava no Rio de Janeiro,

Nos almoços e jantares compareceram o Presidente e o Governador, a comitiva pessoal e a da imprensa, e autoridades.

Ditou-me o seguinte telegrama, de que guardei cópia, dirigido ao Senador Silvério Nery: — “Chegando apenas à encantadora capital do rico e próspero Estado do Amazonas, e vivamente tocado pela acolhida entusiástica e afetuosa que me dão os seus generosos filhos, envio a V. Excia. e dignos colegas de representação no Congresso, a minha saudação muito efusiva”.

Durante a sua estadia percorreu tôda a cidade e subúrbios, admirando as obras e os progressos existentes. Por tôda a parte havia trabalho.

Manáus foi a segunda cidade que no Brasil teye luz elétrica, sendo a primeira, Campinas. A luz era ótima e tôda a iluminação de arcos voltáicos. Magnífico o serviço de bondes elétricos, assim como o bombeamento de água para a cidade e subúrbios. Telégrafo, telefones. A água era captada no Rio Negro, na “Ponta do Ismael”, bem distante, e passava por doze enormes filtros es-

pecializados, saindo purificada, branca e saborosa.

S. Ex. percorreu, entusiasmado, todo o "Teatro Amazonas", e o bellissimo salão, obra de De Angelis, vendo as admiráveis obras de Arte, e as pinturas magistraes que lá estão.

Percorreu a Usina Elétrica de Viação e Luz.

A avenida Eduardo Ribeiro, a artéria principal, era à noite sempre uma festa. As famílias e o povo divertiam-se ali. As bandas de música e orquestras realizavam concertos. A iluminação era artística. O Presidente passeiou pela avenida, recebido com delírio.

Quando Affonso Penna foi à Presidência já era uma glória nacional, admirado por todos os brasileiros.

No "Restaurant Français", o nosso jornal, o "Amazonas", ofereceu um grande almôço aos jornalistas itinerantes. O discurso de agradecimento foi de Ernesto Senna, redator do *Jornal do Commercio*.

A convite do Monsenhor H. Costa, Governador do Bispado, S. Ex. assistiu na Catedral diversos atos religiosos, presentes autoridades, famílias e povo.

No "Teatro Amazonas" funcionava no momento uma excelente companhia francêsa de ópera lírica. Um espetáculo dedicado à comitiva e aos jornalistas, com o "Fausto", de Gounod.

A missa de 7.º dia por alma do Coronel Domingos Penna, irmão do Presidente, realizou-se em Manáus, na Catedral. A igreja estava repleta.

Foi o Dr. Affonso Penna quem colocou a pedra fundamental do edifício da Alfândega, a 2 de Junho de 1906. Em seguida, visitou a Prefeitura de Manáus, onde foi homenageado.

Ele queria ver tudo, examinar tudo.

Percorreu o Palácio da Justiça, sendo recebido com tôdas as honras, em sessão especial. Visitou o Ginásio, as escolas públicas, o Reservatório d'água na Vila Municipal, a Biblioteca Pública, o famoso e modelar Instituto Benjamin Constant, — acolhedor de meninas pobres — que o sensibilizou profundamente, a Assembléa Legislativa onde agradeceu a sua representação. Enfim, não repousava, e viu tôda Manáus.

Disse, no seu discurso no Superior Tribunal de Justiça, — “Que a grandeza do Amazonas excedeu à sua expectativa, e que a imaginação dum homem, mesmo de valor científico, não podia ter uma idéia do espetáculo desta região; que era preciso vê-la de perto para bem admirá-la”.

Acrescentou, mesmo, que estava assombrado dessa região de futuro grandioso e progressos incalculáveis.

Cuidaria de correntes imigratórias para o Amazonas.

Disse que “Manáus é uma cidade onde encontrou grandes coisas de admirar, resultantes dum trabalho metódico e inteligente”, e finalmente que ela não tinha a invejar muitas outras da União.

Se o Amazonas continuasse o surto de progresso iniciado pelo Governador Eduardo Ribeiro, o *Pensador*, seria hoje o São Paulo do Norte.

Demorou-se bastante na Associação Commercial, colhendo dados minuciosos sobre todos os problemas da vida do Amazonas.

O Regimento Militar do Estado, que era um modelo, deixou excelente impressão a S. Ex. e comitiva.

Rafael Pinheiro, que era um orador consumado, falou diversas vezes nos banquetes e praça pública, empolgando sempre a assistência.

O banquete oficial, realizado no Palácio do Govêrno, e oferecido pelo General Antonio Constantino Nery ao Conselheiro, foi um acontecimento político-administrativo-social.

A resposta do Dr. Affonso Penna foi emocional. Declarou que a sua viagem não era um passeio. Queria ver o que se havia feito, e o que precisava se realizar. O que o Norte podia dar à União, e a União ao Norte. Acrescentou que estava deslumbrado e encantado com o Amazonas, e que Manáus o surpreendera com o seu trabalho e belezas.

Acrescentou que a capital do Estado destacava-se à vista perscrutadora de quem ali chegava, já pelo seu porto, que não tinha similar nas outras capitais nem do Rio de Janeiro, e que encontrara estabelecimentos modelares, especialmente os de ensino, como por exemplo o Instituto Benjamin Constant.

Inaugurou em Paricatuba, próximo da Capital, viagem fluvial, o "Instituto Amazônico Agrícola Industrial Affonso Penna". A comitiva foi numerosa, em diversos vapores e embarcações.

A bordo do "Maranhão", o seu comandante, Pacheco Junior, ofereceu ao Governador, autoridades e jornalistas um grande banquete, presidido pelo futuro Presidente.

Os jornalistas do Rio de Janeiro, em Manaus, fizeram circular um número especial do "Brasil", com referências honrosas e especiais ao Estado e a todos nós.

A 28 de Junho, às quatro e quarenta da tarde, deixava o "Maranhão" o porto de Manaus, levando a seu bordo o Presidente e suas comitivas, e o pequeno grupo que representava o Estado, e o Governador.

Foi uma apoteose a sua despedida. O Dr. Affonso Penna estava emocionado, e a população em verdadeiro delírio.

A bordo, 30, às 7 horas da manhã, no momento de nos despedirmos do eminente brasileiro, na altura das serras de Parintins, e o Governador estava presente, quando

íamos nos transportar para o aviso “Cidade de Manáus”, agradecendo a bondade com que trataram a todos, e a nós em particular, disse-nos o grande brasileiro:

— Repito a frase que pronunciei lá. “O Amazonas é a revelação da República”. Muito obrigado por tudo. Abraço o Amazonas na pessoa do seu Governador.

Deu-nos o seu retrato com dedicatórias.

A despedida nossa dos jornalistas, a bordo, foi tôda uma festa. Ernesto Senna me nomeava representante da bela revista “Renascença”, do Rio de Janeiro, e de “Çaras y Caretas”, de Buenos Aires.

De Belém recebia do Dr. Affonso Penna, do Dr. Aarão Reis, da comitiva oficial e dos jornalistas, expressivos telegramas.

Na sessão de 1906, da Assembléia Legislativa do Amazonas, pedia a palavra e depois de uma oração em que dava conta da incumbência com que ela me honrara, e apreciava a grandeza de Affonso Penna e da sua obra, submeti à apreciação dos Senhores Deputados moção de congratulações ao Presidente já proclamado, e pela sua visita, “que de

certo traria grandes vantagens ao Amazonas, pela justiça que vem de ser feita ao nosso progresso moral e material". Essa moção foi aprovada unânimemente, com aplausos.

Para fechar êste artigo de reminiscências e justiça, reproduzo de um dos discursos do famoso estadista, os seguintes períodos:

— "... Sei da campanha injusta e ingrata levantada contra o Amazonas, mas quem aqui chega e vê todo êste desenvolvimento, tôda esta atividade, uma cidade de ontem e já tão grande, tem o ensejo de, em seu ânimo equilibrado, dar o devido valor a essas injustiças de que não escapam, principalmente, os Govêrnos.

... Felizmente cheguei ao Amazonas e posso fazer agora seguro juízo das tremendas acusações levantadas a esta terra e ao seu bom nome. Tenho elementos para formar a minha opinião.

Essas acusações não passam de surtos de inveja que não se contêm, pois tudo quanto vi me mostra que aqui se tem trabalhado com afiço pela grandeza do Estado, visto

como de outro modo não seria esta cidade o que é, segundo acabo de verificar”.

A propósito do seu regresso ao Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* balanceou a visita ao Norte do eminente Conselheiro. E reproduzimos a sua opinião, no trecho que mais nos interessa:

— “A região amazônica, sobretudo, deu a S. Ex. uma grande impressão de riqueza e de futuro. “Manáus é uma revelação da República”. E’ uma cidade nova, aparelhada de todos os progressos da vida urbana, crescendo como um sinal da civilização moderna, no meio das florestas do grande rio. E’ incomparável a sensação de majestade que dá a tôda a gente aquele mar interior. Tem-se muitas vezes a impressão do oceano: do Amazonas ao Rio Negro só a cor das águas dá idéia de duas correntes diversas. Causou-lhe agrado ver ali mesmo grandes extensões de terra cobertas de cacauzeiros plantados, o que quer dizer que já não é só a indústria extractiva que ocupa a população do Amazonas”.

E’ dever nosso lembrar que o Conselheiro Affonso Penna, no seu curto Governo,

absolutamente não esqueceu o Amazonas. Era um estadista que cumpria a sua palavra.

Prometia, realizava. Bastante fez em prol do Estado do extremo-Norte, auxiliando-o, amparando-o, beneficiando-o, e, se não fôsse vítima de um traumatismo moral, de certo outros favores legais concederia à terra fabulosa e desconhecida, em prol da própria Nação.

O Amazonas era assim.

Algumas opiniões sobre o último romance de Raul de Azevedo, *LOURAS DO SUL - MORENAS DO NORTE* (Edição Pongetti, Rio de Janeiro, 1947).

Raul de Azevedo não refere no seu último livro *Louras do Sul — Morenas do Norte*, quantos outros tem publicado. São, entretanto, muitas e valiosas suas obras. De *Amores de Gente Nova* disse Afranio Peixoto: "Seu autor é um belo romancista." Afonso Celso, um dos mais luminosos astros de nossas letras, considerava-o um escritor digne desse nome por muitos títulos. Gustavo Barroso proclamou que em seus romances se sente a vida palpitar. Joaquim Leitão, grande escritor e secretário perpétuo da Academia de Ciências de Lisboa, considera-o "um romancista na plenitude de seu poder. Em *Roseiral* é um Julio Diniz, brasileiro." Lindolfo Gomes, autoridade na linguagem, chama-lhe grande escritor e romancista, e Coelho Netto, um dos maiores romancistas de sua época, que se procura injustamente tornar esquecido, classificou-o como um escritor de verdade. Fernando de Azevedo, Fidelino de Figueiredo e muitos outros críticos confirmam esses conceitos. João do Rio escreveu a respeito de um de seus romances, que sua forma fazia lembrar Marcel Prevost.

Cito essas referências porque os velhos são negados sistematicamente por alguns dos novos, os mais incompetentes principalmente, e que incapazes ora por sua mediocridade, ora por sua ignorância e valdição de formar um nome literário, buscam tornar-se conhecidos atirando pedras às árvores de bons frutos ou escrevendo obscenidades nas paredes mal resguardadas da letra impressa. O público, o bom público sensato — que para eles é, também, massa comendadoresca de imbecis — conhece essa charlataneria de chamar a atenção, e porisso deixa-se guiar pelo juízo dos que construíram seus nomes com talento e com a honestidade do seu trabalho espiritual. — Venho acompanhando a carreira literária de Raul de Azevedo desde 1900 em Manaus, onde, muito moço, dirigia o maior jornal da terra. Foi, então, chamado a altos cargos do governo estadual. Sua atividade jornalística e política não superou, entretanto, seu amor da arte de escrever, que se assinalou pela produção sucessiva de cinco livros de crônicas, três de viagens, dois de contos, seis romances e um de ensaios críticos, metade deles publicados pelos editores mais exigentes de Portugal e do Rio. Em 1910, deu a conhecer em Lisboa o romance *Onde está a felicidade*. Fui buscar um exemplar desse livro em uma das minhas estantes, e nele contemplei o retrato do escritor, confrontando-o com o que ora traz seu último livro *Louras do Sul, Morenas do Norte* — vinte e sete anos depois. Em ambos encontra a mesma beleza, que o tempo não pôde alterar ou con-

sumir. O primeiro é uma fotografia, o segundo uma obra de Ismailovitch. Em ambos, porém, o que traduz a beleza interior do escritor, é a feição de sua atitude contemplativa. A contemplação tem mais de uma fisionomia. Há a contemplação da ironia, do desdém, da rivalidade, da inveja, da bruteza dos instintos. Há, entretanto, a contemplação da bondade, da tolerância, do espírito fraternal e sempre inclinado ao amor. Aquela é a borra negra das almas amargas. Esta é a água límpida em que se espelha a doçura dos sentimentos.

A beleza fisionômica de Raul de Azevedo é esta última, que se lê em seu olhar, que se lê em seu sorriso, que se lê em seus livros. Nunca de seu sorriso fugiu o desejo de abraçar. Nunca de sua pena saiu uma referência azeda ou agressiva a um confrade ou qualquer outra pessoa. Ainda quando se teve de defender de ataques gratuitos, dessas exaltações deletérias de certos monturos que tomaram a forma humana — e às quais ninguém escapa — fê-lo com a elegância e a dignidade de quem se preza a si mesmo. Eu faltaria à sinceridade que me caracteriza, por muitos mal recebida como rude franqueza, se dissesse que seu último livro é melhor do que os que o precederam, como faltaria àquele sentimento se escrevesse que seu retrato de hoje tem a juventude daquele outro de 1919. Mas sou o mesmo de sempre afirmando que nesse livro encontro o que sempre me seduziu em toda a feição desse escritor: a bondade, o otimismo, a nobreza da ética, o espírito afetivo, a delicadeza das tintas, e clareza dos conceitos, tudo isso constituindo uma harmonia melodiosa, que as paixões jamais interrompem. Sua arte é colher das formas simples da vida uma expressão igualmente simples, que as deixe ver e sentir dentro de sua nobreza, sem artifícios retóricos ou pictóricos. Não o preocupa a minúcia dissociada ou hipertrofiada. Não se detem na psicanálise. Não perscruta, não penetra. Nem congerie da angústia, nem banais.

Vê e ama. Vê e narra sem o suplicio de pretender devassar as raízes da natureza, ou a profundidade dos sentimentos. Vê e pinta sem procurar na deformação a publicidade escandalosa. Se pinta uma árvore não a faz sem galhos, ou sem folhas; se pinta uma mulher não lhe substitue os seios por dois ôdros, não lhe dá à cabeça a forma de um feto, não lhe afusa as pernas como se dovesse bilrar na marcha uma renda de dansa macabra.

Seu gato é gato, seu cão é cão, seu pássaro é pássaro. O olhar educado no classicismo grego-latino não vê os seres e as coisas com o estrabismo dos anormais, nem com o colorido exagerado dos hiprestésicos. E o espírito, congenialmente bondoso e delicado, foge dos matos e dos espetáculos perversos, e vive com os seus personagens, como vive consigo mesmo, dentro de uma concepção delicada, e afetiva: As figuras que apresenta em seu novo livro guardam a mesma serenidade, sejam as louras do sul, nascidas e crescidas nas nossas temperaturas frias, como que envolvidas sempre no chãl de brumas doiradas que se distende de S. Paulo aos pampas sulinos, a fisionomia real ainda velada sob a curva de um leque de velha aristocracia colonial, que já se não vê mas se adivinha; sejam as morenas do norte, mais fiéis à natureza, impelidas pelo calor voluptuoso de seu clima, cujo sol como um demônio em fogo rasga a pureza tranqüila do céu para lhe dar-dejar na carne morena as flechas ervadas de sua danação libidínica. Sejam umas, sejam outras, nem as primeiras se transviam em transes líricos, nem as segundas se perdem nas traições dos instintos desfreiados.

Se lhes olharmos os olhos no fundo, se lhes auscultarmos o coração nas crises emotivas, queiram elas, embora, esconder-se no artifício, se não se lhes marisca desde logo o segredo à borda da máscara, pesca-se-lhes a alma inteira no reflexo da alma de sincera bondade do escritor que as criou. Ora, depois que o espírito se fatiga na complicada floresta da fragédia espiritual contemporânea, onde uns se querem exceder a outros na excavação psíquica, levando-nos a meandros sem ar e sem luz que nos asfixiam, um livro de simplicidade, de bom sol, de boas árvores, de boa música, de suaves per-

fumes, causa um prazer tranquilo e repousante, ainda que o menosprezem os filósofos abismais, e os gênios da arte abstrata e antifisio-nômica ou da prosa de enxurrada, que leva de roldão o bom senso e a gramática.

CLAUDIO DE SOUZA
(Do P.E.N. Club do Brasil e da
Academia Brasileira de Letras.)

(Da *Ilustração Brasileira* — Rio de Janeiro).

Do *Jornal do Commercio* — Rio de Janeiro:

"O Sr. Raul de Azevedo é um escritor fiel ao seu ideal literário. Há largas décadas escreve romances, contos, ensaios, crônicas, livros de viagens, com um entusiasmo que o tempo longe de esmaecer, reacende e exalta. Este é o seu sétimo romance — e é moderno na concepção e na forma:

O livro começa por apresentar-nos as duas figuras que lhe justificam o título: Arlinda Oliveira de Ferreira e Silva, morena de "um moreno fechado, de praia", educada em Paris, casada; e Germana, carioca, separada do marido, amiga íntima da primeira. O autor, no segundo capítulo, logo define o clima psicológico das duas personagens: "Uma era do Norte, morena. A outra do Sul, loura. Dois temperamentos diversos. O clima? Sim. Eram bem diferentes. Um quente, tropical. O outro, temperado. Alimentações díspares. Pratos regionais escaudantes do Norte. Os do Sul, inexpressivos, sem mesmo haver um típico. A feijoada, que pretenciosamente se julga do Rio de Janeiro, é de todo o Brasil. Do Acre e do Rio Grande do Sul. Este tem o seu churrasco, mais característico. Mas o churrasco existe até no Acre, fim geográfico do Brasil. A Amazônia tem a tartarufa e o pirarucú — o nosso bacalhau, superior ao outro, em alimentação e sabor; o Maranhão, o seu tradicional arroz de cuxá; a Bahia, o vatapá, a muqueca, e carurú; Alagoas, o sururú, enfim, uma variedade de pratos, todos fortes e quentes". O Sr. Raul de Azevedo coloca as figuras do seu romance nos lugares mais elegantes da Cidade: em Copacabana, uma das maravilhas do mundo; no Jockey Clube, em dia de grande prêmio; numa casa aristocrática das Laranjeiras, em outros lugares onde a riqueza e o mundanismo se exibem, de mãos dadas... Em tudo, temos presente o autor, com suas digressões sentimentais, certa filosofia amável que nos encanta e prende — quase sem darmos por isso.

O amor à Natureza, o amor à Pátria competem, na sua alma, com a veneração à Mulher. E' um poeta que escreve romances. Ouçâmo-lo em algum trecho das digressões acima referidas: "Grande Brasil, país de todas as possibilidades. O que êle será dentro de vinte, de cinquenta anos, dum século! Homens — julzo! A natureza é surpreendente e bela! O nascer do sol, em certos trechos do Rio, é todo um deslumbramento. Olhai-o, amigos, do Leblon. E' uma enorme bola, rubra, ensanguentada, que surge aos poucos, lentamente e nos dá à distância a impressão de um corpo mole, flácido, não bem redondo, dum vermelho estonteante. E' o Sol! Olhai bem, saboreando espiritualmente, os ocosos que Deus nos dá, lindos e famosos. As côres! O azul e o amarelo o verde e o roxo, o cinza e o negro... Há nuances indescritíveis na baía imensa da Guanabara. As vezes, o pôr do sol demora... Outras, cal rápido, quase fulminante. Pintores do Brasil! Não se pode bem descrever êsses ocosos... As palavras, as frases são poucas. Precisariamos ter um vocabulário maior, enorme, com palavras mais fulgentes. Ocosos que são um poema. Pintores — tentai a tela, os quadros. Quem sabe se, em certas combinações de tintas, serão possíveis os flagrantes?"

"Louras do Sul, morenas do Norte" são um romance agradável de ler. Sem grandes preocupações de psitologia à velha moda de Bour-

get, retratam fielmente as almas humanas e as paisagens da terra. O Rio — está nêle com uma frequência que define a devoção, que lhe consagra o autor. O Sr. Raul de Azevedo escreve limpamente, assim do ponto de vista moral como do sintático. E' um exemplo para certos romancistas novos que não admitem livro dêsse gênero sem cenas torpes, palavras da gíria e escabrosidades que servem a despertar o apetite cansado dos leitores dignos de tais obras e autores..."

Do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro:

"E' mais um romance do Sr. Raul de Azevedo. Depois de "Amores de Gente Nova", e de mais alguns outros, êsse escritor, que tem produzido gêneros diversos — contos, ensaios, viagens, conferências, crônicas e artigos para a imprensa — retoma o que mais parece de seu feltio, que é o dé criador de figuras se movendo nos meios que êle indiscutivelmente conhece.

Os temas do Sr. Raul de Azevedo são simples. Ele observa muito mais do que filosofa. De onde, necessariamente, a sua facilidade de caricaturar, urdindo os seus enredos como se os quisesse ainda mais tornar verossímeis. Há adiante de seus olhos uma engrenagem: — a sociedade. Ele próprio, o autor, talvez seja uma das molas dessa engrenagem. Val fazendo-a funcionar, não sem uma ligeira malícia, aqui um leve toque de ironia, ali uma ponta mais penetrante de sátira, mas, de qualquer fôrma, interessando, agradando e atraindo o leitor. E' que nesse romancista os tipos de seus romances vivem com êle. Sente-os, fixando-os em volta. Como diria Chesterton, ao fazer a longa análise de Dickens, "a arte imita a vida sem copiá-la; a vida, por si, nada imita." O Sr. Raul de Azevedo aceita a vida como ela é e não como a imaginasse que fôsse. Apenas, o seu realismo é diferente, porque evita os contrastes chocantes e os flagrantes nem sempre amáveis.

Em "Louras do Sul, Morenas do Norte" os personagens são atuais. Também são atuais os episódios que se encadeiam, armando a fabulação "Germana" e "Arlinda" não passam e repassam nas cenas para simbolizarem preconceitos de raça. Não. "Arlinda" deve ser o temperamento nortista, mais concentrado, porque o norte conhece muito mais a adversidade. "Germana", carater sulista, é mais sentimental, isto é, há de obedecer mais aos impulsos da alma, porque a natureza foi mais pródiga com o sul.

Se a Literatura é mesmo o espelho da sociedade, o último romance do Sr. Raul de Azevedo é bem um reflexo de um meio que êle está habituado a ver e sentir, lidando familiarmente com os personagens inventados."

— "LOURAS DO SUL, MORENAS DO NORTE" — Raul de Azevedo já possui uma obra literária considerável, composta de romances, contos, ensaios, viagens, conferências e crônicas. Nunca, porém, publicou versos, o que é curioso, pois que a quase totalidade de nossos escritores pelo menos quando começa, fá-lo versando. Raul de Azevedo, fugindo à regra, sempre preferiu a prosa e é comq prosador, principalmente um cronista leve, gracioso, vibrátil. Os seus romances são, em geral, crônicas sociais desenvolvidas, retratando figuras e fixando ambientes, tudo à sua maneira característica de ver e descrever o que cerca e lhe desperta a atenção e a preferência de escritor. "Louras do Sul, Morenas do Norte", que ora nos oferece, confirma ainda uma vez a feição literária do autor. Invejo-lhe a mocidade de espirito, pois, apesar de entrado em idade propecta, Raul de Azevedo continua como se tivesse apenas vinte anos! Por isto mesmo, preocupa-se êle com as coisas da vida, que os homens já muito velados classificam de efêmeras, incluindo entre elas o amor... Daí o motivo de "Louras do Sul, Morenas do Norte", tendo por heroínas principais duas figuras fe-

minúscas: Arlinda, a morena, e Germana, a loura, as quais se definem, às primeiras linhas do livro: "Arlinda era a carne, e Germana era o espírito. Contrastes que se aproximam. A vida seria monótona, se fôsse sempre igual. A natureza é toda ela diferente." Seguindo essas duas personagens contrastantes, o cronista, que frequenta os mesmos lugares que elas frequentam, urde o seu romance amoroso, no qual o mundanismo elegante do Rio contemporâneo se apresenta em seus aspectos amáveis ou desconcertantes... Naturalmente, Raul de Azevedo prefere máis o lado risonho da vida, os ambientes sociais onde se movem pessoas que se conhecem e até, às vezes, se estimam e se alegram quando reunidas, tendo por pretextos uma festa de arte, uma recepção social, um jantar comemorativo. Embora êle nos previna, no pórtico de "Louras do Sul, Morenas do Norte", que nomes e casos que aparecem no livro, se existem, são simples coincidências, tudo ali são coisas e pessoas reais e bem nossos conhecidas... E isto basta, a despertar o nosso interesse." — RENATO TRAVASSOS

(Do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

Da *A Gazeta*, de São Paulo:

— *Bilhetes do Rio — Flagrantes romanescos da época* — Rio, 4 (Dep. de "A Gazeta") — Raul de Azevedo é um dos nossos escritores da velha guarda, que mais vêm mantendo a sua fidelidade à literatura. Possui uma bagagem considerável, contemplada com as referências elóginas de grandes espíritos do Brasil, como Coelho Netto, João do Rio, Medeiros e Albuquerque, Rocha Pombo, Afranio Peixoto e desse grande escritor português, já um tanto brasileiro, que é Fidelino de Figueiredo.

Homem de letras e de imprensa, militando sempre em jornais, viu passar por êle mais de uma legião de literatos novos, blasonando convicções estéticas e toda sorte de doutrinas revolucionárias. Viu também mudarem-se as modas, e o que era ontem muito interessante tornar-se hoje maisinado e relegado ao desprezo. E através dessas transformações, foi-se conservando sempre fiel ao caminho que impusera a si mesmo: o de reproduzir com sinceridade e lealdade tudo que lhe impressionava, sem preocupar-se com figurinos ou com a flutuação das correntes literárias.

Por isso, enquanto tanto escritores novos, em crises de esteticismo agudo, procuram novos rumos para o romance, procurando adotar as inovações de Joyce, de Virginia Woolf e Aldous Huxley; quando uma corrente néo-naturalista reivindicando para o romance o valor documental, como Zola, em 1880, entra em choque com os adeptos da psicologia, da realidade feérica ou do supra-realismo dostoiévskiano — em meio desses debates, nem sempre produtivos, pois que se esterilizam, muitas vezes, em meras questões de formas — Raul de Azevedo apresenta-nos um romance interessante e agradável, sem nenhuma das influências aludidas. Se há alguém que êle lembre, êste será, de certo, Marcel Prevost, como já observara, com muita finura João do Rio. "Louras do Sul, Morenas do Norte" intitula-se o livro em que, através de uma história de amor, encontramos excelente pintura da sociedade contemporânea. Como Prevost, Raul de Azevedo é um moralista. Se piata os vícios é para condená-los e apontar os meios de combatê-los. Assim, sob o seu aspecto, essencialmente romanesco "Louras do Sul, Morenas do Norte" está cheio de verdades e de conclusões amargas sobre o ambiente social e mundano dos nossos dias. Um livro em que muita gente encontrará o seu próprio retrato. Porque o cronista, frequentador assíduo das colunas dos nossos diários e o repórter estão sempre vivos na obra de Raul de Azevedo; valorizando-a com a percepção dos fatos e o senso da realidade que a experiência jornalística nos traz."

Da revista *O Malho*:

— *Novo romance de Raul de Azevedo* — O romance brasileiro sofreu sempre forte influência estrangeira. Pode-se dizer mesmo que se caracteriza pela imitação, pela cópia dos modelos europeus. Nota-se que falta aos romancistas patricios de todos os tempos a marca do sofrimento, da vicissitude que há nos grandes dramas individuais e coletivos. O escritor nacional, porque lhe negou o ambiente em que viva, procurou emocionar-se em fonte estranhas. Contudo, não evitou reproduzir nos seus livros a monotonia que o cercava, a pobreza de acontecimentos que tanto lhe enfraquece a obra. Até o período naturalista, entre nós, se caracteriza pela mesma penúria literária. Reflete também a ausência de grandes motivos históricos nacionais. E' triste reconhecer que, de modo geral, o romance brasileiro é anêmico. Falta-lhe sentido universal. Não conseguiu fixar tipos de expressão nitidamente universal, de fácil assimilação para o estrangeiro letrado ou de mediana cultura. Estudando a "Forma e Expressão no romance brasileiro", escreveu Bezerra de Freitas: "Muito do nosso modo de pensar e sentir pertence aos nossos antepassados. O instrumento de comunicação é o nosso espírito, cuja estrutura varia de acôrdo com a nossa maior ou menor experiência da vida. Essa experiência deve ser formada antes de ser transmitida." E' claro. E porque não se observou este preceito, nada mais fez do que expor essa falta de experiência. Parece, contudo, que entramos numa fase nova e promissora. A substância do romance de nossos dias se firma em maior soma de experiência, em sensações reunidas em raciocínio mais claro, na inquietação da vida contemporânea. Estes pensamentos nos foram sugeridos pela leitura de alguns romances brasileiros recentemente publicados, inclusive essas páginas deliciosas de "Louras do Sul, morenas do Norte", do brilhante escritor Raul de Azevedo. A crítica nacional já lhe consagrou a obra, que é realmente apreciável. Em seu último livro, Raul de Azevedo expõe uma história viva, real, coerente, humana. Em suas páginas palpita a vida. Suas personagens são criaturas reconhecíveis nos transeuntes que se encontram a cada passo; seus casos comoventes ou alegres não têm fantasia. A experiência do escritor os ditou, por isso prendem o leitor e lhe ensinam a grande lição da existência.

O romancista cita, no decorrer da narrativa, nomes de jornalistas, escritores atuais, aponta-os nos lugares que frequentam sem, entretanto, incluí-los propriamente na história. Diz o que há de bom, de saboroso e belo neste Brasil em fora. E' um livro vigoroso, excelente, que vem enriquecer a bagagem literária do conhecido escritor patricio. — OSWALDO SOUZA E SILVA."

O acadêmico Peregrino Junior, em sessão da Academia Brasileira de Letras, ofereceu em nome do autor um exemplar do romance "Louras do Sul, Morenas do Norte", assinalando o autor e a obra.

Do Embaixador do Ganadá Jean Desy:

— "Parabens pelo seu romance "Louras do Sul, Morenas do Norte". Já fizeti a leitura dessa obra, com o mais vivo interesse, — leitura que empreenderei até à última página, ainda que me custe isso algumas noites de insônia."

Do acadêmico A. Austregesilo:

— "Louras do Sul, Morenas do Norte é um romance de observação psicológica, leve e suave. E' um belo tratado acerca do amor, com vicências delicadas e encantadoras. Há céus ameaçadores e brisas refrigerantes. "Louras do Sul! Morenas do Norte!" Haverá mesmo, dentro

da raça, certa diferença de temperamentos, devido ao clima, à alimentação, costumes e hábitos?... Haveria entre essas brasileiras, dois temperamentos diversos, um mais e outro menos luxurioso?! Isto resume a história dos corações postos à mostra pelo autor: — "Só o amor tudo redime!" O seu livro tem belas e empolgantes páginas."

Do acadêmico Levi Carneiro:

— "No seu novo livro *Louras do Sul, Morenas do Norte*, mais uma vez se revelam os seus dotes de observador arguto e de escritor correto e gracioso, delineando com segurança os perfis das personagens do romance."

Do escritor Escragnole Doria:

— "Que é, Raul de Azevedo, o seu romance último? Mais um elo, da extensa cadeia de dedicação às letras, á de um trabalhador intelectual do *nulla dine linea*. As louras e morenas do seu romance, bom estudo de caracteres, movem-se, pensam, dodivanam, e padecem no quadro da vida carioca por meio de narração devida a nunca cansada pena, habituada ao trato de variadíssimos assuntos. Felicito pois quem a maneja para produzir páginas de valia. Ajuntei *Louras do Sul, Morenas do Norte* a outras obras suas, de real valia."

Do escritor Afonso Louzada:

— "Venho de ler com a maior satisfação o seu romance *Louras do Sul, Morenas do Norte*. Sua obra literária já é vasta e bastante conhecida, inscrevendo-o entre os nossos melhores intelectuais. Romancista simples e elegante, as emoções e os fatos que V. descreve têm realidade, e beleza. O meu ilustre amigo está de parabens; eu o felicito muito cordialmente."

Do acadêmico Celso Vieira:

— "É um belo romance o seu *Louras do Sul, Morenas do Norte*."

Do escritor José Condé:

— "*Louras do Sul, Morenas do Norte* é o título do mais recente romance do Sr. Raul de Azevedo, nome bastante conhecido através de outros livros e de colaborações para a nossa imprensa. O Sr. Raul de Azevedo — disse Fernando de Azevedo — "é um espírito fino, vibrátil e culto, a que devem nossas letras, estudos e crônicas, de graciosa leveza e de penetração delicada. E é um romancista."

"*Louras do Sul, Morenas do Norte*" é um romance de costumes cariocas. Alguns dos mais sugestivos aspectos da vida do Rio são nele tratados com bom gosto e segurança nas observações."

— Do suplemento literário d'*A Manhã*, do Rio de Janeiro

"**LOURAS DO SUL, MORENAS DO NORTE**" — Raul de Azevedo é um escritor bastante fecundo, tendo abordado os mais diversos gêneros, como romance, conto, crônica, ensaios. Tão intensa atividade

literária não pode deixar de merecer acatamento. E é preciso notar os elogios que não lhe têm regateado grandes espíritos como Figueiredo, Fernando de Azevedo, Gustavo Barroso, Joaquim Leitão e muitos outros. Hoje, fiel à literatura, Raul de Azevedo — de quem Agripino Grieco disse “tem dois excelentes romances” — apresenta uma nova obra no gênero “Louras do Sul, Morenas do Norte” (Ed. Pongetti), série de curiosos flagrantes da vida contemporânea, numa trama romanceada, que agradará, de certo, inúmeros leitores.”

Do *O Globo*, do Rio de Janeiro:

— “Raul de Azevedo é um nome feito nas letras nacionais, dispensando essa adjetivação que estamos habituados a ver no lançamento de autores novos. O que se deve registrar como acontecimento digno de atenção, é o seu novo romance “Louras do Sul — Morenas do Norte”, agora lançado pela Pongetti.

Neste livro palpitante de vida do Rio de Janeiro dos nossos dias, a crônica social lembra a vivacidade de um Lima Barreto, de um João do Rio, tal a felicidade dos flagrantes. Mais interessante ainda é que nele aparecem centenas de personagens, homens e mulheres, facilmente identificáveis para os que estão em dia com o “carnet” social da cidade. É claro que o autor não se esqueceu da advertência protetora: “qualquer semelhança, etc., etc.”.

“LOURAS DO SUL, MORENAS DO NORTE”... — Raul de Azevedo, depois de publicar uma série de livros de variada natureza literária, entre romances, contos, ensaios e crônicas, acaba de lançar mais um, desta vez sobre tema ainda mundano, ao qual deu o título de “Louras do Sul, morenas do Norte”.

Trata-se, como se vê, de assunto próprio para distrair e recrear o espírito do leitor, nem sempre eufórico, frente às dificuldades e lutas da vida presente... Mas Raul de Azevedo sabe lidar com o assunto, causando interesse e fazendo com que, iniciada a leitura, se saboreie de uma assentada todo o volume pontilhado de imagens e idéias faiscentes como lantejoulas de variada e cambiante coloração...

Passam aí todas ou quase todas as figuras do nosso mundo social, escritores, artistas, médicos, industriais, que ele cita com o senso de oportunidade, pintando, em rápidas pinceladas, o ambiente literário e cultural dos cenáculos de letras e academias... Aqui, é o ambiente da Associação Brasileira de Imprensa. Ali, é o Pen Clube do Brasil. Acolá, a Academia Brasileira de Letras. E assim por diante, através dos centros, clubes e salões.

É um livro que agrada à vista e ao coração, interessante, principalmente e de maneira mais viva, ao melo feminino, que o apreciará e lerá de um só hausto, conhecendo desde a morena ardente do Amazonas e do Pará, queimada pelo sol do Equador, até a gaúcha elegante e formosa das margens do Guaíba e dos caminhos ondulantes dos pampas... — PETRARCA MARANHÃO.

— Do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro:

“O romance do dia é *Louras do Sul, Morenas do Norte*, do Sr. Raul de Azevedo. Ele há publicado outros romances, já lidos pelo público. Neste, faz um estudo de psicologia entre as louras do Sul, que, pelo clima e alimentação, e a própria vida mais turbilhonante, julga menos ardentes que as morenas do Norte. A par dêsse ensaio, há dois ro-

mancez da vida carioca dentro destas páginas, de estilo vívido, frases curtas. O autor descreve o panorama social da época presente, — o Teatro Municipal, o Jockey Club, as confeitarias e ruas da moda, festas de embaixada. A vida elegante. Há um ensaio do momento. E há no livro centenas de nomes de senhoras e homens, de escritores. Um manancial para, daqui há anos, se estudar esta época."

Da revista *Ocidente*, de Lisboa, dirigida por Alvaro Pinto:

— "Numa atividade permanente, não cessa Raul de Azevedo a sua produção literária, sempre viva e cintilante. Eis agora um novo romance em que se ventilam simultaneamente dois problemas de elevado interesse, um de natureza social, outro de ordem geográfica. O primeiro, mais grave e profundo, é o que se refere à impossibilidade de casamento entre um desquitado e uma separada. O outro, de ordem sentimental, pretende mostrar a forte influência do Norte ou do Sul sobre as cores dos cabelos e a vivacidade dos temperamentos. Raul de Azevedo, com seu estilo ágil e impressivo, dá mui nitidamente as figuras e os fatos e transforma a crônica viva da sua época no romance que idealizou. São ainda as suas páginas um memorial arguto do meio intelectual carioca."

D'A *Notícia*, do Rio de Janeiro:

— "Raul de Azevedo é um nome feito nas letras nacionais, dispensando essa adjetivação que estamos habituados a ver no lançamento de autores novos. O que se deve registrar como acontecimento digno de atenção, é o seu novo romance "Louras do Sul — Morenas do Norte", agora lançado pela Pongetti.

Neste livro palpitante da vida do Rio de Janeiro dos nossos dias, a crônica social lembra a vivacidade de um Lima Barreto, tie um João do Rio, tal a felicidade dos flagrantes. Mais interessante ainda, é que nele aparecem centenas de personagens, homens e mulheres, facilmente identificáveis para os que estão em dia com o "carnet" social da cidade. E' claro que o autor não se esqueceu da advertência protetora: "qualquer semelhança, etc., etc."

"Louras do Sul — Morenas do Norte", é o romance do momento. Lido e discutido pela elite, encontra êle repercussão na classe média, sempre pronta a gozar os mexericos dos grãfinos, como filmes de grande metragem. A todos, enfim, interessa o romance de Raul de Azevedo, pelo que êle tem de humano e por uma boa dose de excelente psicologia.

E todos tomam parte no interessante estudo do autor sobre a temperamental ardência das morenas do Norte, em paralelo com a beleza morna das louras do Sul. — M. H."

D'O *Globo*, do Rio de Janeiro:

— "Louras do Sul, Morenas do Norte", de Raul de Azevedo. — O Sr. Raul de Azevedo, autor de vários livros já bem recebidos pela crítica, vem de publicar mais um romance. "Louras do Sul, Morenas do Norte" foi o título que deu ao seu novo livro. Trata-se de uma obra, que se não aumenta o renome literário do Sr. Raul de Azevedo, também não o diminue de modo algum. Escrito em estilo elegante, "Louras do Sul, morenas do Norte" é um romance que se lê com interesse crescente. E' mais uma edição dos Irmãos Pongetti."

— “Acabo de ler, com o mais vivo prazer de espírito, o festejado romance “Louras do Sul, Morenas do Norte”.

A fluência da linguagem, a vivacidade descritiva das cenas, a naturalidade das narrativas, a penetrante sutileza dos conceitos, e a originalidade de personagens das nossas letras e do nosso mundo social aparecem, aqui e ali, ao redor dos protagonistas do entrecho, dão ao seu novo livro, ao lado de grande encanto, um aspecto de realidade cheia de cor e de vida.

E, destarte, a vasta obra de escritor consagrado, rica de brilho e fixadora de almas e de problemas humanos, se torna ainda mais admirável e valiosa.

Receba, pois, com um efusivo abraço de felicitações, meus agradecimentos pela oferta do exemplar do seu livro e pelas generosas palavras de dedicatória que nêle após, numa demonstração cativante de estima e de carinhosa bondade. — RAUL MACHADO.”

— “Raul de Azevedo — Através das páginas de “Louras do Sul e Morenas do Norte”, procurei auscultar, com explicável curiosidade, a fadiga espiritual do veterano lidador das letras, que as tem ilustrado com sucessivas e belas lucubrações desde os primeiros anos da juventude. Frustrou-se-me, porém, a intenção, porque senti somente palpitar a mesma cerebração de outros tempos, ágil na concepção da idéia e assás feliz na sua exteriorização, tratando os seus temas com uma sutileza psicológica que admiravelmente harmoniza com a graciosa simplicidade do seu estilo. Por essa grata certificação, envio-lhe, meu caro Raul, efusivos parabens, agradecendo ao mesmo tempo o magnífico regalo de “Louras do Sul - Morenas do Norte”, com que lhe aprouve relembrar nossa velha camaradagem. — JOÃO LEDA.”

— Da revista *Sombra*, do Rio de Janeiro:

“Louras do Sul, Morenas do Norte” — Raul de Azevedo — O autor é bastante conhecido do público e consagrado pela crítica. Tendo publicado duas dezenas de volumes, sua bibliografia abrange diversos gêneros literários: romance, conto, ensaios, viagens e crônicas. “Belo romancista”, disse dêle Afrânio Peixoto; “um escritor de verdade” (Coelho Neto); “Aprecio-o pela elevação dos temas versados, pelo fino gosto e pela bela forma” (Fidelino Figueiredo). Agora, em seu novo romance — “Louras do Sul, Morenas do Norte”, — uma história viva e atual, vamos encontrar o mesmo escritor seguro, dono do seu “metier”, escrevendo em estilo claro e perfeito. Um romance que se lê de um fôlego, tal o interesse que desperta a narrativa, tal o desenho psicológico das personagens — Edição PONGETTI.”

Da *A Noite*, do Rio de Janeiro:

— “Romance-crônica — De JARBAS DE CARVALHO — O verdadeiro romance nasceu logicamente na época romântica. Porque antes, na era da cavalaria, havia narrativas mais ou menos líricas, quase sempre em verso. Mas, romance, segundo Paul Claudel, é uma “confluência de acontecimentos, uma espécie de crônica, uma história”. O romance, porém, deve ser o fruto da imaginação, uma série de episódios inventados em torno de uma idéia central — uma idéia que pode ser filosófica ou social, raramente científica. O romance em feição de crônica, no entanto é uma novidade. E essa novidade é a que foi procurada pelo escritor Raul de Azevedo, lançando à publicidade o seu último volume: “Louras do Sul — Morenas do Norte”.

Certa vez pensei em aproveitar obra alheia para o efeito de transformar o romance em crônica — no modelo que acaba de fazer este autor. Lembrei-me de pedir a Coelho Netto autorização para reeditar "A Conquista", dando-lhe aos personagens os seus verdadeiros nomes — pois, como se sabe, nessas pitorescas páginas, Coelho Netto, como Henri Murger, conta as cenas da vida boêmia do Rio de Janeiro de seu tempo, dando apenas nomes supostos aos seus companheiros e a si próprio. Netto, em sua biblioteca da rua do Roço — que tem hoje o seu nome — conversou muito comigo, achando excelente a idéia, que, certamente, lhe traria gratas recordações da mocidade, mas declarou, melancólico, que toda a sua produção fôra vendida aos editores.

Os outros, porém, são outros. Aquele pudor revelado na "Conquista" não teria agora razão de ser. O romance-crônica ora iniciado há de ser aceito com todos os seus personagens verdadeiros, desde que o autor tenha o cuidado de não deixar mal perante a sociedade as pessoas que achar dignas de figurar nos episódios — verdadeiros ou imaginados — de um livro destinado a retratar a vida de uma cidade. "Louras do Sul — Morenas do Norte" foi construído com evidente interesse em agradar. Citando muita gente conhecida no mundo das letras, principalmente, reservou o autor ao esmero da fabulação, quatro figuras típicas da sociedade moderna, criadas de fantasia ou, se autênticas, cuidadosamente defendidas pelos nomes supostos. Estas personagens é que fazem o romance, seguindo na confluência de acontecimentos, como queria Claudel.

Os outros, os de carne e osso, que falam, comentam a vida alheia, movem-se episodicamente, como as multidões incaracterísticas: Esses, no entanto, são tratados com cativante simpatia — para que se consolem de smpor um fundo de quadro, embora prestigioso.

"Louras do Sul — Morenas do Norte", como história de todos os dias, é bem um romance de atualidade e nele surgem os mais conhecidos acontecimentos de caráter local como de irradiação internacional.

Sente-se que Raul de Azevedo, ao escrever o seu romance, foi mais seduzido pela vida absorvente da gente carioca, com suas intrigas, com suas diversões e sua preocupação de elegância, que, pelo "caso" que se desenrola, de dois amores paralelos — e não seria mesmo um verdadeiro romance, se o "leit-motiv" não fosse o amor.

— A vida é um romance! — costumam dizer os comentadores bem humorados. Por isso mesmo, o romance há de ser a vida. E' essa a concepção d'este romancista vitorioso — vitorioso não só por ter já uma longa bagagem literária, como por compreender perfeitamente que o leitor de hoje — principalmente a leitora — dispensa qualquer convite a mergulhar no incognoscível ou no subconsciente, ou a procurar o lado filosófico das coisas — o que, às vezes, conduz ao enfartamento e às digestões difíceis... E quis oferecer-lhe leitura amável, humana, sensível e panoramas atraentes, aspectos claros, luminosos, agradáveis da vida do Rio de Janeiro."

"Louras do Sul — Morenas do Norte" tem seu sucesso garantido. Quando não fosse pela fluente maneira literária do escritor, bastaria que cada pessoa citada voltasse com agrado de suas páginas tão sedutoras para que o livro andasse de mão em mão — e por seu próprio pé."

Da revista *Touring*, do Rio de Janeiro, de Berilo Neves:

— "Em várias províncias da Literatura tem deambulado o espírito artístico do Sr. Raul de Azevedo. O romance, a crônica, o ensaio, a crítica têm recebido sua visita, às vezes ligeira, outras vezes detida — mas sempre frutuosa e amável. No gênero romance, este é o seu sétimo trabalho, tendo começado pelo "Doutor Renato", há largos anos.

Em "Louras do Sul, Morenas do Norte", o Sr. Raul de Azevedo define os caracteres físicos e psíquicos que separam dois espécimes diversos da mulher brasileira: a loura sulina e a morena nortista. Para isso, simboliza os dois tipos nas duas personagens principais do romance: Arlinda, a morena; e Germana, a loura. No mais, temos aspectos da vida social do Rio, quadros dos encantos irrealizáveis da Cidade Maravilhosa, boas observações psicológicas, sugestivos retratos da Vida e do Mundo. O Sr. Raul de Azevedo mantém-se numa atmosfera de poesia e elegância, o que o aparta de muitos dos nossos romancistas modernos, que primam pela falta de asseio — assim dos conceitos como das palavras. É um livro, pois, que se pode aplaudir sem maiores restrições — B. N."

No *Jornal do Brasil* escreveu Souza Brasil:

— "Raul de Azevedo acaba de juntar à sua vasta obra literária preciosa gema que bem merece registro especial. "Morenas do Norte, Louras do Sul" é o título sugestivo do seu último romance. Trata-se de um fino estudo de psicologia social, onde são ventilados alguns dos problemas mais em evidência no momento, e onde se apontam muitos dos erros e falsos preconceitos que fazem desse século XX algo digno mais de piedade que de louvores. A par disso, retrata o romancista homens e fatos do momento, dando cenário real ao trama que se propôs desenvolver. Seus personagens são de ficção, mas, a par disso, o fundo da obra é real e nêle movem-se figuras e fatos da atualidade. Futuramente, quando alguém ler o livro de Raul de Azevedo, terá um retrato vivo, colorido e animado da sociedade carioca e de alguns dos seus corifeus, tudo isso muito bem dosado com o estudo das correntes literárias mais em voga, apreciações sensatas sobre homens e fatos políticos do momento em que vivemos e descrições graciosas de hábitos e costumes cariocas. Não cabe, aqui, um estudo literário da obra em apreço. Mas, tratando-se de assunto eminentemente social, escrito por um cronista de méritos indiscutíveis, merece uma palavra de estímulo e um registro carinhoso que seja o reflexo do conceito justíssimo que desfruta Raul de Azevedo nos múltiplos círculos a que pertence na sua qualidade de literato e homem de sociedade — S. B."

"Acabo de ler o novo romance de Raul de Azevedo, "Louras do Sul, Morenas do Norte". Há entre nós uma velha simpatia que resiste ao tempo e às asperezas da fortuna. A firmeza da sua amizade é a única antiguidade ou coisa velha que há no seu espírito, e, como tal, é um timbre de nobreza. Lendo este livro pensei que estou muito precisado da companhia de gente moça, como a desse escritor que podia, generosamente, nos dar a fórmula do seu elixir de perpétua juventude. Será a prática daquele culto a que sacrificou todas as personagens dos seus romances, deste especialmente? O seu novo livro é ao mesmo tempo uma apologia fervorosa do verdadeiro amor e uma crônica da vida contemporânea do Brasil, ou melhor, do Rio de Janeiro. — crônica mundana, amorosa e literária. Lá estão presentes e bem presentes a Academia Brasileira de Letras e o P.E.N. Clube. O estrangeiro que o ler atentamente fica possuindo um panorama das preocupações, interesses, valores e costumes do carioca, nos anos últimos. É quase um documento histórico — romanceado. As conversações traçam-nos um mapa literário e social, porque não há disfarces de nomes ou há, como diz o autor humoristicamente, muitas coincidências de nomes e casos. Quando descreve superfícies brilhantes e vidas apressadas, adota uma linguagem nervosa, versátil, saltitante de termo em termo, com olhares perscrutadores de quem tudo quer ver, e vê, ao mesmo tempo. Raul de Aze-

vedo têm um estilo próprio. Lendo "Louras do Sul, Morenas do Norte" agradeço muito ao escritor as horas de prazer que me proporcionou e as boas notícias que me deu de tanta gente e tanta coisa, tantos lugares e tesouros, que bem conheço. Bem se sabe que não sou um mundano, mas tenho vivido muito e visto muito, até nesses enganosos setores. Com muito gosto rememorei tanta coisa. Um dia, quando meu caro Raul de Azevedo for velho, saberá o que é este prazer de rememorar. "Louras do Sul, Morenas do Norte" é um livro que se lê com encantamento — FIDELINO DE FIGUEIREDO."

Da A Noite, Rio de Janeiro:

— "Louras e Morenas — De BASTOS TIGRE — O homem é o eterno insatisfeito. E este insatisfeitiço, considerado o homem na sua expressão genérica, torna-se ainda maior, quando se observa a metade feminina do gênero humano.

O pior com as mulheres é que elas querem sempre outra coisa e não sabem, afinal que outra coisa é essa. Experimentam isto, aquilo, aquilooutro e acabam voltando à origem, para iniciar nova série de experimentos.

A moda é o símbolo social da inconstância feminina. Mas não é somente a moda da indumentária, mas a que se manifesta em tudo mais: nos hábitos, nas atitudes, nos gostos em arte e literatura, na preferência pelas formas mais ou menos rotundas da própria plástica e até no critério em escolher os homens para os romances, as comédias, e os dramas do amor.

Uma das manifestações mais flagrantes da inconstância feminina, do "não saber o que quer" do sexo versátil, é a preocupação que têm as morenas de parecer louras e as louras em se amoremarem.

As praias atlânticas oferecem, diariamente, o aspecto de um laboratório ao ar livre em que o sol, velho e sábio alquimista opera o milagre da transformação de epidermes do branco—"bacon" ou róseo-flambré, de certos corpos, em moreno jambo com tendências a jaboticaba mal madura. Por sua vez as morenas, oxigenando cabelos, cílios e supercílios, oferecem um tipo de beleza industrial, manufaturado, que a Natureza não soube ou não quis engendrar: o da "dark-girls" com cabelos de fios d'ovos.

Influirá, por acaso, esse aspecto externo no temperamento das mulheres transfiguradas pela helioterapia de Apolo ou pela química capilar do mestre José, da Casa Doret? O meu excelente amigo e confrade Raul de Azevedo, em livro recente, estuda o assunto, romântica e socialmente, oferecendo à curiosidade dos homens, em ambiente nitidamente carioca, tipos de louras e de morenas. Não sei se o autor averiguou, com olho técnico, se Germana é produto natural, ou se um dos exemplares em série saídos das mãos do José. E se Arlinda nasceu com aquele moreno castanha-de-natal ou resulta dos fatores heliogênicos das praias de Jacópacabana, Jerusaleme e adjacências da nossa Palestina atlântica.

Mas Raul de Azevedo é, sobretudo, um requintado artista. "Louras do Sul, Morenas do Norte", é uma bíblia social em que há muito a aprender, para avançar ou recuar... O autor é, aliás, "expert" conhecido e consagrado. A sua escandalosa juventude convida-nos a fazer um auto-de-fé de todas as folhinhas e almanaques. Estão todas erradas... Anos, houve de cem dias, apenas...

A vivacidade, o fulgor, o humor, o "wit" deste livro de salão (com discreta porta para a alcova), mostram o belo espírito em corpo são de Raul de Azevedo, professor de escola ativa e não simples consultor técnico em assuntos de louras, morenas e outras nuances..."

Da ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBÔA:

— “Exmo. Senhor Raul de Azevedo — M. I. Escritor — Rio de Janeiro — Brasil.

Tenho a honra de agradecer a oferta que V. Exa. se dignou fazer à Biblioteca desta Academia, do belo romance de sua autoria, — *Louras do Sul, Morenas do Norte*, o qual foi presente à classe de Letras, em sessão de ontem, tendo o Secretário Geral proferido as seguintes palavras: “Está sobre a Mesa um exemplar do mais recente romance do escritor brasileiro — Raul de Azevedo, “*Louras do Sul, Morenas do Norte*”.

Raul de Azevedo é um nome na literatura brasileira. Coelho Neto escreveu esta frase: “E’ um escritor de verdade”, e quando a Casa de Machado de Assis o premiou, Medeiros de Albuquerque comentou assim o acontecimento: “A Academia Brasileira de Letras deve se regosijar de ter premiado o romancista Raul de Azevedo”.

O saudoso Afrânio Peixoto afirmou: “Raul de Azevedo é um. belo romancista”.

O querido confrade Gustavo Barroso apontou-lhe entre outras qualidades: “Na sua obra, nos seus romances, palpita a vida”. E Afonso Celso sentenciou: “E’ por muitos títulos apreciado escritor. Conquistou bela situação nas letras nacionais contemporâneas”.

A nós compete dizer hoje: este romance — *Louras do Sul, Morenas do Norte*, é palpante de vida, a vida de hoje, inclusive manhas da guerra, e nas suas páginas perpassam nos meios cariocas as figuras primaciais das letras e isto é bastante, — se não houvesse muitas outras qualidades — para tornar inesquecível este romance de Raul de Azevedo.

Com os melhores cumprimentos — A Bem da Nação — O Secretário Geral, — (a) JOAQUIM LEIRÃO — Lisboa, Secretaria da Academia das Ciências, em 14 de Novembro de 1947.”

Da revista *A Selva*, do Rio de Janeiro:

— “Raul de Azevedo acaba de publicar mais um romance: “*Louras do Sul, Morenas do Norte*”. Como os anteriores, vem esse novo livro confirmar as excelentes qualidades de romancista do ilustre escritor.

Focalizando aspectos pitorescos da vida carioca, “*Louras do Sul, Morenas do Norte*” tece, ao mesmo tempo, o estudo de dois temperamentos diferentes, fixando-lhes os traços num exame minucioso de seus dramas e paixões. Tudo isso numa atmosfera feita de vida e de conflitos sentimentais, dentro da paisagem e do ambiente social do Rio de Janeiro. A narrativa está marcada por um alto sentido de precisão e sobriedade, sem trair um só instante o equilíbrio das situações o romanesco do livro e a justeza das proporções.

Seu autor, bastante conhecido e apreciado pelo público brasileiro, principalmente através de seus romances intitulados “*Doutor Renato*”, “*Tríplice Aliança*” e “*Amores de Gente Nova*” — livros de grande sucesso — é um desses espíritos polimorfos, de escritor, pois sua produção val a quase três dezenas de excelentes livros de contos, ensaios, crônicas, independente dos romances, que parecem constituir sua preferência.

Muito bem o definiu Gustavo Barroso ao dizer: “Na sua obra, nos seus romances, palpita a vida. Não há fazer-lhe melhor elogio.”

“*Louras do Sul, Morenas do Norte*”, vale como um acréscimo qualitativo na bagagem literária de Raul de Azevedo”.

No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 7 de Janeiro de 1948, o filólogo e crítico Lindolfo Gomes publicou o seguinte artigo:

"*Louras e Morenas* — O consagrado romancista e homem de letras Raul de Azevedo presenteou-nos gentilmente com um nítido exemplar de seu recente romance — "*Louras do Sul — Morenas do Norte*".

O tema das louras e morenas, como não se ignora, não é novo, mas nem por isso menos interessante se nos depara, pois pode ser tratado e discutido sob diferentes aspectos, como, por exemplo, quanto às características que predominam no físico e no moral dos dois tipos femininos, em particular quando procedentes estes de determinadas zonas etnográficas, respectivamente do Sul e do Norte do país, como os do tema de nosso primoroso romancista, sugerindo a propósito problemas psicológicos, étnicos e sociais, apresentados naturalmente no desenvolvimento de sua obra, já fartamente elogiada pela crítica.

Na verdade desde tempos remotos que se discute o assunto, dividindo-se as opiniões, sem que se tenha chegado a soluções definitivas. Quais as mulheres física e moralmente mais belas: as morenas ou as louras?

Chegou-se até a discutir se a Virgem Maria seria clara ou morena, citando-se mesmo aquelas palavras a ela atribuídas: *Nigra sum, sed formosa*. Concluíram alguns exegetas do Evangelho ter sido morena. Outros interpretam a frase de modo diferente, entendendo que a Virgem queria dizer que era da casta de pecadores, aos quais a culpa fez negros, afeiando-lhes a formosura das almas, porém que ela não era assim como eles, porque em sua alma nunca houve culpa nem mancha de pecado e, por isso, era formosa.

De fato, disse Jerônimo de Alcalá ("El Donado", 2ª parte, 287) que já nos "Cantares" se alude, em uma passagem, a esse sentido, neste dizer: "não me considereis como aos demais filhos de Adão, de quem todos hão saído, eu, porém, sou diferente, porque o sol me deu resplendor e lustre, purificando e apartando de mim tudo que era fealdade, obscuridade e sombras."

Jerônimo de Alcalá era, como muitos sabem, escritor clássico espanhol, nascido em 1563. Na citada obra escreveu longamente sobre a cor epidérmica da Santa Virgem.

No Brasil houve também discussão sobre se Marília de Dirceu, a noiva de Gonzaga, seria clara ou morena, chegando-se por fim a concluir ter sido morena, e de cabelos pretos e não louros, debate do qual participamos, defendendo esta conclusão.

Casimiro de Abreu preferia as claras às morenas. Dedicando umas sextilhas a certa eleita sua, que se chamava Clara, numa das últimas estrofes escreveu: "Não sabes, Clara, que pena — Eu teria se morena — Tu fosses em vez de clara! Talvez. Quem sabe?... não digo... — Mas, refletindo comigo, — Talvez, nem tanto te amara"

E em outra: "Mulher morena é ardente, — Prende o amante demente — Nos fios de seu cabelo; — ▲ clara é sempre mais fria, — Mas dá-me licença, um dia — Que eu vou arder no teu gelo!"

Guerra Junqueiro, ao contrário, é pelas morenas, e assim se manifesta, nas estrofes finais da poesia "Morena", de "A Musa em Férias": "E olha que foram — Morenas e bem — As moças mais fiças — De Jerusalém. — E a Virgem Maria. — Não sei... Mas seria — Morena também". — "Moreno era Christo — Vê lá, depois disto, — Se ainda tens pena — Que as mais raparigas — Te chamem morena!"

No folclore nacional corre também esta quadrinha popular, exaltando a beleza da mulher morena, a quem se dá preferência: Moça morena é quitute — Moça clara é canja fria; — Quero a morena p'fa sempre, — Não quero a clara pr'um dia.

Em seu belo e bem arquitetado romance, cujo enredo é simples e otimamente desenvolvido, sem complicações episódicas, mas escrito em excelente estilo, vê-se que a maior preocupação de Raul de Azevedo foi traçar uma perfeita crônica literária, social e panorâmica do Rio de Janeiro da atualidade, entremeada de judiciosos comentários a respeito de pessoas, fatos e cousas.

E' certo que, pelo menos de um dos conceitos expostos nesses comentários, ou modos de ver pessoal, divergimos excepcionalmente, haja vista a questão do divórcio, cuja adoção em nosso país é defendida por uma das personagens masculinas do romance, com ardoroso empenho.

Mas, como quer que seja, examinado em conjunto, só temos motivo para considerar primoroso o romance — "Louras do Sul — Morenas do Norte" — um dos melhores livros da bibliografia de ficção de 1947, o que, aliás, a ninguém surpreenderá, pois, há muito, figura Raul de Azevedo na primeira linha dos romancistas nacionais dos últimos tempos. — L. G."

ÍNDICE

	PÁGS.
O Maranhão e as suas glórias	11
Aluizio Azevedo, romancista do Brasil	51
Senador Antonio José de Lemos	85
Senador Dr. Silverio José Nery	117
General Dr. Fileto Pires Ferreira	141
O Amazonas e alguns vultos do seu panorama in- telectual	161
O escritor da "A Amazônia"	201
Affonso Penna no Amazonas	211
Algumas opiniões sôbre "Louras do Sul, Morenas do Norte"	231

Este livro de ensaios, com 250 páginas, composto nas oficinas gráficas de Rodrigues & Cia. ("Jornal do Commercio"), foi impresso em papel Bufon de 1.^a, com 55 quilos, com capa em cartão marfim, desenhada por Lanceta. A sua confecção terminou no dia 15 de Abril de 1948.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

